



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR
EM CIÊNCIAS HUMANAS - PPGICH

GEORGIA POZZETTIDAOU

**DO CEDRO À SERINGUEIRA: MEMÓRIAS DA COMUNIDADE SÍRIO-LIBANESA
NO AMAZONAS**

Manaus – AM
2021

GEORGIA POZZETTIDAOU

**DO CEDRO À SERINGUEIRA: MEMÓRIAS DA COMUNIDADE SÍRIO-LIBANESA
NO AMAZONAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas - PPGICH/UEA, como requisito final para obtenção do título de mestre em Ciências Humanas (Teoria, História e Crítica da Cultura).

Orientadora: Profa. Dra. Lúcia Marina Puga Ferreira

Manaus – AM
2021

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

D211c Daou, Georgia Pozzetti
Do Cedro à Seringueira: Memórias da comunidade Sírio Libanesa no Amazonas / Georgia Pozzetti Daou. Manaus : [s.n], 2021.
134 f.: color.; 29 cm.

Dissertação - Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas - PPGICH/UEA - Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2021.
Inclui bibliografia
Orientador: Lúcia Marina Puga Ferreira

1. Memória. 2. Migração. 3. Amazonas. 4. Sírio libaneses. I. Lúcia Marina Puga Ferreira (Orient.). II. Universidade do Estado do Amazonas. III. Do Cedro à Seringueira: Memórias da comunidade Sírio-Libanesa no Amazonas

Elaborado por Jeane Macelino Galves - CRB-11/463

GEORGIA POZZETTIDAOU

**DO CEDRO À SERINGUEIRA: MEMÓRIAS DA COMUNIDADE SÍRIO-LIBANESA
NO AMAZONAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas - PPGICH/UEA, como requisito final para obtenção do título de mestre em Ciências Humanas (Teoria, História e Crítica da Cultura).

Orientadora: Profa. Dra. Lúcia Marina Puga Ferreira

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Lúcia Marina Puga Ferreira – UEA/PPGICH
Orientadora

Profa. Dra. Tatiana Lima Pedrosa – UEA/PPGICH
Examinador interno

Profa. Dra. Carla Monteiro de Souza – UFRR/PPGSOF
Examinador externo

Ao meu avô Robert (*in memoriam*), que
plantou em mim a semente de manter os laços
familiares.

Aos imigrantes sírio-libaneses que escolheram
fazer do Amazonas seu lar.

AGRADECIMENTOS

Ouvi muito que o processo da Pós-Graduação é solitário, mas no decorrer desses dois anos, a solidão, mesmo diante de uma pandemia, passou longe de mim. Muitos destinos foram cruzados, muitas conversas foram trocadas, muito afeto foi compartilhado, e entre tantos encontros, reencontros, perdas e descobertas, esta pesquisa foi concluída. Aqueles que reverencio aqui foram essenciais para esse processo, portanto, agradeço:

À Deus, que por caminhos sinuosos me conduziu gentilmente durante toda a vida e todo o processo de mestrado. Agradeço também, à Santíssima Virgem Maria, que segurou em minhas mãos muitas vezes durante a escrita.

Ao meu pai, Jorge, que apoiou minha decisão, se entregou à pesquisa e tornou possível minha dedicação integral ao mestrado durante a maior parte deste.

À minha mãe, Gislaine, exemplo de perseverança, que sempre incentivou minhas empreitadas educacionais, profissionais e pessoais.

Ao meu tio Valmir, que com certeza é meu maior incentivador acadêmico, além de ser exemplo de ética e dedicação à profissão.

À minha irmã Julia, por me incentivar a buscar meus sonhos.

À minha irmã de coração, Mariana, por estar ao meu lado em todos os momentos da vida; palavras sempre irão faltar para agradecer.

À Barbara, que foi fiel e atenta leitora das muitas versões do trabalho.

À minha orientadora e agora amiga, Profa. Dra. Lúcia Puga, sem a qual não teria sido possível iniciar e seguir nessa gratificante jornada.

Aos amigos que o mestrado me trouxe, principalmente Maria, Luiz, Luan, Luciano, Jean, Hérika e Rafael, que acompanharam a jornada de perto, e dentre todas as obrigações que a pós-graduação exigiu, tornaram essa aventura leve e até divertida.

Aos participantes da pesquisa, que doaram seu tempo e compartilharam suas memórias para que a nossa história fosse registrada.

Aos tios, primos, afilhados e amigos, que por muitas vezes me viram ausente, mas sempre incentivaram minha jornada.

Vocês fazem parte de mim, obrigada.

“conhecemos algumas pessoas, algumas coisas, alguns pedaços de paisagens, de ruas, alguns livros. Presenciamos alguns fatos, mas não presenciamos a maior parte dos fatos sobre os quais conversamos. Confiamos, porém, nas pessoas que viveram e presenciaram esses fatos, e o pensamento e o discurso cotidiano se alimentam dessa confiança social”
(BOSI, 2003, p. 115)

RESUMO

Esta pesquisa se debruça nas memórias dos descendentes sírio-libaneses no Amazonas, buscando dar visibilidade à participação desses imigrantes no desenvolvimento da sociedade amazônica. Consideramos que as memórias dos mais velhos são importantes elos para a continuidade cultural de um povo, por isso, foram selecionadas dez pessoas para participarem do estudo, considerando serem da terceira geração, maiores de sessenta anos e que fazem parte de uma mesma rede social, formada na época dos primeiros imigrantes. A metodologia utilizada refere-se a pesquisa bibliográfica, que colabora no entendimento dos movimentos migratórios dos sírio-libaneses para o Brasil; e a história oral, que através de entrevistas, possibilita a (re)visitação das memórias compartilhadas. Ao revelar essas narrativas compartilhadas, faz-se um panorama de como cada participante enxerga a imigração de seus antepassados e a continuidade da cultura sírio-libanesa atualmente. Na composição dessa dissertação, participam, além das narrativas, os acervos pessoais dos entrevistados, revelando como atuam na constituição das memórias e no reconhecimento das origens sírio-libanesas. A pesquisa foi realizada nos anos de 2019 e 2020, sendo as entrevistas aplicadas por telepresença, de acordo com as diretrizes para o isolamento social da Covid-19. Para fechamento desse estudo, considera-se que as memórias dos entrevistados ainda carregam elementos que os levam a serem reconhecidos como sírio-libaneses, assim como revelam a vontade pela continuidade dessas memórias às novas gerações, ainda que a cultura de origem seja afetada pela cultura local.

Palavras-chave: Memória; Migração; Amazonas; Sírio-libaneses.

ABSTRACT

This research focuses on the memories of Syrian-Lebanese descendants in Amazonas, seeking to give visibility to the participation of these immigrants in the development of Amazonian society. We consider that the memories of the elders are important links for the cultural continuity of a people, therefore, ten people were selected to participate in the study, considering they are third generation, over sixty years old and who are part of the same social network, formed at the time of the first immigrants. The methodology used refers to bibliographic research, which collaborates in the understanding of the migratory movements of the Syrian-Lebanese to Brazil; and oral history, which, through interviews, enables the (re)visitation of shared memories. Revealing these shared narratives provides an overview of how each participant sees the immigration of their ancestors and the continuity of Syrian-Lebanese culture today. In the composition of this dissertation, in addition to the narratives, the personal collections of the interviewees participate, revealing how they act in the constitution of memories and in the recognition of Syrian-Lebanese origins. The survey was conducted in the years 2019 and 2020, and the interviews were applied by telepresence, according to the Covid-19 guidelines for social isolation. To close this study, it is considered that the interviewees' memories still carry elements that lead them to be recognized as Syrian-Lebanese, as well as revealing the desire for the continuation of these memories to the new generations, even though the culture of origin is affected by culture place.

Keywords: Memory; Migration; Amazonas; Syrian-Lebanese.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Principais famílias sírio-libanesas do Amazonas na década de 1990	23
Figura 2: Mapa da divisão do Império Otomano	28
Figura 3: Recebedores e consignatários de borracha entre os anos 1908 e 1916	32
Figura 4: Quadrilátero comercial sírio-libanês no Centro de Manaus	34
Figura 5: Bandeira do Líbano	49
Figura 6: Brasão da Igreja Maronita no qual é possível localizar o Cedro do Líbano	49
Figura 7: Primeiro computador de Manaus, pertencente à família Daou, composto por, da esquerda para a direita: digitadora, perfuradora de cartões, leitora de cartões e classificadora	64
Figura 8: Árvore genealógica da família Daou - parte 1	74
Figura 9: Árvore genealógica da família Daou - parte 2	75
Figura 10: Receita do Fuechet ou Al Amate (Doce do Dia de Reis).....	82
Figura 11: Receitas de kibe e charuto	83
Figura 12: Naha e Hassan Hatoum	90
Figura 13: Hassan Hatoum na loja Esquina das Sedas	91
Figura 14: Naha e os filhos Marly e Milton Hatoum na loja Esquina das Sedas	91
Figura 15: Hassan e Naha Hatoum em viagem ao Líbano	92
Figura 16: Adib e Alexandre Abboud	94
Figura 17: Avô de Jorge Abboud.....	95
Figura 18: Philippe e Brigita Daou	96
Figura 19: Marie, Joseph e Saloua Francis	97
Figura 20: Da direita para a esquerda, Emil, Elias, Amine e Joseph Francis	97
Figura 21: Robert e sua esposa em Batroun, acompanhados de dois parentes libaneses	98
Figura 22: Retratos de Bento Fadoul e Philippe Daou	99
Figura 23: Retrato de George Daou.....	100
Figura 24: Robert Philippe Daou em seu escritório	100
Figura 25: Narguilé de Marly Hatoum	103
Figura 26: Alcorão que pertencia a Hassan Hatoum	104
Figura 27: Registro Nacional de Estrangeiro do Sr. Philippe Daou	106
Figura 28: Carteira de Identidade de Philippe Daou	106
Figura 29: Comenda Ordo Romanus Princeps de Jorge Daou	107
Figura 30: Carta de Robert Daou para Georges Daou do Líbano (parte 1).....	108
Figura 31: Carta de Robert Daou para Georges Daou do Líbano (parte 2).....	108

Figura 32: Bilhete de Philippe para Robert Daou (1)	109
Figura 33: Bilhete de Philippe para Robert Daou (2)	109
Figura 34: Reportagem no jornal libanês AN-NAHAR sobre Robert Philippe Daou.....	110
Figura 35: Caixa de madrepérola de Elizabeth Azize (1)	111
Figura 36: Caixa de madrepérola de Elizabeth Azize (2)	112
Figura 37: Quadro de recordação do Líbano pertencente a Elizabeth Azize	113

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Quantitativo de publicações sobre a imigração sírio-libanesa por palavra-chave e subcategoria	40
---	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Proporção de teses e dissertações desenvolvidas entre 2010 e 2019 com a temática da imigração sírio-libanesa	39
Gráfico 2: Percentual de publicações sobre a imigração sírio-libanesa de acordo com as subcategorias de pesquisa	41

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ACLJA Academia de Ciências e Letras Jurídicas do Amazonas

ALCEAR Academia de Letras e Artes do Amazonas

ALEAM Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas

APCA Associação Paulista de Críticos Teatrais

CAAE Certificado de Apresentação de Apreciação Ética

CAPES Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEP Comitê de Ética em Pesquisa

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IGHA Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas

PIB Produto Interno Bruto

REI Rede de Emissoras Independentes

RNE Registro Nacional de Estrangeiro

TCLE Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UA Universidade do Amazonas

UEA Universidade do Estado do Amazonas

UFAM Universidade Federal do Amazonas

UnB Universidade de Brasília

Unesco Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a
Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
1. O TEMPO ENTRE MEMÓRIAS.....	21
1.1. Os <i>Brimos</i>: sujeitos da pesquisa	22
1.2. Trajetos da pesquisa	24
1.3. Além do Mediterrâneo	27
1.4. Explorando horizontes	37
1.5. Velho, lar da memória	43
2. CAFÉ COM OS <i>BRIMOS</i>	52
2.1. Família e relações: a rede sírio-libanesa no Amazonas	55
2.2. Trabalho nos rios e em terra firme	59
2.3. Educação: a polidez também no agir	66
2.4. A memória árabe dos escritores amazonenses	69
2.4.1. Milton Hatoum e a memória nas narrativas.....	69
2.4.2. Elizabeth Azize e o romance histórico.....	70
2.4.3. Pedro Lucas Lindoso e as crônicas regionais.....	71
2.4.4. Sálvia Haddad e as memórias autobiográficas.....	72
2.5. A força dos nomes: encontro e fuga	74
2.6. Cismas para todos os lados	77
2.7. Culinária: tradição unânime	80
2.8. Religião não se discute	84
3. ÁLBUNS DE FAMÍLIA.....	87
3.1. Fotografias	88
3.1.1. Álbum dos Hatoum.....	90
3.1.2. Álbum dos Abboud.....	93
3.1.3. Álbum dos Daou.....	96
3.2. Outros arquivos	101
3.2.1. Arquivo Hatoum.....	102
3.2.2. Arquivo Daou.....	105
3.2.3. Arquivo Azize.....	111
3.3. Desejos para as próximas gerações	113
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	118
REFERÊNCIAS.....	122
Livros e Capítulos de Livro	122

Teses e Dissertações	124
Artigos em Periódicos	126
Eventos	128
Documentos de Acesso Exclusivo por meio Eletrônico	128
Citação de Citação	129
Órgãos Oficiais	130
Artigos de Jornal	130
Legislação	130
ANEXOS	131
ANEXO I - TRADUÇÃO CARTA DE ROBERT DAOU PARA O PRIMO GEORGES	131
ANEXO II – TRANSCRIÇÃO DO BILHETE DE PHILIPPE DAOU PARA SEU FILHO ROBERT.	132
ANEXO III – TRADUÇÃO DA REPORTAGEM PUBLICADA NO JORNAL AN-NAHAR, EM JULHO DE 2007, SOBRE ROBERT DAOU	133

INTRODUÇÃO

Meu avô, Robert Philippe Daou, sempre foi muito organizado e gostava de guardar os registros familiares em um único lugar, o Arquivo, nome que ele mesmo adotou e que utilizamos até hoje. No Arquivo do vovô tem de tudo: uma central telefônica antiga, bicicleta *Raleigh*, cartas, fotos, jornais e uma infinidade de documentos que guardam alguns registros do Amazonas do século XX. Foi remexendo no Arquivo que surgiu a motivação para iniciar essa pesquisa, afinal, ali tem muitas lembranças armazenadas, que não são só da minha família, mas de toda a comunidade sírio-libanesa e amazonense. Assim, esta pesquisa objetiva dar visibilidade às memórias dos descendentes sírio-libaneses, entendendo-as como complemento histórico, ampliando, assim, a enunciação da participação ativa desse povo para a construção da sociedade amazônica. Como objetivos específicos, buscamos refletir sobre a memória do idoso e a contribuição que esta traz para a História; analisar as memórias dos descendentes sírio-libaneses considerando os diferentes aspectos que envolveram a migração de seus antepassados; demonstrar de que forma as memórias dos imigrantes sírio-libaneses ressoa em seus descendentes.

A partir do comércio da borracha, que concedeu ao Amazonas a perspectiva de um novo Eldorado, migrantes e imigrantes de muitas partes do mundo, inclusive os sírio-libaneses, vieram para essa região do Brasil. De acordo com Samuel Benchimol (2009), os sírio-libaneses tiveram importante participação na economia e sociedade amazônica, atuando inicialmente como regatões e posteriormente, expandido os seus negócios. Embora discriminados no início, resistiram e foram além da mascateação, destacando-se em diversas áreas como literatura, turismo, comunicação e política.

De acordo com Murilo Meihy (2016), foi por volta de 1880 que se iniciou o processo migratório dos sírio-libaneses para o Brasil. Tal processo inspira inúmeras pesquisas, cujas abordagens vão desde a culinária ao empreendedorismo. Entretanto, no que concerne ao estado do Amazonas, esses trabalhos ainda não são suficientes para entendermos as ressonâncias da participação dos sírio-libaneses no desenvolvimento econômico, cultural e social de nosso estado, como será mostrado adiante em um levantamento de pesquisas realizadas com essa temática.

Partindo do princípio de que a História¹ se faz conhecida a partir do olhar de quem a escreve, entendemos que a cada nova pesquisa que surge, novos olhares são lançados e outros conhecimentos são agregados acerca da migração e da permanência dos sírio-libaneses no Amazonas. Jacques Le Goff (2013, p. 411) afirma que memória e história se retroalimentam de forma a procurar “salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens”; portanto, ouvir os descendentes dos imigrantes sírio-libaneses é importante para traçar como foi criada a representação dessas pessoas e dos seus empreendimentos na sociedade. Procura-se desta forma projetar a maneira de viver as redes sociais migratórias, dando visibilidade ao ser humano que aqui veio e à sua inserção como um ator social, cujas realizações influenciaram a forma de viver e o cotidiano do que hoje conhecemos como população amazônica.

Entendendo que a memória, juntamente com a linguagem, faz parte das narrativas de fontes orais, e ambas estão ligadas a um passado-presente² em que a verdade vai sendo ressignificada, reconstruindo-se a cada novo olhar, é a partir da perspectiva de idosos descendentes desse povo, coletadas nas entrevistas que realizamos, que nos questionamos sobre o que ainda pode ser evidenciado acerca da imigração sírio-libanesa no Amazonas; que lacunas podem ser preenchidas e como essa pesquisa pode contribuir para desvelá-las e trazer à luz personagens e narrativas que, registrados na memória dos seus descendentes, são relevantes ainda hoje.

Para dar suporte ao desenvolvimento da pesquisa, aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade do Estado do Amazonas (CEP-UEA), sob o CAAE nº 31239920.1.0000.5016, um conjunto diversificado de fontes foram utilizadas: entrevistas semiestruturadas, relatos biográficos, artigos, dissertações e teses, de forma a dialogar com o cenário já estabelecido por outros pesquisadores.

Além da proximidade já existente com os sujeitos da pesquisa, a escolha de realizar as entrevistas junto aos idosos que são descendentes de imigrantes sírio-libaneses deu-se por causa da rica memória que possuem. Em suas lembranças, encontramos diferentes enredos da chegada desses imigrantes no Amazonas, o estabelecimento deles na região, a vida que levaram nos anos iniciais, e principalmente, notamos como as memórias refletem o modo de

¹ Nesse momento, ressalto que o termo história utilizado no decorrer do texto, se refere ao caráter narrativo da história, uma vez que, de acordo com Roland Barthes (2001), “a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há, nunca houve em lugar nenhum povo algum sem narrativa” (p.103).

² “A rememoração dá forma aos nossos elos de ligação com o passado, e os modos de rememorar nos definem no presente. Como indivíduos e sociedades, precisamos do passado para construir e ancorar nossas identidades e alimentar uma visão do futuro.” (HUYSSSEN, 2000, p. 67)

vida dos descendentes na atualidade. Segundo Ecléa Bosi (2003), os idosos compõem um grupo fragilizado, que muitas vezes está perdido nas transformações da cidade e cuja consciência de sua identidade vai perdendo as referências. Ainda de acordo com a autora, os idosos são capazes de recuperar aspectos do nosso passado que ampliam a experiência do presente. É nessa perspectiva que investimos nessa pesquisa, pois consideramos também que as memórias guardam elementos afetivos únicos que são pontos chave para as narrativas que cada entrevistado pôde nos trazer.

No decorrer do primeiro capítulo, identificamos quem são os sujeitos da pesquisa e explicamos melhor a história oral, metodologia utilizada para o desenvolvimento desse trabalho, bem como uma aproximação teórica sobre o histórico da imigração sírio-libanesa e o que já foi abordado por outros pesquisadores no cenário brasileiro, a partir de um levantamento das teses e dissertações desenvolvidas. Além disso, percebemos a memória como um artefato para a construção de novos conhecimentos, partindo da diferença entre memória e lembrança, e, em seguida, indo para um debate sobre como as memórias de idosos contribuem para diferentes dimensões da história que conhecemos.

No segundo capítulo, as vozes dos descendentes entrevistados serão registradas e a partir delas surgem novos entendimentos sobre o cotidiano de seus antepassados no Amazonas, as formas como as redes de contatos se relacionam ainda hoje, os modos de vida dessa comunidade enquanto brasileiros de origem árabe, a importância de manterem vínculos com familiares distantes, o desenvolvimento profissional que levou esses imigrantes a serem reconhecidos como comerciantes “natos” e como alguns escritores descendentes de sírio-libaneses encontraram na literatura uma forma de registrar suas memórias e a história desta migração. Além disso, trazemos também outros elementos que são considerados pelos participantes da pesquisa como importantes características de seus antepassados, como a preocupação com a educação formal e de etiqueta, a culinária (que as vezes contava com itens importados, mas na maior parte do tempo precisava ter os ingredientes adaptados), os preconceitos naturalizados pelos descendentes e o papel também social da religião.

No terceiro capítulo, ganham destaque os registros que os próprios entrevistados se sentiram à vontade para partilhar. As fotografias remontam pequenos instantes vividos por seus antepassados e até mesmo pelos participantes da pesquisa e são capazes de revelar lembranças que ainda não haviam sido compartilhadas durante as entrevistas, principalmente as que dizem respeito ao retorno ou visita ao país de origem. Outros arquivos, como cartas, jornais e objetos decorativos nos foram apresentados e enriqueceram ainda mais a pesquisa,

mostrando que mesmo os itens materiais carregam uma essência imaterial para aqueles que as guardam com carinho.

A memória traduzida em palavras é o que revela essa pesquisa, dessa forma desejamos oferecer, pelo viés da memória, outros olhares para o processo migratório dos sírio-libaneses no Amazonas e assim estimular novas pesquisas que venham somar à nossa história, nem tão antiga, mas certamente muito presente em nosso cotidiano.

1. O TEMPO ENTRE MEMÓRIAS

A vida começa verdadeiramente com a memória

(Milton Hatoum)

A memória tem sido explorada cientificamente como um elemento importante na formação de identidades, sejam elas individuais ou coletivas (LE GOFF, 2013, p.410), já que esta carrega em si uma abundância de informações cuidadosamente armazenadas, principalmente, nas mentes dos mais velhos. Para Ecléa Bosi (1994, p.82), “um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos”, ou seja, a memória dos idosos funciona como guardião da essência cultural e identitária de uma sociedade.

Susana Villas-Boas (2013) defende a ideia de que todos nós, de diferentes gerações, fazemos parte de um mesmo “tecido social”, portanto, se faz necessário também estudar os idosos, que tem participação efetiva na transmissão de memórias para os filhos, e principalmente para os netos, sendo grandes responsáveis pela preservação de tradições, culturas e costumes. Le Goff (2013, p.432) ainda demonstra que a abordagem da memória vai além do mundo científico, uma vez que as fontes memoriais estão menos nos registros escritos, e mais “nas palavras, nas imagens, nos gestos, nos ritos e nas festas; é uma conversão do olhar histórico”, conversão esta que ajuda a driblar o que o autor chama de “amnésia coletiva”.

Nesse contexto, entra em ação as histórias dos imigrantes, que foram repassadas aos seus descendentes, formando uma espécie de memória coletiva. Para Maurice Halbwachs (2003, p.56), a memória coletiva

envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. Ela evolui segundo suas leis, e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura, assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal.

Assim, percebe-se que a narrativa dessas memórias individuais constrói redes de memórias no coletivo.

Ainda sobre a coletividade das memórias, Michele Oliveira e Shirley Carreira (2011), ressaltam que ela é essencial na construção de uma identidade étnica, uma vez que a partir das lembranças de um grupo de pessoas surgem laços de pertencimento ou exclusão em relação à sociedade em que estão inseridos, corroborando com Le Goff (2013, p.435), que considera

que “são as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória”.

Nesse sentido, observa-se que a memória coletiva, que advém da oralidade, reforça o senso comum das tradições, uma vez que é construída de forma a legitimar fatos que dizem respeito a uma história, que pertence a vários indivíduos, e que muitas vezes se documenta pela escrita. Entretanto, para Boaventura Sousa Santos (2002), o conhecimento científico depende da existência do senso comum, e por isso, primeiro se distancia para instruir-se, e depois retorna ao senso comum para educá-lo. Somente a partir desse leve distanciamento, o pesquisador e a população podem trabalhar em conjunto na construção de uma teoria de tradução³, lidando com a existência das diferenças. Assim, qualquer tipo de pesquisa está sempre em construção, e as que envolvem pessoas e tempos divergentes, não seriam diferentes. Elas podem ser baseadas em relatos orais, histórias de vida e biografias, uma vez que se entende que muitas contribuições podem surgir a partir do registro das narrativas dos participantes.

1.1. Os *Brimos*: sujeitos da pesquisa

No decorrer de sua história, o Amazonas recebeu diversos imigrantes que contribuíram para a formação sociocultural do estado (BENCHIMOL, 2009), dentre eles estão os imigrantes sírio-libaneses, grupo ao qual pertencia meu bisavô, Philippe Daou. Cresci ouvindo as histórias da vida dessa comunidade aqui na região, e a cada conversa sempre surgiam personagens diferentes, com conexões inexplicáveis, os famosos *brimos*⁴.

Nas histórias ouvidas de meu avô, observei que existe uma comunidade estabelecida desde a chegada dos primeiros imigrantes, conforme veremos nos próximos tópicos, que funcionou como uma espécie de herança para a geração dele e que ainda hoje se estende às gerações seguintes. Assim, desde a concepção do Projeto de Pesquisa, eu já tinha em mente alguns dos participantes e protagonistas do trabalho aqui desenvolvido, e a partir disso,

³ “O trabalho de tradução visa esclarecer o que une e o que separa os diferentes movimentos e as diferentes práticas, de modo a determinar as possibilidades e os limites da articulação ou agregação entre eles. Dado que não há uma prática social ou um sujeito coletivo privilegiado em abstrato para conferir sentido e direção a história, o trabalho de tradução é decisivo para definir, em concreto, em cada momento e contexto histórico, quais as constelações de práticas com maior potencial contra hegemônico” (SANTOS, 2002, p. 266).

⁴ Não necessariamente se refere a primos biológicos, mas a qualquer pessoa com origem árabe, com quem tenhamos proximidade e/ou estabelecemos laços.

formamos o perfil do participante: pessoas com 60 anos ou mais, pertencentes à segunda ou terceira geração de descendentes de sírio-libaneses que tivessem imigrado entre o final do século XIX e início do século XX, período identificado por Meihy (2016), como o ápice da imigração libanesa para o Brasil.

Corroborando com a perspectiva da nossa pesquisa, utilizamos como base as principais famílias sírio-libanesas do Amazonas na década de 1990, elencadas por Benchimol⁵ (2009), dispostas na figura 1:

Figura 1: Principais famílias sírio-libanesas do Amazonas na década de 1990

Abdala	Abdon	Abinader	Abrahão
Abraham	Abujanra	Acram	Ahmoud
Akel	Ale	Aleme	Ali
Amud	Antar	Antônio	Assad
Assef	Assem	Assi	Assmar
Atala	Aucar	Ayoub	Ázaro
Azize	Ballut	Baydoun	Bazi
Bichara	Bitar	Bouchabki	Bouhid
Bulbol	Caram	Carin	Chaar
Chady	Chain	Chamiê	Chamma
Chediak	Chehuan	Chibly	Cury
Daher	Daou	Dib	Dibo
Elias	Fadel	Fadul	Fahrat
Fares	Faride	Fayad	Fecury
Frajji	Fraxe	Gamel	Gorayeb
Habib	Haddad	Hagge	Haikal
Harb	Hatoum	Hauache	Hayek
Hissa	Ismail	Jatene	Jezine
Jorge	Kairala	Kalif	Kalil
Karam	Kinzen	Kouri	Kuara
Lasmar	Mady	Makaren	Maklouf
Mamed	Mamude	Mansour	Marad
Menassa	Merchak	Miguel	Monassa
Mousse	Mubarac	Muneyme	Mussa
Mustafa	Mutran	Nadaf	Nagib
Naguib	Nasser	Nicolau	Rage
Raman	Razac	Reston	Saad
Sadala	Saed	Safer	Sahado
Sahdo	Said	Salame	Salem
Salum	Sarkis	Sayad	Sayeg
Seffair	Semen	Simão	Tadros
Tamer	Tufic	Tuma	Yacub
Yussef	Zoghbi		

Fonte: Samuel Benchimol - Formação social e cultural da Amazônia, 2009, p. 434

Nesta pesquisa entrevistamos 10 pessoas representantes de algumas dessas famílias, cuja escolha partiu das redes de contato herdadas pela família desta pesquisadora.

Considerando o escasso número de fontes bibliográficas que tratam especificamente da imigração sírio-libanesa no Amazonas, fator que será debatido mais à frente, considerou-se também a perspectiva do imigrante através da colaboração literária, reproduzida por escritores

⁵ Samuel Isaac Benchimol (1923 – 2002) é economista e professor de ascendência judia-marroquina. Benchimol contribuiu muito para o estudo da região amazônica em seus aspectos econômicos e sociais, tornando-se especialista no assunto. Além disso, é um dos fundadores das lojas de departamento Bemol, referência no varejo em toda a Amazônia (BLOG DO ROCHA, 2008).

amazonenses de origem sírio-libanesa, como forma de agregar memórias, uma vez que, alguns escritores pertencem ao grupo de sujeitos da pesquisa. Sendo assim, a literatura complementar as entrevistas, assim como arquivo familiar desta pesquisadora e as fotos, cartas, recortes de jornais etc. que coletamos junto aos entrevistados.

1.2. Trajetos da pesquisa

Consideramos que as memórias guardam elementos afetivos únicos, que são pontos-chave para as narrativas que cada entrevistado poderia nos trazer. A oralidade traz um certo movimento ao texto e à pesquisa que revela, além de grande conteúdo, muitos sentimentos. Dessa forma, chegamos à história oral como principal metodologia, embasada também pela pesquisa bibliográfica, uma vez que fontes orais e escritas se complementam e que, de acordo com Alessandro Portelli (1997, p.26), “têm em comum características autônomas e funções específicas que somente uma ou outra pode preencher (ou que um conjunto de fontes pode preencher melhor que a outra)”; o que nos acena para o entendimento de que, muitas vezes, as pesquisas precisam de mais de um instrumento de investigação, para assim, produzirem novos conhecimentos.

Iniciamos pela pesquisa bibliográfica, para que pudéssemos a partir dela “conhecer as diferentes contribuições científicas disponíveis sobre determinado tema” (CHINAZZO et al, 2008, p. 145), utilizando livros e artigos que abordam a questão migratória em geral, a migração sírio-libanesa pelo Brasil e os estudos sobre memória. Também consideramos enriquecedor fazer um levantamento de teses e dissertações desenvolvidas nos últimos dez anos, de maneira a expandir o conhecimento bibliográfico e nos inspirarmos em diferentes aspectos da imigração sírio-libanesa.

Arelado à história oral, utilizamos também o método biográfico que, de acordo com Marinalva de Jesus Oliveira *et al* (2013, p. 8), complementam-se, uma vez que a primeira prioriza o contexto social, o segundo prioriza o indivíduo e ambos entendem a subjetividade dos sujeitos. Mirian Goldenberg (2004, p.43) afirma que o método biográfico “é uma maneira de revelar como as pessoas universalizam, através de suas vidas e de suas ações, a época histórica em que vivem”; nessa esteira, entendemos que o método biográfico nos conclama para uma escuta sensível, mais precisamente atentar ao que nossos interlocutores dizem, uma vez que ouvir vai além de escutar. Ouvir, nesse caso, é agregar conhecimento do passado ao nosso presente. As cartas, os jornais, o gestual, os documentos oficiais e outras fontes que

usam as lembranças pessoais, também nos auxiliam nesse conhecimento abrangente e, por essa razão, tais elementos também serão objetos de estudo nessa pesquisa, pois, entendemos que representam a memória de vida dos imigrantes.

Com relação à história oral, em 2012, no evento intitulado Encontro Sesc Memórias⁶, com o tema “Memória, História Oral e Diferenças”, José Carlos Sebe Bom Meihy enfatizou que a história oral é um conjunto de procedimentos, que começa com um projeto e continua nas pessoas entrevistadas, a fim de responder às questões da sociedade. Corroborando com essa definição, Verena Alberti (2013, p. 29), afirma que “a história oral não é um fim em si mesma, e sim um meio de conhecimento”, ou seja, a história oral é uma metodologia que constrói o caminho da pesquisa, valorizando aqueles que contam a história e suas memórias, que até então estavam à margem de uma chamada história oficial. Alberti (2005, p.155) define objetivamente:

a História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador à fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente.

Sabe-se que existem diferentes tipos de história oral, a instrumental – que funciona como uma pesquisa independente; a plena – que busca analisar as entrevistas coletadas; e a híbrida – que abrange, tanto os elementos da história oral instrumental, quanto os da história oral plena. Com base nessas breves definições, elencamos a história oral híbrida para ser trabalhada na dissertação, uma vez que a coleta de entrevistas foi complementar à análise de documentos, livros, textos e outros produtos historiográficos que agreguem à temática (MEIHY; RIBEIRO, 2019).

A escolha da metodologia justifica-se pelo entendimento de que a história oral compreende narrativas pessoais que se incorporam aos fatos históricos pesquisados por outros meios. Sendo assim, as narrativas que buscamos foram coletadas através de entrevistas temáticas, nas quais os entrevistados ficaram livres para expor o que achassem necessário acerca da imigração de seus antepassados. A entrevista em história oral, além de dinâmica, traz como elementos principais a natureza e o contexto do que se conta (ERRANTE, 2000), dessa forma, a entrevista em história oral se faz diferente dos outros tipos de entrevista, já que

⁶ Trata-se de uma área do Serviço Social do Comércio de São Paulo (Sesc-SP), responsável pelo armazenamento de documentos e produtos desenvolvidos pela instituição. Ao longo dos anos, o Sesc Memórias tem promovido encontros que abordam os temas: história, memória, arquivo e patrimônio. O Encontro em questão foi realizado em julho de 2009 e está disponível ao público no canal Instrumental Sesc Brasil no *Youtube* desde 2012. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=QvPyJ-OjsuM&t=55s>>

considera também a linguagem corporal e coloca os participantes como os principais personagens desta pesquisa.

A perspectiva acerca da história oral nos acena como possibilidade de refletirmos sobre as experiências de vida por meio das narrativas compartilhadas pelos imigrantes sírio-libaneses com seus descendentes. Nesse sentido, Joël Candau (2014) acredita que existe uma relação social na memória, que pode ser mantida pela história oral. Esta abordagem encontra repercussão na preocupação de Walter Benjamin (1987) acerca do possível desaparecimento da narrativa oral, uma vez que somos cada vez mais afetados e inflacionados pelo desenvolvimento das ciências e das tecnologias.

Para nós, a experiência transmitida por meio das palavras auxiliou-nos na interação com os indivíduos entrevistados, e possibilitou a troca de experiências. Benjamin (1987) alega que as experiências trocadas são processos de construção de uma consciência histórica, essa consciência sustenta a identidade particular e pluralidade dos indivíduos. Para o autor, resgatar o processo de construção da consciência histórica é compreender fazeres e conhecimentos diferentes, o que através da conversa leva-nos a conhecer o outro.

Durante o ano de 2020 surgiu um grande obstáculo, a pandemia do Sars-CoV-2⁷, que obrigou o mundo a se reestruturar, e por isso, as entrevistas que inicialmente seriam todas presenciais, em local reservado e que proporcionasse conforto ao participante, precisaram ser também realizadas de forma virtual, a fim de preservar a saúde de todos os envolvidos e ao mesmo tempo, possibilitar que a pesquisa fosse desenvolvida dentro do prazo estipulado. Os participantes entrevistados presencialmente foram instruídos a permanecerem com equipamentos de proteção a todo o momento e com total liberdade de interromper ou remarcar a entrevista, caso se sentissem inseguros.

As entrevistas foram desenvolvidas a partir de dois tipos de roteiro: o primeiro, direcionado aos participantes em geral, foi dividido em três blocos de perguntas, que abordaram as seguintes perspectivas:

Bloco 1 - Identificação do entrevistado: traçamos o perfil do entrevistado, além do nome e idade, perguntamos qual a profissão que exerce, o nome dos antepassados migrantes, o grau de parentesco com ele.

⁷ A COVID-19, também conhecida como coronavírus, teve início ainda em 2019 na China e se alastrou pelo mundo de maneira muito rápida em 2020 (GUARNER, 2020), causando milhares de mortes. Em 17 de março de 2020 o Governo do Estado do Amazonas decretou regime de quarentena, devido aos casos reportados no estado, regime este que entrou em afrouxamento no início de junho do mesmo ano, porém, com parcela da população ainda muito cautelosa no que diz respeito a contatos físicos. A partir de janeiro de 2021, novas medidas de isolamento foram impostas, como forma de conter uma segunda onda da pandemia.

Bloco 2 - Memórias de antepassados: questionamos sobre o período em que o imigrante chegou no Amazonas e para qual cidade foram, o percurso até aqui, o motivo de terem escolhido essa região, a profissão que exerciam na Síria ou Líbano, se a imigração foi feita com a ajuda de alguém e se vieram acompanhados, se algum tipo de discriminação foi percebido ao chegarem, e quais memórias sobre a região de origem foram compartilhadas com os descendentes

Bloco 3 - Memórias construídas pelos descendentes: abordamos a manutenção das tradições dentro do eixo familiar, as proximidades culturais com o mundo árabe, as relações comunitárias com outros descendentes, a vida religiosa. Neste bloco também questionamos qual seria a principal herança sírio-libanesa para os entrevistados e se existe o interesse de transmitir essa herança para as próximas gerações.

O segundo roteiro foi destinado aos escritores amazonenses de origem sírio-libanesa, e acrescentamos aos blocos já mencionados, um outro, voltado às memórias motivadoras de seus escritos.

O material coletado foi inteiramente transcrito e, de acordo com algumas palavras que notamos serem frequentemente utilizadas na maioria das narrativas, surgiram categorias que tornaram possível verificarmos comparativamente as similaridades ou diferenças entre os relatos dos entrevistados, facilitando assim a análise das informações, já que em entrevistas semiestruturadas, o entrevistado organiza suas memórias da forma que lhe convém (MEIHY e RIBEIRO, 2019). Vale salientar que em todas as entrevistas registramos o consentimento da participação na pesquisa através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual solicitamos a autorização para divulgação do conteúdo recolhido por meio de gravação de vídeos e áudios das entrevistas. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado do Amazonas, CAAE nº 31239920.1.0000.5016.

1.3. Além do Mediterrâneo

A Síria e o Líbano se situam na costa do mar Mediterrâneo, uma localização considerada por Claude Hajjar (1985) como estratégica, e motivo pelo qual muitos povos diferentes passaram pela região desde a sua formação. Situados na costa do Mar Mediterrâneo e caracterizados geograficamente como passagem da Europa para o Oriente e África, todos os grandes impérios passaram e marcaram para sempre ambos os países quando das suas

campanhas de conquistas (HAJJAR, 1985); desde os fenícios, passando pelas dominações babilônica, persa, romana, islâmica, até os otomanos. De acordo com Ira Lapidus (1988), o Império Otomano se estabeleceu na região em que Síria e Líbano se encontram por aproximadamente 400 anos (entre 1517 e 1918) e se comprometeram em poupar judeus e cristãos de conflitos armados, diferente dos impérios anteriores, que os escravizavam.

Essa proteção otomana aos judeus e cristãos durou muitos anos, porém, aproximadamente em 1908, em virtude da Revolução dos Jovens Turcos, os otomanos começaram a recrutá-los, já que precisavam de mais homens em seu exército, o que já assinalava a proximidade de um fim do Império (TRUZZI, 2005, p. 91). Ao mesmo tempo, Inglaterra, França e outros países europeus cobiçavam o território que ficou conhecido como Oriente Próximo a fim de criarem bases de apoio na região, que era dotada de localização privilegiada, e que segundo Gattaz (2012), é o ponto médio entre Europa, Ásia e África. Pouco antes da Primeira Guerra Mundial, em 1916, Inglaterra e França firmaram o acordo Sykes-Picot, que já previa a derrota do Império Otomano, e dividia o Oriente Médio em vários estados menores, deixando o Líbano e a Síria sob o protetorado francês, e Palestina, Jordânia e Iraque sob tutela dos ingleses (LAPIDUS, 1988), como mostra a figura 2. O acordo em questão entrou em vigor assim que a Guerra terminou.



Fonte: Aula Zen <<https://aulazen.com/historia/particao-do-imperio-otomano-o-acordo-sykes-picot/>>

Tendo em vista os conflitos religiosos e as frequentes guerras na região, que mesmo antes da Primeira Guerra Mundial acarretaram em problemas de ordem econômica e social, uma parcela da população da Síria e Líbano migrou para a América, principalmente Brasil e

Argentina (HAJJAR, 1985; ANTONACCIO, 1996; MEIHY, 2016; TRUZZI, 2007). Juliana Dornelas (2008) aponta que os imigrantes vinham de Beirute para o Brasil através de navios em viagens que duravam em média trinta dias no mar, e geralmente faziam uma escala na cidade italiana de Gênova. Ao desembarcarem no Brasil, sírio-libaneses e todos os outros árabes que chegavam foram inicialmente identificados como turcos, já que vinham com a documentação do Império Turco-Otomano, e a população local não fazia diferenciação entre uma nacionalidade e outra. Leonardo Fígoli e Elaine Vilela (2004, p. 4) apontam que:

O início de uma corrente migratória livre de sírios e libaneses para o Brasil se dá no último quarto do século XIX. Antes dessa data, há registros de alguns poucos indivíduos que ingressaram ao país sob o rótulo genérico de “turcos-árabes”. Essa denominação foi aplicada a aqueles que viajavam com documentação emitida pela Turquia, que dominou a região do Oriente Médio por mais de 400 anos, e aos indivíduos pertencentes a algum dos numerosos países que constituíam o chamado Mundo Árabe. As circunstâncias em que ocorrera o deslocamento fez com que os imigrantes fossem logo classificados pelos agentes e pelas instituições governamentais, ao ingressar ao território brasileiro com várias designações genéricas como “turcos”, “árabes”, “turco-árabes” ou mesmo “sírio-libaneses”, o que explica a imprecisão dos registros oficiais por origem.

Nessa esteira, Oswaldo Truzzi (2002) afirma que por muito tempo os imigrantes árabes eram contabilizados sob a categoria de “outras nacionalidades”, e que somente a partir de 1908, nos portos de São Paulo, iniciou-se o registro dos imigrantes de acordo com a nacionalidade constante nos documentos que apresentavam na alfândega, assim, os sírio-libaneses foram recebidos e reconhecidos como cidadãos turcos. Entretanto, para esses imigrantes, os povos eram diferentes, o que exigiu estratégias de integração à sociedade local, porém, sem abandonarem suas “tradições culturais e sua identidade étnica – definida nos níveis particulares da *cidade* de origem, da *religião* e da *família*, e não em torno de uma ideia de *nação libanesa*” (GATTAZ, 2012, p.106), síria ou turca.

De acordo com Eliane Fersan (2005), a separação oficial da identidade turca só foi possível quando o governo francês solicitou aos consulados localizados nas Américas que fizessem um recadastramento⁸, com prazo determinado – entre 1921 e 1926 – da população árabe, no qual cada indivíduo deveria reconhecer sua cidadania (libanesa, síria ou turca); caso não houvesse atualização da cidadania no tempo estimado, a pessoa seria automaticamente reconhecida como turca. Entretanto,

⁸ O intuito desse recadastramento era fazer um levantamento de quais pessoas poderiam contribuir com a reconstrução política e econômica da Síria e do Líbano, além disso, esperava-se que essa aproximação aumentasse a confiança dos imigrantes das Américas com o governo francês. O então Ministro das Relações Exteriores da França acreditava que esse imigrante estaria engajado a participar do renascimento de seu país após a libertação do Império Otomano (FERSAN, 2005).

acostumados a serem tratados com desdém e chamados de “turcos” pelos brasileiros”, os sírio-libaneses tinham – segundo o cônsul francês de Belém do Pará – o interesse de adotar sua nacionalidade de origem para então gozar da proteção oficial concedida por uma potência mundial, respeitada pelo governo brasileiro. (...) De qualquer forma, optar pela nacionalidade de origem não queria dizer renunciar à nova nacionalidade adquirida no país de residência: o registro facilitava o retorno – temporário ou permanente – do interessado ao seu país natal sem que precisasse de um visto. Muitos sírio-libaneses não registrados reclamaram de serem tratados como estrangeiros dentro do próprio país (FERSAN, 2005, p. 12 – tradução própria)⁹.

Além de ficarem sob a proteção diplomática e consular francesa, essa renovação dos registros árabes possibilitou também uma atualização nos dados migratórios do Brasil. A partir desse registro, o imigrante pôde optar por sua nacionalidade de origem, mesmo sem renunciar à nova nacionalidade brasileira, ficando isento do serviço militar obrigatório – grande receio dos sírio-libaneses decorrente da conspiração militar otomana – em seus países de origem. Entretanto, os resultados dessa empreitada não são precisos, uma vez que os meios empregados e as dificuldades enfrentadas pelo corpo diplomático francês, no curso da missão, encontraram na extensão geográfica brasileira seu maior desafio, posto que havia apenas cinco pontos consulares franceses em todo o Brasil, sendo o de Belém do Pará, responsável, também, pelo Amazonas (FERSAN, 2005).

Outra questão que dificultou a renovação dos registros foi localizar os imigrantes, uma vez que esse movimento teve impulso voluntário;

a imigração árabe tem como característica básica o ser espontânea e livre, sem nenhuma participação direta de outras forças, além do impulso pessoal voluntário ou mesmo voluntarioso, enquanto os Estados europeus facilitavam a imigração organizada e baseada em acordo entre governos (HAJJAR, 1985, p. 89).

Mesmo não sendo uma imigração esperada pelas autoridades brasileiras, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2007) aponta que entre 1924 e 1933 entraram mais de 24 mil imigrantes sírios e libaneses no Brasil, ficando entre as seis etnias imigrantes mais representativas. De acordo com Truzzi (2002 e 2005), apesar de não haver dados sobre a distribuição dos sírio-libaneses no Brasil, nos primeiros anos de 1900, as principais regiões brasileiras que receberam esses imigrantes foram Amazônia e Sudeste. Knowlton (1961, p.65)

⁹ Texto original: “Mais “habitué à être traités avec dédain et appelés “Turcs” par les Brésiliens”, les SyroLibanais avaient – selon le consul de France à Belém do Pará – intérêt à adopter leur nationalité d’origine et par là même jouir d’une protection officielle accordée par une puissance mondiale respectée par les gouvernements brésiliens. (...) De toute façon, opter pour sa nationalité d’origine ne voulait pas dire renoncer à la nationalité nouvellement acquise dans le pays de résidence: l’immatriculation facilitait à l’intéressé son retour – temporaire ou permanent – à son pays natal sans avoir besoin d’un visa. Beaucoup des Syro-Libanais non immatriculés se plaignaient d’être traités comme des étrangers lorsqu’ils voulaient voyager dans leur propre pays.”

acrescenta que “o primeiro e mais importante [destino] durante esse período foi a Amazônia, devido ao surto de prosperidade da borracha, que começou logo depois da chegada dos primeiros libaneses”. Complementando essa ideia, Fersan (2005), afirma que o recenseamento implementado pela França apurou que existiam 20 mil sírio-libaneses no distrito Consular do Pará, no período de 1891 a 1926.

Empenhados em reconstruir suas vidas, porém sem verba para comprar suas próprias terras e se dedicarem à agricultura, como faziam na terra natal, a maioria dos sírio-libaneses que chegaram em solo brasileiro dedicaram-se ao comércio, inicialmente como mascates e regatões, e galgaram seus caminhos até abrirem lojas próprias e até mesmo indústrias, conforme ressalta Gattaz (2012, p.105):

Os libaneses prosperaram em seu comércio de tecidos e armarinhos e fizeram da Rua 25 de Março, em São Paulo, o centro irradiador a todo Brasil dessas mercadorias. E em seguida, se propuseram a fabricar as mercadorias de seu próprio comércio, entrando na indústria têxtil, o que logo eliminou a importação desses produtos.

Os que vieram especificamente para o Amazonas, entretanto, não seguiram inicialmente no mesmo ramo têxtil que os conterrâneos em São Paulo. Aqui, a borracha fomentou a economia e os sírio-libaneses que optaram por se estabelecerem na terra das seringueiras e dos seringais, empenharam-se em explorar essa *commodity*. Ainda que muitos não fossem donos de seringais, os serviços de recebimento e revenda do produto também foram desempenhados por esses imigrantes, como mostra Benchimol (2009) na figura a seguir, na qual elencou os principais comerciantes e as companhias de destaque, pertencentes aos sírio-libaneses presentes no Amazonas, no período entre 1908 e 1916, a partir de um levantamento, feito pelo próprio autor, nas edições da Revista da Associação Comercial do Amazonas.

Figura 3: Recebedores e consignatários de borracha entre os anos 1908 e 1916

Alberto Ibrahim	Jorge Dau
Abrahim Rassas	José D. Tadros
Assem Ibrahim Lahrse	Jorge Dau & Sobrinho
Aslem Ibrahim	Jorge Daher & Irmãos
Abdon Osman	José Dau
Assen Marad	Jorge & Jared
Aucar & Irmão	J. Amin & Irmãos
Abib & Irmão	Jorge Chaloup
Abdala Kalil	Kalil Mustafa
Cabil Mustafa	Kalil & Irmão
Cristo José Said	Miguel Daher & Irmão
Camilo Assef	Mamede Metebuk
Elias Pedro Dau	Mamede Safat
Elias Aboud	Mamede Abdalla
Fares Maklouf	Mustafa Credie & Stani
Fares Mansour & Irmão	Mustafa A. Checkril
Felix Mansour	Nagib Dau & Cia.
Fares & Mansour	N. Abud & Irmão
Houssein Abraham Lakis	Nasser Abud & Filhos
Habib & Irmão	Nagib Salem & Irmão
Ibrahim Ohab	Salem Mustafa
Ibrahim Ravosas	Toufic Garr & Cia.
Tufic Olias	Tufic Olias
Ibrahim Rannes	Tufic Tecuré

Fonte: Samuel Benchimol - A Formação Social e Cultural da Amazônia, 2009, p. 432

Como podemos ver na figura acima, a borracha foi o grande atrativo do Amazonas durante os anos 1850 a 1920, conhecido como o primeiro ciclo da borracha (MUNIZ, 2019). Nesse período, o estado do Amazonas ganhou mais destaque, especificamente Manaus, que ficou conhecida como capital da borracha, uma vez que, segundo Ana Maria Daou (2004, p.33) “foi durante o boom deste produto que a cidade ganhou visibilidade, projetando-se internacionalmente como uma cidade moderna, dotada de sofisticados meios de transporte e comunicação”. Mas, atrelados à produção da borracha existiam outras fontes de subsistência, e Truzzi (2005) afirma que os imigrantes sírio-libaneses não estavam interessados somente na extração do ouro negro, mas também na comercialização de mercadorias. Vale ressaltar que, para o Amazonas, “muitos trouxeram grandes somas em dinheiro, capital, valores em bens para revenda, e quando chegaram a nossos portos, já possuíam uma rica experiência de comércio” (ANTONACCIO, 1996, p.111), o que influenciou na forma em que se inseriram na sociedade amazonense. Marilia Emmi (2007, p. 157-158) aponta que:

sírios, libaneses e judeus marroquinos passaram a atuar no sistema de aviamento. Eram compradores e vendedores de produtos regionais e comercializavam produtos variados como gêneros alimentícios, tecidos, calçados, ferramentas, chapéus, perfumes, material elétrico e miudezas.

Segundo Belisário Arce (2018), os sírio-libaneses que se dedicaram ao comércio buscavam atender a população que explorava a borracha, fosse nas cidades ou mesmo nos

seringais localizados mata adentro, assim foram fincando suas raízes por toda a região. Nessa esteira, Benchimol (2009, p. 431) afirma que os imigrantes sírio-libaneses “levavam as fazendas e armazéns à periferia dos bairros pobres, para pagamento em prestações semanais e mensais, verdadeiros precursores do atual sistema de crediário”, o que resultou também no crescimento da economia local, uma vez que conforme o regatão evoluía nos negócios, seu capital aumentava, tornando possível que se firmassem em barracões e lojas por toda a Amazônia (Truzzi, 2005).

A transformação na forma de subsistência laboral desses imigrantes ficou tão marcada que até hoje sírios, libaneses e seus descendentes são reconhecidos como bons negociantes, dotados de destreza comercial e facilidade de barganha. Como afirma Gattaz (2012, p. 103), “não é à toa que o mascate firmou-se no imaginário popular como o estereótipo do imigrante sírio-libanês (...), carregando ao mesmo tempo atributos positivos como perseverança, coragem e honestidade, e negativos, como oportunismo suspeito”, e essa transformação foi crucial para o desenvolvimento da região amazônica, uma vez que através das novas formas de comércio introduzidas pelos sírio-libaneses, a região ganhou uma nova vida urbana.

Importante ressaltar que os imigrantes sírio-libaneses enviavam frequentes remessas de dinheiro aos familiares que estavam em seu país de origem, logo, o sucesso que alcançaram elevou seu *status* social, e as famílias passaram a planejar que os filhos viessem para o Amazonas, na expectativa de resolverem os problemas financeiros pelos quais passavam, uma vez que as oportunidades locais rendiam muito mais do que os padrões árabes em que estavam inseridos (TRUZZI, 2005; FERSAN, 2005). Luciana Nogueira (2011) afirma que os jovens sírio-libaneses, ao chegarem, conseguiam o primeiro emprego no negócio de um de seus compatriotas, que “agiam como verdadeiros empresários de vendedores ambulantes” (ANTONACCIO, 1996, p. 159), apelidados pelos amazonenses de teque-teque, por causa do barulho das bugigangas que carregavam consigo.

Um fator muito observado sobre esses imigrantes foi a relação entre casa e trabalho, que geralmente ocupavam o mesmo espaço, sendo o térreo destinado ao comércio, e os pisos acima exclusivamente para moradia. Sobre isso, Benchimol (2009, p.432 - 433) aponta que em Manaus,

os seus estabelecimentos comerciais, bem como as suas casas residenciais se localizavam, na sua grande maioria, na praça dos Remédios, ao longo das ruas dos Barés, Tabelaio Lessa, Barão de São Domingos (o preconceito ou o senso de humor do povo manauense fez chamar essa via de Rua da Calábria, no sentido pejorativo

um clube chamado Monte Líbano ou, como na cidade de Manaus, o Clube Sírio-Libanês do Amazonas, que foi fundado em 31 de maio de 1928¹⁰. Inicialmente o Clube situava-se na Rua Miranda Leão e possuía a alcunha de União Sírio-Libanesa, local em que a comunidade já realizava reuniões e festas. De acordo com a reportagem, “O Clube Sírio-Líbano-Brasileiro, na Amazônia já está quase organizado” do Jornal do Comércio (1948, p. 9), foi somente a partir de 1948 que, orientados por Michel Sáfady, conhecedor do funcionamento de outros clubes pelo Brasil, foi constituído o Clube Sírio-Líbano-Brasileiro no Amazonas. Hoje em dia o Clube continua em atividade, porém sua sede está localizada na Av. Constantino Nery.

Outro aspecto a considerarmos nesse processo migratório são as relações de poder; é possível identificar a mesma relação de poder que Elias e Scotson (2000) identificaram na comunidade de Winston Parva onde realizaram o estudo, porém, no contexto aqui explorado, os moradores locais seriam os estabelecidos, detentores de privilégios enquanto cidadãos brasileiros, e os turco de prestação¹¹ seriam os *outsiders*, excluídos por causa de sua cultura e língua; dessa forma, “a exclusão e a estigmatização dos *outsiders* pelo grupo estabelecido eram armas poderosas para que este último preservasse sua identidade e afirmasse sua superioridade, mantendo os outros firmemente em seu lugar” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 22). Benchimol (2009) confirma essa relação ao citar o combate constante das classes dominantes aos regatões libaneses na Amazônia, que conseguiam desafiar o monopólio seringalista, no comércio rio acima, em lugares que não poderiam ser acessados pelas linhas tradicionais dos vapores, e aos mascates, que em longas caminhadas ofertavam produtos a preços populares.

Se considerarmos os estudos de Edward Said (1990), a imagem do turco de prestação pode ser interpretada como fruto do Orientalismo enraizado na sociedade ocidental. O autor exemplifica a definição objetificada de quem seriam os orientais na visão ocidentalista de Lord Cromer (representante da Inglaterra no Egito) e Arthur Balfour (político britânico), em que o oriental é visto pelo ocidental

como algo que se julga (como em um tribunal), algo que se estuda e se descreve (como em um currículo), algo que se disciplina (como em uma escola ou prisão), algo que se ilustra (como em um manual zoológico). A questão é que em cada um desses casos o oriental é contido e representado por estruturas dominantes (SAID, 1990, p.50).

¹⁰ Informação apurada na página do facebook da Clube, uma vez que o mesmo não possui site e não retornou nosso contato. Disponível em <<https://www.facebook.com/clubesiriolibanes/photos/a.1851799024843175/1851799054843172>> Acesso em 03 de agosto de 2020.

¹¹ De acordo com Gattaz (2012), turco de prestação é o termo vulgar usado para identificar os sírio-libaneses que se dedicavam ao mascateamento ou comércio.

Fez-se então necessário uma busca pela adaptação à nova terra, ocasionando algumas transformações culturais, como a adequação ao idioma (HAJJAR, 1985). Ao chegarem no Brasil, os imigrantes falavam árabe, e uma das maiores dificuldades foi pronunciar palavras que continham as letras “p”, “v” e “g”, que não fazem parte do alfabeto árabe, e eram pronunciadas como “b”, “f” e “c”. Conforme exemplifica Wadih Safady (SAFADY, 1966, p. 200), as palavras eram trocadas “borta por porta, barte por parte, balavra por palavra” e “fitória em vez de vitória, farejo por varejo, faca em vez de vaga. O g é pronunciado como c em muitas palavras”. Além das letras mencionadas acima, o gênero de algumas palavras também é diferente entre os idiomas, como por exemplo, o sol e a lua, em árabe, são respectivamente de gênero feminino e masculino (SOUZA, 2007). Assim, buscando uma melhor adaptação ao novo idioma, alguns escolhiam por traduzir seus nomes. Safady (1966, p. 201) conta alguns casos de mudança de nome em São Paulo:

um dentista [...] que se chamava Abdulmajid Dáu, trocou seu nome para Hermenegildo Dáu da Luz”. A lógica desta troca é que “Hermenegildo por ser parecido com Abdulmajid, e Dáu (que significa luz) recebeu nova versão”. Há ainda outros exemplos: Nacif por Inácio, Khalil por Calisto, Ghozi por Ozi, Taufic por Teófilo, Melhem por Manoel, Fauzi por Fausto.

Essas alterações nos nomes ocorreram por todo o país, e aqui no Amazonas, Antonaccio (1996) registrou que Ahmed Mineymne se tornou Almeida Mineymne, Mohamed Jezini elegeu o nome de Felipe Jezini.

Ainda na esteira da ambientação que se fez necessária, a culinária sírio-libanesa, formada por especiarias e pratos típicos, sofreu alterações para que pudesse ser aceita pela população local, e para que pudessem continuar consumindo suas receitas. Manuel Diegues Junior (1990, p.146) explica que “de um lado, eles substituem as nozes e amêndoas pelas castanhas de caju nos seus doces, de outro lado, adaptam seu paladar aos pratos brasileiros, como a feijoada”. Aqui, abro aspas e registro a lembrança de um aniversário do meu pai em que eu e minha irmã insistimos para o cardápio ser todo tipicamente árabe. O banquete de *esfihas*, quibe, homus, pão árabe, charuto, cordeiro e *belewa* estava delicioso para o nosso paladar, mas os convidados, de origens diferentes da nossa acharam o gosto muito forte, principalmente do cordeiro, e tiveram que se contentar com o pão árabe e homus.

A culinária é sem dúvida ponto de discórdia entre os sírio-libaneses, alguns pregam que a melhor kafta é do restaurante X, outros defendem que é do restaurante Y, e ainda outros que sabem fazer melhor. É sem dúvida uma diversão ouvir os embates acerca da culinária,

especialmente porque os sabores são memórias temperadas por especiarias adaptadas para os ingredientes amazônicos.

É importante ressaltar que a colônia sírio-libaneses não ficou restrita à cidade de Manaus, alguns imigrantes, ao chegarem, não permaneceram na capital e partiram para cidades do interior, como Manacapuru, São Paulo de Olivença, Coari e Tefé, mantendo o interesse no comércio de miudezas (ANTONACCIO, 1996). Mais tarde, com o declínio do preço da borracha, retornaram para Manaus e empenharam-se em explorar outros ramos. Nogueira (2011, p. 53) explica que

o êxodo das populações rurais para a cidade, durante a crise dos anos 20 e 30, abriu novas oportunidades aos sírio-libaneses e seus descendentes. O declínio de muitas empresas líderes lhes abriu a oportunidade de se estabelecer no mercado de Manaus. Com o passar dos anos a corrente migratória sírio-libanesa se projetou com forte influência não apenas em meio aos grandes empresários amazonenses no campo comercial, industrial e de serviços, como também na área das profissões liberais, e em meio aos intelectuais e militantes políticos.

Ainda que uma parcela tenha migrado para outros estados por causa da estagnação econômica amazonense após o ciclo da borracha e seguida crise econômica após a Primeira Guerra Mundial, vários sírio-libaneses e seus descendentes permaneceram no Amazonas e enraizaram-se na região, não só como varejistas e industriários, mas também como advogados, médicos, engenheiros, economistas, administradores, escritores, professores e muitas outras profissões, o que segundo Benchimol (2009), fez com que a região perdesse em quantidade, mas ganhasse em qualidade, pois os que chegaram após esse período e os que ficaram, prosperaram em todas as áreas em que se inseriram.

1.4. Explorando horizontes

Diegues Junior (1980) afirma que somente entre as décadas de 1930 e 1940 é que surgiu a preocupação em estudar as culturas das diferentes nacionalidades existentes no Brasil, mas na verdade, “o que se desejava era tornar os grupos imigrados integralmente brasileiros, com o desaparecimento impossível de seus valores de cultura” (1980, p. 23). Tal artifício é próprio das nações novas, em que a nacionalidade chega pelo nascimento no país e não pela origem sanguínea, de outro lado, o antropofagismo do movimento Modernista propunha a apropriação do estrangeirismo para a construção do nacional, ou seja, buscava-se

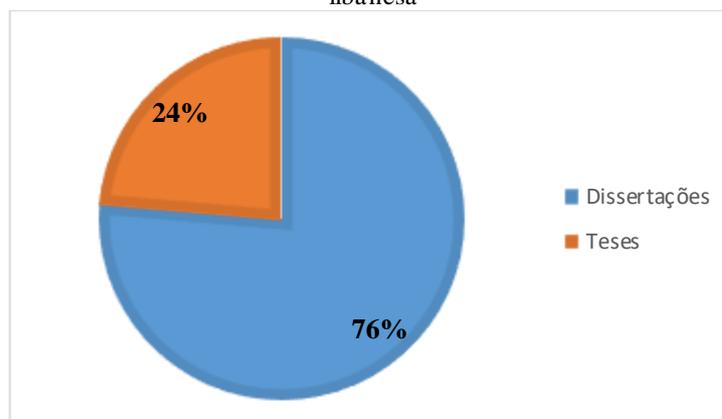
entender a cultura e a diversidade étnica para a formação da cultura brasileira por meio da valorização da identidade nacional (ANDRADE, 2011).

Abdelmalek Sayad (1998) corrobora para esse pensamento ao afirmar que a imigração geralmente se posiciona em situações contrárias, ao mesmo tempo em que ela possui um caráter provisório passível de prolongamentos, tem também caráter duradouro, com um sentimento de temporariedade. Tzvetan Todorov (1999) reforça a ideia ao falar sobre sua experiência como exilado em Paris, e os vários sentimentos controversos que passaram por sua cabeça quando voltou à Bulgária para um congresso, momento em que percebeu que os valores nacionais não podem ser compreendidos por quem nunca precisou sair do seu país natal. Na sua opinião, a sociedade receptora da imigração, compactuando com essa conjuntura, faz com que o imigrante se posicione à margem da hierarquia social, o que pode ser observado em todos os movimentos migratórios em diversos âmbitos. Nesse sentido, os estudos sobre a imigração sírio-libanesa no Brasil têm trazido importantes contribuições para a comunidade imigrante.

A partir desta perspectiva, muitos pesquisadores têm a temática da imigração sírio-libanesa como objeto de estudo e, como já falado, nosso intuito é contribuir com outras visões sobre esse mesmo objeto. Estimulados pelo estudo de Emília da Silva Piñeiro e Márcia Esteves de Calazans (2020), intitulado *Estudos sobre fluxos migratórios e gênero nas publicações em periódicos de Qualis relevante no Brasil*, acreditamos ser pertinente o levantamento de teses e dissertações que abordam a temática da imigração sírio-libanesa, uma vez que se comportam não só como fontes de referência bibliográfica, mas também inspiram outros olhares sobre a imigração sírio-libanesa que enriquecerão esta pesquisa. Utilizamos como base de dados o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), e as seguintes expressões: “imigração sírio-libanesa”; “memória sírio-libanesa”; “sírio-libaneses no amazonas”; e “sírio-libaneses”.

Nossa sondagem aborda o período de 2010 a 2019, por considerarmos as informações dos últimos dez anos mais atualizadas. Das 92 pesquisas localizadas, percebemos que o volume de dissertações desenvolvidas chega a ser quase quatro vezes maior do que o número de teses, como ilustra o gráfico 1 abaixo.

Gráfico 1: Proporção de teses e dissertações desenvolvidas entre 2010 e 2019 com a temática da imigração sírio-libanesa



Fonte: Elaboração nossa a partir da análise de dados do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES

De toda forma, o Gráfico 1 nos apresenta um universo que ainda permite novas pesquisas, considerando o grande número de imigrantes sírio-libaneses e descendentes que vivem no Brasil¹².

Para analisarmos melhor o conteúdo das publicações, consideramos o título da obra, resumo e palavras-chave de cada produção, e as distribuimos nas seguintes subcategorias: arquitetura, cultura, direitos humanos, história, identidade, literatura, memória, política, religião, saúde e trabalho, cujos resultados estão expressos na Tabela 1, localizada abaixo. Salientamos que a pesquisa por expressões diferentes nos trouxe alguns títulos repetidos, por isso, o quantitativo total por subcategoria é maior do que o total de produções.

¹² Os órgãos oficiais do Governo Brasileiro não possuem um número oficial de imigrantes sírio-libaneses e descendentes que moram no Brasil, porém, de acordo com a Agência Senado (2010), em 2010 eles somavam quase 10 milhões.

Tabela 1: Quantitativo de publicações sobre a imigração sírio-libanesa por palavra-chave e subcategoria

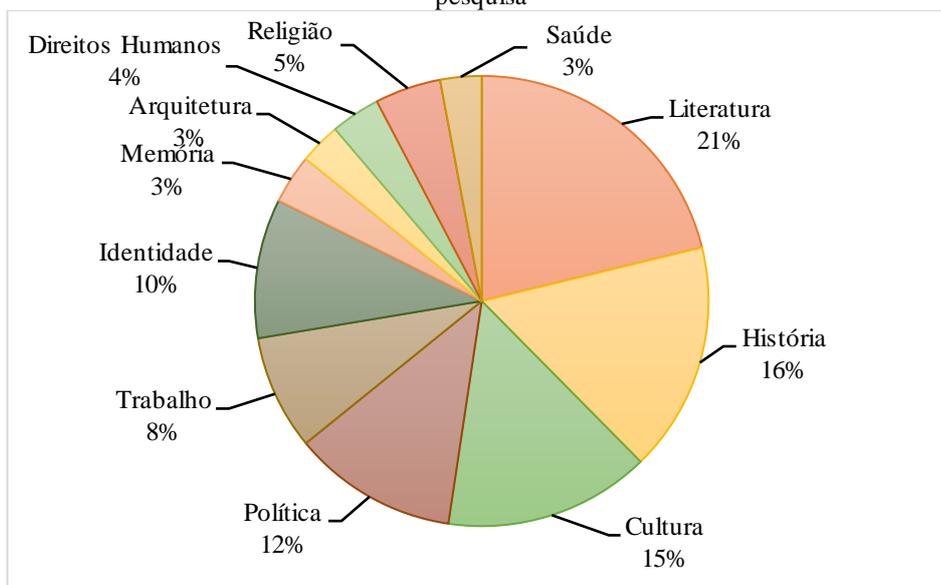
Quantitativo por Palavra-chave e Subcategorias				
Subcategorias	Imigração sírio-libanesa	Memória sírio-libanesa	Sírio-libaneses Amazonas	Sírio-libaneses
Arquitetura	2	0	1	2
Cultura	11	2	3	9
Direitos Humanos	1	2	1	2
História	9	7	3	9
Identidade	6	5	0	6
Literatura	11	10	4	11
Memória	2	2	0	2
Política	7	2	3	8
Religião	2	2	0	4
Saúde	4	1	0	0
Trabalho	5	1	3	5
Totais	60	34	18	58

Fonte: Elaboração nossa a partir da análise de dados do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES

A partir da tabela acima, notamos que o total de pesquisas resultantes da palavra-chave “sírio-libaneses Amazonas” tem um quantitativo muito inferior em relação aos resultados encontrados quando utilizamos a expressão “imigração sírio-libanesa”. Também podemos observar que no Amazonas não foram registradas pesquisas voltadas a memória, identidade, religião e saúde, dados que reforçam a necessidade da realização de mais pesquisas voltadas a essas subcategorias.

Com a tabela acima em mãos, achamos relevante também agruparmos os totais por subcategoria, independente da palavra-chave utilizada, cujo resultado encontra-se abaixo, no Gráfico 2.

Gráfico 2: Percentual de publicações sobre a imigração sírio-libanesa de acordo com as subcategorias de pesquisa



Fonte: elaboração nossa a partir da análise de dados do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES

Podemos observar que as subcategorias de literatura, história e cultura são as temáticas mais recorrentes nas pesquisas, enquanto os estudos com subcategoria relacionada a memória, representam apenas 3% do total, apontando para o vasto universo de possibilidades que a exploração da memória pode oferecer como ampliação do conhecimento.

Dos trabalhos analisados, destacamos alguns que podem enriquecer esta pesquisa. O primeiro deles, é a tese desenvolvida por Valmir Freitas de Araújo (2015), que trouxe informações sobre a imigração sírio-libanesa no Acre em contraposição à imigração no Amazonas no que tange ao trabalho desempenhado por esses imigrantes quando chegaram em Rio Branco, onde o comércio varejista não teve tanto sucesso, devido às grandes distâncias dos centros abastecedores e consequente alto custo de importação de produtos. Além disso, o autor faz um levantamento memorial *post mortem* daqueles que seriam a primeira geração de imigrantes, somado a entrevistas com os filhos dessas pessoas, resultando no entrelaçamento do discurso dos narradores com a história investigada. O autor ainda aponta que:

Os Imigrantes sírios e libaneses, embora não tenham se constituído no grupo mais numeroso de imigrantes que entraram no Brasil no período do final do século XIX até à primeira metade do século XX, certamente foi o grupo que mais se espalhou. Estão presentes em todos os Estados brasileiros. Mantiveram comportamento e exerceram atividades parecidas em quase todos os lugares onde se estabeleceram. Foram comerciantes, chefes de famílias, fundaram clubes recreativos, times de futebol, participavam de quermesses e festas populares, se misturavam na esfera pública com as populações do local em que se estabeleciam (ARAÚJO, 2015, p.18).

A partir dessa afirmativa, identificamos que as características do imigrante são intrínsecas à sua origem, e sua forma de agir e de se relacionar com a comunidade que o recebe resultaram na disseminação de sua cultura e inserção na cultura local, processo que tem início na sua chegada e que permanece até hoje, através das gerações.

Outra pesquisa que chamou nossa atenção foi a dissertação de Marouane El Khadir (2016), que trata do empreendedorismo étnico¹³ desempenhado pelos imigrantes sírio-libaneses no Brasil. O autor explica que a maioria desses imigrantes iniciou suas carreiras como mascates, revendendo mercadorias no interior do país, e que com o tempo alcançaram o sucesso nos negócios através de três fatores principais: as circunstâncias favoráveis ao empreendedorismo, a solidariedade com os compatriotas e a ética. O pesquisador aponta que muitos deles encorajavam a vinda de amigos e familiares, para que prosperassem no novo mundo também, oferecendo emprego, hospedagem e um auxílio inicial, acarretando uma rede migratória entre os países, capaz de formar, através da atividade econômica, uma estrutura identitária para essa comunidade, que hoje é vista como parte da elite brasileira.

Na mesma esteira da categoria trabalho, Francês de Francis Silva Salazar (2018) disserta sobre as interferências econômicas realizadas pelos imigrantes sírio-libaneses no município de Codó (MA), que hoje conta com ruas, praças e escolas nomeadas em homenagem a esses imigrantes, fato que a autora classifica como um “esforço voltado para a manutenção da memória sobre esses sujeitos mediante a atribuição de seus nomes aos espaços da cidade” (2018, p. 41), uma vez que os descendentes têm uma importante representação política local, o que acaba incorporando essas pessoas à identidade do município. Destaca-se na dissertação de Salazar (2018), a imigração sírio-libanesa como sendo de caráter individual, o que proporcionou a procura por trabalho em outras cidades e estados do Brasil e uma conexão maior com as redes de contato criadas pelos imigrantes. A partir do estreitamento de laços com os conterrâneos, o imigrante passou a atrelar sua profissão a novos projetos de vida que proporcionaram a reconstrução de sua própria história e enraizamento na região.

Em uma outra abordagem, diferente das pesquisas desenvolvidas no âmbito do trabalho, Priscila Coutinho (2018) ocupa-se de analisar as contradições do romance *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar¹⁴, a partir do entendimento da diáspora libanesa do século XX, a

¹³ “um conjunto de conexões e padrões regulares de interação entre pessoas que compartilham experiências nacionais comuns ou de migração” (WALDINGER; ALDRICH; WARD, 1990, p. 13).

¹⁴ Nasceu em Pindorama (SP), em 1935. Nassar é um escritor brasileiro, filho de libaneses, que teve o romance *Lavoura Arcaica* premiado por três vezes no ano de 1976 (Prêmio Coelho Neto, Prêmio Jabuti e Prêmio APCA). O autor também escreveu os livros *Um Copo de Cólera* (vencedor do Prêmio APCA de 1978), *Menina a caminho* e outros textos (vencedor do Prêmio Jabuti de 1998) e *Conjunto da obra* (vencedor do Prêmio Camões de 2016). Disponível em <http://www.releituras.com/massar_bio.asp>. Acesso em 10 de agosto de 2020.

qual já abordamos no tópico anterior. A autora afirma que muitos elementos culturais, transmitidos pelos pais de Nassar, se fazem presentes no romance, como por exemplo, o ambiente arcaico em que se situa a narrativa, mas ao mesmo tempo, não se trata de uma autobiografia. Ao final, Coutinho (2018, p. 205) conclui que os elementos da cultura libanesa incorporados no romance são decisivos para a construção do enredo e fazem parte de uma tentativa de preservar a identidade sírio-libanesa dentro do Brasil, perspectiva também observada nas outras publicações que tratam da literatura produzida por descendentes sírio-libaneses.

Uma visão diferente também foi abordada por Clenise Santos (2013), que discutiu as possibilidades da culinária para integrar imigrantes e brasileiros. Para a autora, “a tradição alimentar árabe está presente no comportamento e na preservação de suas festas, seus condimentos, seus almoços em família e seu jeito peculiar de preparação dos alimentos” (2013, p. 111); assim, a gastronomia sírio-libanesa promove um certo intercâmbio cultural dos imigrantes com a população local e, ao mesmo tempo em que oferece suas iguarias, prova também as comidas típicas brasileiras. A autora finaliza afirmando que a alimentação é ressignificada de acordo com o cotidiano e por isso pode ser considerada um elemento de integração entre duas culturas diferentes.

As observações acerca desse levantamento nos levam a perceber que a ideia do mascate como representante do imigrante sírio-libanês já não pode mais ser aceita como única, uma vez que as pesquisas acima mostram também outras formas de atuação desses imigrantes, e que a presença árabe no Brasil agora faz parte da vida cotidiana dos brasileiros.

No que tange às memórias, objeto desse estudo, elas contribuem para que ampliemos nossa compreensão sobre as contribuições do movimento migratório sírio-libanês no Amazonas, bem como sobre as relações sociais e econômicas que se estabeleceram a partir de sua presença na região.

1.5. Velho, lar da memória

A memória é tão presente no nosso dia a dia que chegamos a desdenhar de seu valor. Costumamos lembrar o que fizemos durante o dia, os filmes que vimos na semana anterior, os livros que lemos no decorrer do ano, e talvez somente quando nos damos conta de que ela começa a falhar é que passamos a reconhecer a relevância dela e de como o nosso passado nos define.

Considerada por Carl Jung (2016) como uma região repleta de riquezas, a memória tem sido explorada cientificamente como um elemento importante na formação de identidades. Le Goff (2013) corrobora a esse pensamento ao afirmar que sejam elas individuais ou coletivas, as memórias carregam em si uma abundância de informações cuidadosamente armazenadas, principalmente, na mente dos mais velhos. Para Bosi (1994, p.39), a memória “é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento”, é então um artifício da mente, que guarda uma história, ela é fluida, sensível e constantemente se lança para o futuro. Tudo aquilo que aprendemos, o que quisemos, o que pensamos, o que ouvimos, durante toda a nossa vida, encontra-se na memória, e a partir dela construímos quem somos.

Um dos grandes teóricos sobre memória, Henri Bergson (1999, p. 91) diz que “para evocar o passado em forma de imagem, é preciso poder abstrair-se da ação presente, é preciso saber dar valor ao inútil, é preciso querer sonhar”, isso porque o autor defende a existência de duas formas de memória – uma que imagina, e outra que repete as ações representadas pelo indivíduo, assim, a conservação das memórias de idosos estaria ligada a essas duas representações memoriais, uma vez que a cada lembrança do passado que se conta, existe também um novo olhar do que se viveu.

Por sua vez, Henry Rousso (2006, p. 94) afirma que:

A memória, para prolongar essa definição lapidar, é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional.

Fica então visível que a memória se apoia nas relações sociais construídas pelo indivíduo para se estabelecer e para vir à tona. Em paralelo, Michael Pollak (1989, p.9) afirma que a memória se constitui a partir de “tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes”; assim, a memória atua como uma linha que costura as relações e dá coesão a determinado grupo. É nesse sentido que Halbwachs (1990) se refere às memórias coletivas e oferece-nos uma visão mais ampla, a de que elas não se confundem com as memórias individuais, mas frequentemente recorrem à coletividade para recordar o próprio passado. O autor ainda defende a importância das imagens que guardamos em nossas memórias de infância, e o fato de que o passado muitas vezes deixa traços visíveis em expressões faciais ou

verbais. Os quadros sociais da memória¹⁵ estão nos pensamentos e experiências e são atravessados por elementos, como datas, nomes e fórmulas.

O cérebro, ao reter informações, não exclui nenhuma de nossas lembranças, deixa-as guardadas no nosso inconsciente, ou seja, na nossa memória. A memória acontece quando essas lembranças são despertadas por alguma sensação que nos faz associar experiências vividas ao que acontece no presente. Apesar de interessarmo-nos pela memória, faz-se necessário ressaltar a diferença entre ambas, uma vez que nos depararemos, ao longo da investigação, com algumas lembranças guardadas pelos participantes da pesquisa e do acervo familiar desta pesquisadora.

Para Halbwachs (2003, p.75), “a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente”, ela evoca o passado e se utiliza dos detalhes do dia a dia para vir à tona, tornando-se mais densa, uma espécie de rememoração, pensamento que vem ao encontro com o de Marea Teski e Jacob Climo (1995, p. 3-4, apud ERRANTE, 2000, p. 147), conforme exemplificam:

Quando nós pensamos sobre o passado e tentamos lembrar, por exemplo, o nome de nosso primeiro professor.... nós tentamos descortinar o passado relebrado de uma forma mais completa e mais satisfatória. Nós estamos... não conscientemente tentando ajudá-lo, mas entender como era. Nós queremos acessar cenas que são reais no passado para preservar essas coisas em nossa experiência presente.

A lembrança se compara constantemente com o presente e, mesmo enraizada no passado, apega-se em atualidades. Sobre isso, Bergson (2006, p. 49) diz que:

Uma lembrança, à medida em que se atualiza, sem dúvida tende a viver numa imagem; mas a recíproca não é verdadeira, e a imagem pura e simples não me remeterá ao passado a menos que tenha sido de fato no passado que eu tenha ido buscar, seguindo assim o progresso contínuo que a levou da obscuridade para a luz.

Assim, a luz que vem das lembranças está associada a fotografias, vídeos e outros objetos que carinhosamente guardamos quando percebemos que o instante vivido precisará ser recordado em algum momento do futuro. Com esse mesmo sentido estão as chamadas *lembrancinhas* que trazemos de viagens ou oferecemos em aniversários, peças que representam pequenos presentes, e são entregues com o intuito de que a pessoa que os recebe

¹⁵ “Funcionam como pontos de referência para a construção subjetiva de lembranças. Eles determinam o que deve ser lembrado, esquecido, silenciado ou comemorado pelos indivíduos. A contextualização realizada pelos quadros sociais inclui, ainda, a padronização social do tempo e do espaço, dimensões fundamentais da experiência humana” (RIOS, 2013, p. 6).

saiba que lembramos dela em algum período da nossa vivência. Esses objetos não são as lembranças propriamente ditas, mas compõem o que conhecemos como lembrança.

Bosi (1994, p. 81) afirma que “uma lembrança é diamante bruto e precisa ser lapidado pelo espírito”, isto porque, a lembrança é um artifício da alma que nos ajuda a reprocessar nossas referências emocionais e, desta forma, à medida que a acessamos, vamos lapidando nosso passado para entendermos melhor o presente, ou ainda, para vivermos com nosso passado harmonicamente.

A representação das memórias pode acontecer de duas maneiras diferentes, segundo Bergson (1999). Na primeira, ela é representada como “imagens-lembrança”, nas quais guardaríamos as informações do nosso cotidiano, preservando datas, locais e gestos, de forma natural, tornando possível a consulta todas as vezes que buscássemos referências do nosso passado, contudo, com passar do tempo, as repetições dos movimentos se transformam em algo sistêmico, que não mais representam o passado, mas o encenam, formando a segunda representação de memória, a que de repente e que constantemente substitui as “imagens-lembrança”. Sobre isso, Maria Leticia Mazzucchi Ferreira (2011, p.106) diz que

a lembrança é uma experiência eminentemente individual, mas o fato de crer no compartilhamento de lembranças origina essa memória compartilhada, o que estaria na base da função política da memória ou daquilo que se denomina hoje como ‘políticas de memória’”.

Assim, apesar dos termos memória e lembrança serem constantemente usados como sinônimos para nos remetermos ao passado, temos na lembrança um recurso da memória, continuamente presente em nossas vidas, que ganha destaques maiores conforme se envelhece.

A respeito do envelhecimento, notamos que existe um certo temor da população quanto a utilização dos termos que se referem aos idosos, de maneira que não sejam interpretados de forma pejorativa pelos maiores de 60 anos. Sobre isso, Clarice Peixoto (1998, p.72) aponta que “a noção de velho é, pois, fortemente assimilada à decadência e confundida com incapacidade para o trabalho: ser velho é pertencer à categorização emblemática dos indivíduos idosos e pobres”, então ser idoso caracteriza as pessoas mais velhas, e também estaria relacionado às pessoas das camadas sociais mais abastadas, enquanto os velhos seriam os desprovidos de recursos. No entanto, utilizamos por todo o texto os termos relacionados a velhice sem atribuir qualquer significado pejorativo.

No processo de envelhecimento, a memória desempenha um papel fundamental para a existência das pessoas mais velhas, trazendo uma nova noção de temporalidade. Sobre o tema, Rita de Cássia de Almeida (2001, p.28) afirma o seguinte:

A memória no seu aspecto histórico-social é, por excelência, pertinente aos velhos. Eles as mantêm resguardadas e precisam delas para sobreviver. O passado lhes pertence, pois, livres das tarefas profissionais e familiares, exercem a função que lhes é peculiar, de refletir e escavar lembranças. Ao contrário dos adultos, ocupados com as tarefas do dia-a-dia, em que a maioria das lembranças chegam quase em forma de sonhos, soltos, sem o trabalho da reflexão.

É a partir da memória que os mais velhos constroem sua identidade, e se afirmam nos espaços sociais. Assim, cresce também a necessidade dos idosos de falar sobre as suas memórias, de externalizar a experiência de vida, os desafios, os louros e o conhecimento adquirido com o passar dos anos, e talvez dessas narrativas que constantemente emergem dos mais velhos tenha surgido o ditado “quem vive de passado é museu”, usado com frequência para estimular que as pessoas vivam o presente. Mas viver o presente seria o mesmo que apagar o passado, e é a partir do passado que damos sentido a quem somos hoje enquanto seres sociais, ele nos mostra como chegamos até aqui, e que a vida é uma sucessão de eventos que proporciona a construção do futuro, ou seja, nos conduz à compreensão de que somos seres que constroem o tempo.

Juliana Sartori (2013, p.96) defende que “pela memória de idosos, se percebe as transformações ocorridas no espaço, na história, nas instituições, nos papéis sociais e no imaginário social ao longo das gerações”; dessa forma, construímos uma nova perspectiva sobre o que conhecemos e como a sociedade se desenvolve.

Os velhos e suas memórias são fundamentais para manter viva as tradições, eles “visitam os lugares da sua memória e da memória dos seus velhos, guiando o investigador numa viagem entre tempos, tão mais rica quantas mais são as lembranças – ligação entre passados e futuros, fazendo de cada presente o nosso tempo – tempo dos novos” (LAVADO, 2007, p. 43). Na infância, visitar meu avô às vezes era massacrante para mim, porque as conversas entre ele e meu pai eram baseadas em contar novidades do trabalho e histórias de pessoas que eu não conhecia, assuntos pouco interessantes quando se tem oito ou nove anos, mas conforme crescia, aquelas pessoas foram ganhando rostos, mesmo que imaginados por mim, e as histórias foram se conectando até que eu entendesse quem sou, assim como meu lugar de pertencimento na comunidade libanesa e amazônica. Pollak (1992) chama essa identificação de “acontecimentos vividos por tabela”, e acrescenta explicando que “é

perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada” (POLLAK, 1992, p. 201), e realmente, foi através das memórias e lembranças que meu pai, tias e avós compartilharam comigo que fui capaz de compreender a importância de valorizar minhas raízes.

Norberto Bobbio (1997, p.53) afirma que “o grande patrimônio do velho está no mundo maravilhoso da memória, fonte inesgotável de reflexões”, nesse sentido, as memórias, elementos constantes nas narrativas de idosos, funcionam como um grande livro que não pode ser lido, mas ouvido, e todo o conhecimento que contém neste livro precisa ser exposto, de forma que as informações não expirem junto com o informante.

Para destacar a importância das narrativas de idosos, Bosi (1994, p. 76 -77), conta a seguinte história:

uma lenda balinesa fala de um longínquo lugar, nas montanhas, onde outrora se sacrificavam os velhos. Com o tempo não restou nenhum avô que contasse as tradições para os netos. A lembrança das tradições se perdeu. Um dia quiseram construir um salão de paredes de troncos para a sede do Conselho. Diante dos troncos abatidos e já desganhados os construtores viam-se perplexos. Quem diria onde estava a base para ser enterrada e o alto que serviria de apoio no teto? Nenhum deles poderia responder: há muitos anos não se levantavam construções de grande porte, e eles tinham perdido a experiência. Um velho, que havia sido escondido pelo neto, aparece e ensina a comunidade a distinguir a base e o cimo dos troncos. Nunca mais um velho foi sacrificado.

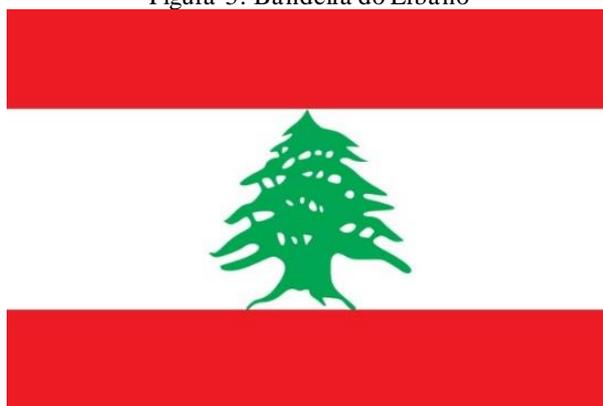
A partir desse exemplo, entendemos que mais do que uma narrativa, as memórias dos mais velhos precisam ser valorizadas como baús de conhecimentos e técnicas, que quando transmitidos para as gerações seguintes, dão continuidade às tradições de determinado grupo social.

Junto com a transmissão e manutenção de tradições, caminha também as mutações atribuídas para que as lembranças sejam passadas adiante. Os novos sentidos que memórias e tradições ganham com o passar do tempo, conferidos por cada pessoa ao enxergar os objetos, fotografias e histórias, que agora fazem parte de seu legado, são necessários para a continuidade dessas tradições, uma vez que a memória precisa da liberdade de espaço e de tempo para se relacionar, pois “são configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo” (BOSI, 2003, p. 31).

Desta forma, é na memória dos idosos que visualizamos a necessidade de preservação, manutenção e proteção dos bens materiais e imateriais, como podemos observar na iniciativa

do Governo Libanês em registrar o Vale do *Kadisha*¹⁶ como Patrimônio Natural da Humanidade pela Unesco, em 1998, região que abriga o conjunto de cedros mais antigos do mundo, conhecido como Cedros de Deus (*Horsh Arz el-Rab*). Os Cedros do Líbano estão enraizados na memória e no coração dos libaneses e sem dúvida são o principal símbolo do país, estando inclusive representado na bandeira libanesa (figura 5) e no brasão na Igreja Maronita¹⁷ (figura 6).

Figura 5: Bandeira do Líbano



Fonte: Bandeiras Nacionais <<http://www.bandeirasnacionais.com/libano>>

Figura 6: Brasão da Igreja Maronita no qual é possível localizar o Cedro do Líbano



Fonte: Google Imagens

¹⁶ Localizado a 115km de Beirute (Capital do Líbano) mais especificamente na cidade de Beharré, que concentra inúmeras construções religiosas maronitas, “alguns historiadores afirmam que a palavra *Kadisha* vem da língua aramaica e significa ‘santo/sagrado’, o que reforça a importância das construções religiosas cristãs no Monte Líbano” (MEIHY, 2016, p. 80).

¹⁷ De acordo com Hajjar (1985), os Maronitas são uma vertente do catolicismo que possui os ritos orientais em aramaico e reconhecem a autoridade do Papa. Receberam esse nome por causa de São Maron e sempre preferiram se estabelecer em lugares altos, de difícil acesso, como o Monte Líbano. A principal diferença da Igreja Maronita para a Igreja Católica é que os padres maronitas podem se casar.

Os cedros não são apenas um símbolo nacional. São igualmente um símbolo de devoção à sua terra natal, pois transmitem a noção de que “o país sobrevive ao tempo, do mesmo modo que o cedro resiste à ação exploratória de diferentes civilizações ao longo da história” (MEIHY, 2016, p. 84), havendo também certo misticismo sobre a existência da árvore¹⁸. Essa devoção só é possível graças à transmissão das memórias através das gerações, a preservação dessas árvores significa então proteger o meio ambiente e ao mesmo tempo, proteger a identidade libanesa, uma vez que, a árvore está intrinsecamente envolvida pela memória nacional, ou seja, sua imagem já está constituída como parte da nação. A presença de exemplares da espécie em jardins botânicos ao redor do mundo traz o reconhecimento da presença libanesa nesses países. São homenagens, tributos, agradecimentos e até mesmo promessas, que possibilitam o contato com o simbolismo de resistência do Cedro (MEIHY, 2016).

Nesse caminho, Lucília Delgado (2013, p.16) diz que a memória atua “como forma de conhecimento e como experiência, é um caminho possível para que sujeitos percorram a temporalidade de suas vidas”; assim, observamos que a memória trabalha com um passado que se faz presente e cria um espaço atemporal, de tal forma que o conhecimento adquirido pela experiência impregne as ações do presente de forma simbólica. As simbologias criadas se transformam em lembranças contribuindo para a manutenção de memórias, sejam elas individuais, coletivas, nacionais ou afetivas.

São os processos de escutas dessas memórias e lembranças dos idosos que instrumentalizam os pesquisadores, historiadores e romancistas para os olhares de produção

¹⁸ Sassine (2014) diz há uma fábula muito difundida para as crianças sobre os Cedros do Líbano. Ela conta que: Deus plantou três cedros em uma floresta, dos quais descenderam todos os outros. O primeiro era o mais sábio; o segundo, o mais forte; e o terceiro, o mais belo. Com o passar dos anos, as árvores cresceram e presenciaram grandes fatos históricos, até que um lenhador, encantado com a imponência delas, as cortou, e então os Cedros compartilharam entre si os destinos que gostariam de ter. O cedro mais sábio aspirava ser transformado no tronco do rei mais poderoso da Terra, o cedro mais forte almejava ser parte da vitória do bem sobre o mal, já o terceiro, desejava trazer esperança às pessoas e ser uma lembrança de Deus aos olhos homens. O primeiro foi utilizado na construção de um abrigo para animais, e o que restou dele servia para apoiar o feno; o segundo virou uma mesa grande e robusta; e o terceiro não encontrou compradores, então foi armazenado em uma cidade. Apesar de felizes, os cedros sentiam não ter realizado seus sonhos. Mais tarde, em uma noite fria e estrelada, um casal de peregrinos decidiu se abrigar no estábulo construído com a madeira do primeiro cedro. A mulher deu à luz ali mesmo, envolveu o bebê em um pano e colocou-o sobre o feno e a madeira, então o cedro sábio compreendeu que seu destino havia se cumprido conforme almejava, sobre ele estava o maior de todos os Reis da Terra. Anos depois, em uma casa modesta, vários homens se sentaram ao redor da mesa feita com o segundo cedro, um desses homens falou algumas palavras sobre o pão e o vinho que estavam diante dele, e então o cedro mais forte entendeu que naquele momento estava sustentando a eterna aliança entre os homens e o Criador. Algumas horas depois, pegaram dois pedaços do terceiro cedro, fizeram uma cruz e a entregaram a um homem ferido, que a carregou até um monte, onde foi cravado à cruz. O cedro mais belo ficou muito triste por ter que presenciar a morte um homem tão jovem. Antes que três dias se passassem, ele entendeu seu destino, o homem que estivera pregado em sua madeira agora era luz do mundo, e a cruz formada por seus lenhos era agora um sinal de vitória do bem sobre o mal. Os cedros agradeceram a Deus por ter lhes abençoado com o destino que almejavam, de acordo com a vontade Dele.

de conhecimento, uma vez que “foi a partir das lembranças dos idosos institucionalizados que os autores tiveram acesso aos acontecimentos da história vivenciados por eles, desvendando as experiências mais significativas para os idosos.” (CHAVES, 2017, p.46).

Entendemos assim que a memória não tem uma capacidade de recuperação total do passado, mas ela se reescreve em conjunto com o presente. A cada vez que compartilhamos uma memória, ela nos vem de forma diferente, ora se amplia, ora se restringe. Portanto a cada narrativa dos idosos encontraremos novos fatores não revelados anteriormente devido à dinamicidade que a memória carrega em sua essência. Ainda assim, a riqueza do que eles têm na memória é essencial para a formação identitária e social de um grupo ou comunidade, como será discutido nos próximos capítulos.

2. CAFÉ COM OS *BRIMOS*

“*Conto o que a memória alcança com paciência*”

(*Milton Hatoum*)

Até aqui fizemos uma abordagem ampla acerca da imigração sírio-libanesa no Brasil e no Amazonas, e sobre o que entendemos por memória. A partir deste capítulo, esses elementos se mesclam, e daremos ênfase maior às narrativas que nossos entrevistados nos trouxeram. Considerando que a faixa etária dos entrevistados é de 60 anos ou mais, entendemos que muitas histórias já foram reconfiguradas e que outras foram criadas ou esquecidas, dessa forma, registramos as memórias das conversas familiares, das aprendizagens da cultura de origem e como a relação entre brasileiros e imigrantes se estabeleceu no decorrer dos anos.

O ato de reunir-se para as refeições é bastante comum na grande maioria das culturas, na sírio-libanesa esse ato ganha conotações de ritual, seja na diversidade de pratos que chegam à mesa, seja pela fartura com que são oferecidos, ou ainda, pela simplicidade de tomar um chá ou café.

Segundo Sueli Moreira (2010), foi através da descoberta do fogo e o consequente cozimento dos alimentos que as sociedades passaram a se organizar ao redor da mesa, atribuindo à alimentação um caráter social, um momento de encontro, em que, quanto mais querida a pessoa é, mais caprichado será o menu, ou ainda, quanto maior a saudade, mais urgente é o agendamento de “um cafezinho” para colocar a conversa em dia. O momento do café para os sírio-libaneses é tão especial que em seus países de origem têm-se uma sala específica para servir o café. Para esse povo, tomar café juntos tem relação com o afeto, com o respeito que os envolvidos dedicam uns aos outros.

Ao estabelecer o contato com os *brimos*, fui surpreendida pelo acolhimento que certamente está ligado à forma em que meu avô, Robert, recebia e era recebido pelos antepassados dos colaboradores desta pesquisa. Por outro lado, ao apresentar os objetivos da minha pesquisa, as reações eram de alegria, como uma possibilidade de tirar do armário as memórias que poderiam estar no abandono e, por esse carinho e respeito, sou grata a todos que colaboraram comigo. E foi assim, como se estivéssemos em um momento de conversa íntima que o contato com cada entrevistado se deu, ainda que parte das entrevistas tenham

acontecido de forma remota, e houvesse telas, ou máscaras e um distanciamento mínimo de dois metros nos separando. Sobre esses *brimos*, cabe uma breve descrição de cada um deles¹⁹:

Elizabeth Azize tem avós maternos libaneses, e avós paternos sírios. Ela nasceu em Manacapuru, interior do Amazonas e possui uma filha. Notória escritora, também desempenhou importante papel na política amazonense, e se orgulha em dizer que foi a primeira governadora em exercício do estado, uma vez que assumiu tal posto quando era Deputada Estadual e presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas (ALEAM), no ano de 1983. Seu romance “E Deus chorou sobre o rio” é uma obra que exprime um pouco da cultura sírio-libanesa no estado.

Marly Assi Hatoum é nascida em Rio Branco/AC, no ano de 1948, mas se considera manauara, pois se mudou para Manaus junto com o pai libanês e a mãe brasileira quando tinha apenas um ano de idade. É psicóloga e logo após o casamento foi morar em Curitiba, onde teve três filhos, mas depois de trinta anos regressou à capital amazonense, onde vive até hoje e cuida dos negócios da família.

Lourdes Daou Vidal nasceu em Manaus/AM, em 1953, é neta de um imigrante libanês que chegou no Amazonas no início do século XX, e aposentada. Quando era adolescente foi estudar no Rio de Janeiro, depois de formada em Administração, foi morar em Brasília, onde ficou por dez anos, e em seguida voltou para o Rio de Janeiro com as duas filhas e o marido.

Ana Maria Daou tem um casal de filhos, também é manauara, nascida em 1955, irmã de outros dois entrevistados, Lourdes e Jorge Lima Daou. Morou na capital fluminense desde a adolescência, graduou-se em Geografia, mas o mestrado e doutorado lhe deram o título de antropóloga, hoje está aposentada, mas por toda a vida adulta, foi professora universitária. Seu avô veio do Líbano antes da Primeira Guerra, e no Amazonas constituiu família e negócios.

Sálvia Haddad é manauara e neta de sírio-libanês. Formada em direito, atua como Procuradora do Estado do Amazonas e, como ela mesma diz, foi escolhida pela literatura, tendo dois livros publicados. Além disso, Sálvia é mãe de três filhos e recentemente concluiu seu mestrado.

Jorge Abboud Daou é acreano, de Sena Madureira, caçula de sete filhos de um imigrante libanês e uma brasileira. Mudou-se para o Amazonas aos 17 anos, a pedido do pai, para que começasse a trabalhar, uma vez que não queria estudar. Ele se considera um comerciante nato, começou trabalhando no balcão de vendas da loja de um amigo da família,

¹⁹ Todas as biografias apresentadas foram escritas de acordo com as narrativas apresentadas nas entrevistas.

em Manaus, e alguns anos mais tarde abriu as próprias lojas: Cortina Cia. e Só Malhas, que revendia produtos Hering.

Pedro Lucas Lindoso é neto de imigrante libanês, nasceu em Manaus, mas devido à profissão do pai, José Lindoso²⁰, mudou-se para Brasília ainda na infância, cidade em que se casou, e onde teve dois filhos, além de ter completado seus estudos em Direito e Letras. Apesar de atuar como advogado, sua paixão é a literatura, ele se diz um cronista da vida amazônica, e publica suas crônicas semanalmente no Jornal do Comércio.

Roberto Bulbol é manauara, neto de um imigrante libanês, empreendeu no ramo turístico do Amazonas e até os dias atuais possui hotéis na capital. Pai de dois filhos (um casal), Roberto é um importante referencial da hotelaria no estado, sendo inclusive Presidente da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis de Amazonas (ABIH-AM).

Jorge Lima Daou nasceu em 1955, seu avô paterno era libanês e o bisavô materno também. Graduado em ciências contábeis e pai de duas meninas, morou a vida toda em Manaus e sempre esteve envolvido nos negócios da família, passando por fábrica de juta, representações comerciais e rede de televisão. Hoje em dia, a empresa é mais focada no ramo imobiliário.

Os participantes da pesquisa fazem parte da minha história. Jorge Lima Daou é meu pai, e conseqüentemente, Lourdes e Ana Maria Daou são minhas tias, e Pedro Lucas, por ser primo deles, é meu primo de segundo grau. Durante a infância, acreditava que Jorge Abboud era meu tio de sangue, e somente na juventude descobri que nossos laços eram unidos pela afinidade ente ele e meu avô Robert. Foi também enquanto criança, que conheci Marly Hatoum, que hoje é minha vizinha de frente, mas por muitos anos, era de dona Naha e do senhor Hassan, pais de Marly, que vinham os mimos para as crianças da vizinhança. Ainda na infância, estudei e joguei basquete com o filho de Roberto Bulbol, inclusive, foi graças ao senhor Bulbol que conheci minha faculdade da primeira graduação. O vínculo com Elizabeth Azize e Sálvia Haddad só foi percebido depois da entrevista. Quando enviei a mensagem apresentando-me para Elizabeth Azize, perguntando se ela tinha interesse em participar da pesquisa, recebi um caloroso telefonema dela, dizendo éramos quase família, pois ela havia estudado por anos com minha tia-avó, Ana Maria Paiva. Cheguei à Sálvia Haddad a partir da indicação de uma das irmãs de Pedro Lucas, e durante a entrevista, descobri que o pai dela, Mario Haddad, e o meu tio-avô José Lindoso trabalharam juntos na política amazonense.

²⁰ José Lindoso foi um advogado que atuou ativamente na política do Amazonas nos seguintes cargos: Deputado Federal (1967 – 1971), Senador (1971-1978), Governador (1979 – 1983). (SENADO FEDERAL, s.d.).

É a partir dos enlaces e das descobertas pessoais, proporcionados pelas entrevistas que foram costurados os subtópicos que exploraremos a partir daqui.

2.1. Família e relações: a rede sírio-libanesa no Amazonas

Antes de iniciarmos a descrição de como a comunidade sírio-libanesa desenvolveu-se no Amazonas, quero ressaltar novamente a chegada desses imigrantes. Tratamos brevemente, no primeiro capítulo, sobre a chegada dos sírio-libaneses no Amazonas, utilizando o que já foi registrado por outros estudiosos, porém, nossos entrevistados trouxeram novas perspectivas dessa chegada, que merecem ser expostas.

Pedro Lucas Lindoso explica que “pouca gente sabe que de 1870 a 1910, o PIB de Manaus era muito maior do que o PIB de São Paulo, mesmo com o ciclo do café, porque a borracha valia muito mais do que o café, então aqui era a libra esterlina”, e atribui a vinda de sua família para o Amazonas ao Ciclo da Borracha. Por sua vez, Jorge Abboud reitera que, naquela época, a borracha era o produto mais valioso a nível mundial. Neste mesmo sentido, Jorge Daou presume que o avô e seus irmãos libaneses vieram por esse mesmo motivo, e complementa que pelo fato de os ancestrais imigrantes já serem comerciantes no Líbano, provavelmente achavam que seriam bem sucedidos no Estado aproveitando-se da economia gerada pelo Ouro Negro.

Elizabeth Azize possui uma outra visão; para ela, o Ciclo da Borracha foi um chamariz sim, mas os sírio-libaneses vieram para trabalhar na floresta, independentemente de ser em seringais ou não, e isso ocasionou uma imigração muito menos espontânea, como havíamos citado no primeiro capítulo, e mais estruturada:

os árabes, antes da Primeira Guerra Mundial, procuraram se organizar para vir embora para a América do Sul. Eles chegaram aqui no Amazonas, os primeiros, em 1870, porque se a Primeira Guerra começou em 1914, em 1870 já tinha árabes no Amazonas, em 1890 cresceu muito mais a corrente migratória. Meu avô chegou aqui em 1880, século XIX. Meu avô paterno e meu avô materno.

Através dessa fala, podemos também perceber que o êxodo sírio-libanês não pode ser atribuído apenas à Primeira Guerra Mundial, uma vez que seus avós chegaram antes desse período no Amazonas.

Jorge Daou, Lourdes Daou e Elizabeth Azize ficaram confortáveis ao descreverem o percurso que os antepassados fizeram até chegarem ao Amazonas. Depois de saírem do

Líbano ou da Síria, os navios iam no sentido Europa, aportando na Itália (Gênova) ou na França (Marselha), onde o imigrante poderia escolher para qual parte do continente americano iria, se para os Estados Unidos, ou para a América do Sul. No caso do Brasil, as opções eram Rio de Janeiro (capital do país na época), ou Manaus, e dali seguiam para outras cidades. Roberto Bulbol explicou que essa saída dos portos, desde a Europa, acabava separando muitas famílias, mas ainda assim, os laços familiares não foram desfeitos.

A partir da descrição feita no início deste capítulo sobre cada um dos entrevistados, é possível percebermos que muitos imigrantes sírio-libaneses foram para o interior do Amazonas e construíram suas vidas inicialmente por essas cidades menores. Isso pode ser atribuído ao fato de que, como nos contou Roberto Bulbol, só ficavam na capital aqueles já vinham com algum dinheiro para empreender, portanto a maioria foi para os interiores, como foi o caso de seu avô, que foi para o município de Manacapuru trabalhar nos seringais.

Independentemente de onde se estabeleceram primeiro, havia um local de encontro desses imigrantes em Manaus: a região da Igreja dos Remédios²¹, que foi um ponto de referência para todos os que chegavam na capital, que inclusive ficou conhecida como reduto árabe da cidade.

Foi nos arredores da Praça dos Remédios, por exemplo, que os Hatoum iniciaram a vida em Manaus, quando chegaram do Acre, como nos conta Marly:

Primeiro moravam [os avós] n'A Parisiense²², nos fundos, e depois construíram a casa na Floriano Peixoto, e o papai construiu nossa casa na Avenida Getúlio Vargas, e como era próximo, nós íamos até a pé até lá, porque era muito próximo, foi uma época muito gostosa por sinal.

Por outro lado, o avô de Elizabeth Azize morou por algum tempo no batelão²³, e como ela mesmo descreve, tratava-se de um “batelão imenso que era. A metade era coberta de palha, era a casa dele!”, e utilizava o porto de Manaus para abastecer os suprimentos que levava para as cidades menores.

Muitos imigrantes trouxeram suas esposas e filhos, outros vieram acompanhados de irmãos ou primos, como é o caso dos Hatoum. Marly explica que o pai “veio com mais dois primos. Dos quais, o papai e mais um, ficaram em Rio Branco/AC. Papai por pouco tempo e o meu outro tio permaneceu em São Paulo, foi direto para São Paulo”. Outros vieram sozinhos

²¹ Vide figura 4 – Quadrilátero comercial sírio-libanês no Centro de Manaus

²² A loja A Parisiense ficava localizada na Av. Joaquim Nabuco, especializada em aviamentos, e será mencionada em outros momentos.

²³ “Embarcação de médio porte que percorriam os rios transportando pessoas, borracha e mercadorias” (MELO DE SOUSA; SILVA, 2019, p.83).

e constituíram família depois de terem chegado. Jorge Daou, diz que o avô veio “segundo o Comendador Jorge Daou²⁴, que chegou aqui em 1889. O meu avô era muito, muito jovem quando veio para cá, então veio solteiro”, o que nos leva a um outro fato dessa migração, o de que a grande maioria dos sírio-libaneses veio contando com a ajuda de um familiar ou amigo, que financiava a viagem e as primeiras compras para revenda. Jorge Daou complementa que “O velho George [o comendador] não veio com ninguém da família, da família veio só ele. E depois ele foi chamando os sobrinhos e tal”, e que depois da vinda do avô, Philippe, outros três irmãos deles vieram para o Brasil, “mas não vieram juntos, e só um ficou por aqui, que foi o José Daou. O Salim foi para o Rio Grande do Sul e o Henry foi para a Bahia e morreu muito cedo por lá”. Lourdes, irmã de Jorge Daou, também cita que quando o avô veio para o Amazonas

já estava aqui o famoso tio Jorge, que era conhecido na família Daou como o velho George, que foi o comerciante que foi patrocinador da imigração. Ele propiciou a vinda desses Daou, do tio José e do vovô Philippe. Ele era dono do Grande Armazém da Turquia²⁵, e de outras famílias.

Elizabeth Azize explica que como os avós foram um dos primeiros a chegarem no Amazonas, ajudaram muitos novos imigrantes nos anos seguintes. Por outro lado, Jorge Abboud explica que o pai, Adib, veio com os próprios recursos, oriundos da herança que o avô lhe antecipou. Além disso, Abboud diz que o pai “ajudou os patrícios que estavam aqui, que vieram do Líbano, como a Dona Habuba, como a tia Mikita...”.

Dessa forma, percebemos então que uma rede migratória foi sendo tecida para a vinda desses imigrantes, de tal forma que esses se sentiram amparados pelos que aqui já residiam, sendo eles familiares ou não. De acordo com John S. MacDonald e Leatrice D. MacDonald (1964, p. 82-83)

rede migratória pode ser definida como o movimento no qual migrantes potenciais conhecem as oportunidades, tem acesso a transporte, além de hospedagem e emprego garantidos inicialmente, tudo providenciado pelas relações sociais com os migrantes anteriores (tradução própria²⁶).

²⁴ O Comendador George Daou também é conhecido pela família Daou como Velho Jorge ou Tio Jorge.

²⁵ A loja Grandes Armazéns da Turquia ficava localizada na Rua dos Remédios, e trabalhava com importação e exportação de produtos.

²⁶ Texto original: “Chain migration can be defined as that movement in which prospective migrants learn of opportunities, are provided with transportation, and have initial accommodation and employment arranged by means of primary social relationships with previous migrants.”

Utilizando as redes migratórias, o imigrante reduz tanto o custo da viagem, como também o impacto de chegar em um novo país e lidar com uma nova cultura, reduzindo os riscos de o imigrante não obter sucesso no destino. Assim, podemos observar o cunho social das migrações. Para James T. Fawcett (1989, p. 678 – tradução própria²⁷), “as relações familiares têm um impacto duradouro nas migrações. Políticas, regras e até mesmo normas podem mudar, porém, as obrigações entre familiares são de natureza persistente”; nessa esteira, Truzzi (2008, p. 206) explica que a essência das redes migratórias é a confiança na informação compartilhada pelo imigrante já estabelecido.

A pessoa ou a família que pensava em emigrar tendia a confiar mais nas informações fornecidas, ao vivo ou por carta, por um parente, vizinho ou amigo, por exemplo, do que nos folhetos de propaganda distribuídos por um agente recrutador (...). Assim, os contatos pessoais tornavam-se mais importantes, porque mais confiáveis do que as informações não pessoais.

Realmente podemos comprovar tal teoria de Truzzi, pois a cidade libanesa de origem da família de Jorge, Ana Maria e Lourdes é Batroun, mesma cidade de origem dos Hatoum e dos Abboud Daou, ainda que não se possa comprovar laços parentescos.

A comunicação por cartas, também na imigração sírio-libanesa, foi muito presente. Marly Hatoum diz que o pai trocava constantemente cartas com a família no Líbano, e Elizabeth Azize explica que os imigrantes

se correspondiam através do comandante do navio, chegavam aqui já mandavam notícia para o comandante. E as notícias chegavam rápido, porque o navio que saía daqui, encontrava o navio que já estava adiante, mandava as correspondências, e como eles não eram alfabetizados em português, eles mandavam escrito em árabe, em um papel dobrado, não tinha envelope. Aí eles botavam em árabe o nome e diziam para o comandante, ou para o encarregado do navio, “entrega para o fulano”.

Com o passar dos anos, outros meios de comunicação mais modernos passaram a ser utilizados para entrar em contato com os familiares na Síria, no Líbano, ou em outras localidades do mundo para onde havia migrado. Pedro Lucas ilustra uma situação de sua família, em que o avô buscava se comunicar com a irmã que morava na Nova Zelândia.

Eu ouvi dizer, não sei quem me falou, se foi o tio Robert ou quem me contou, que o vovô uma vez foi ao Rio de Janeiro, porque na década de 40, já tinha um negócio chamado Telégrafo, e as comunicações eram feitas por rádio também. Ele foi ao Rio de Janeiro para ver se ele conseguia se comunicar por rádio com a irmã. E o que eu acho incrível é que essa comunicação continuou, ele morreu, e eu acho que ele

²⁷ Texto original: “Family relationships have an enduring impact on migration. Policies, rules and even norms may change, but obligations among family members are of an abiding nature.”

instruiu o tio Robert a continuar escrevendo, e do lado de lá, dentre as filhas, a tia Amine teve muitas filhas, mas em especial, uma delas, chamada Sonia. Olha só, essa transmissão de carinho, de afeto, que foi transmitido pelo meu avô para o meu tio Roberto e para a minha mãe, que fez com que eles ficassem curiosos de conhecer essa tia. E o interessante é que a minha mãe, ela tinha um pingente em forma de coração verde, que tinha escrito Amine, gravado, que era da tia Amine, e que ela mandou para essa sobrinha e eu acho que foi o tio Robert que trouxe, porque ele foi um dos primeiros a ir lá.

E Pedro justifica essa preocupação de manter os laços esclarecendo que para os sírio-libaneses, “ter a mesma ascendência é muito importante, mesmo que essa ascendência seja até longe, eles costumam se chamar de brimos”.

Além do apoio na vinda dos imigrantes, também a sociedade que os acolhe tem papel fundamental, uma vez que, segundo Truzzi (2008, p. 210)

compreende-se que os vínculos sociais possam ser valorizados não apenas na sociedade de origem, instruindo a decisão de emigrar, mas também na sociedade de recepção, após a emigração. Daí o valor estratégico dos vínculos comunitários também no período de integração à nova sociedade, normalmente estudados segundo uma série de indicadores, entre os quais os padrões residenciais, ocupacionais, matrimoniais e o vigor das associações étnicas (especialmente associações de socorro mútuo organizadas por origem) são os mais comuns.

Ana Maria Daou reconhece que “tinha assim uns amigos libaneses, esses brimos, por exemplo o pessoal que morava ali na D. Nagibe, que vivia ali na Joaquim Nabuco. Tinha o pessoal da dona Adma, tinham vários, no fundo tinha uma rede árabe”, então, essa rede árabe alicerçou a adaptação dos imigrantes no Amazonas, e proporcionou além dos vínculos sociais, relações laborais também.

2.2. Trabalho nos rios e em terra firme

Para Mauro Augusto Santos et al (2010, p. 11), “o mercado de trabalho é considerado o mecanismo primário que induz os movimentos migratórios”, sendo as redes migratórias também importantes para essa busca de emprego. Nessa direção, esse mecanismo primário é bastante pertinente à migração dos sírio-libaneses no Amazonas, pois, de acordo com as entrevistas, observamos que foi a partir da oferta de uma ocupação proporcionada por familiares ou amigos, que muitas vezes financiavam a viagem e as primeiras compras para revenda, que alguns imigrantes sírio-libaneses iniciaram sua vida laboral no Amazonas.

Sobre a relação que os imigrantes tinham com os setores em que desempenharam seus ofícios, Elizabeth Azize faz uma distinção entre sírios e libaneses, que merece ser relatada:

Aqui na Amazônia, os que vieram da Síria se voltaram para o comércio em rio, em todos os rios da Amazônia. Os libaneses, que eram muito mais, que tinham uma cultura mais urbana, eles se situaram na parte urbana de Manaus. Meu avô tinha bíceps imensos, corpo atlético forte, porque era ele que remava, não tinha condição de contratar alguém para remar, e assim como ele, os sírios se aventuraram pelos rios por causa da genética. Mas e por que os libaneses não fizeram isso? Pela cultura humana deles, eles se solidificaram, eles se situaram realmente na parte urbana desse estado, que é hoje o Amazonas.

Este relato de Azize é uma informação nova, que não encontramos pesquisa que a subsidie, entretanto, tanto os sírios quanto os libaneses são descendentes dos Fenícios, povo que se estabeleceu por todo o mediterrâneo entre os anos 3.000 e 2.500 a.C. Os fenícios ficaram conhecidos por sua economia baseada na agricultura, pesca, comércio exterior, fabricação de vidro e até mesmo indústria, onde alcançaram superioridade na manufatura têxtil, e principalmente pelo desenvolvimento das navegações, sendo os responsáveis pela construção de todas as frotas da antiguidade (JACOB, 1998). Tendo em vista esse histórico conectado às águas, é possível compreender a relação intrínseca desse povo com o rio, independente se sírio ou libanês. É factível dizer que as memórias ancestrais foram acessadas no inconsciente dos sírios e libaneses no momento de se fixarem no Amazonas, seja nas águas ou em terra firme.

Entende-se também, que a raiz conquistadora herdada dos otomanos é significativa na genética dos sírio-libaneses, uma vez que, no início do século XX, a Amazônia ainda era uma terra a ser desbravada.

Eles partiram para a conquista de rios, igapós, furos, paranás, lagos, alcançando as distâncias permitidas pelos seus barcos à volga, embarcações movimentadas a remo, que o próprio árabe movimentava, levando às escondidas para gens a mercadoria que eles adquiriram na casa de aviamento da cidade (AZIZE, 2019, p. 49).

Na imensidão dos rios, os regatões se perdiam e alcançavam *beiradões* antes não conhecidos, o que aos poucos foi ampliando o processo de troca e aumentando a necessidade de produtos de estiva. Azize conta-nos, ainda, que seu avô trabalhou inicialmente como regatão e que, assim como ele,

os árabes iam, compravam produtos aqui [Manaus], financiado. Arroz, feijão, pão, bolacha, açúcar acho que até café já ia, tudo isso que servia para alimentação dos homens que já viviam na vila, os árabes levavam, e assim, num processo muito precário

Na perspectiva da fixação em área urbana, Lourdes Daou calcula que seus antepassados não se inclinaram para a rota fluvial e se estabeleceram em terra firme manauara, onde provavelmente montaram seu comércio; “eu tenho a impressão de que eles eram comerciantes também. Estou falando do meu avô, do meu avô Philippe e do meu bisavô Nagibe, que se tornaram comerciantes” e Jorge Daou afirma que “Naquela época não tinha muita opção. Todo mundo foi ser comerciante. Tanto é que eles se concentraram na região do mercado, em torno da Igreja dos Remédios”. O comércio foi realmente muito presente na vida dos imigrantes sírio-libaneses que vieram para o Amazonas, Marly Hatoum explica que assim que chegaram,

iniciaram o comércio, o meu avô e minha avó Emilie, numa loja chamada A Parisiense, na Avenida Joaquim Nabuco. Nos anos 30, mais ou menos né. E essa loja, A Parisiense, ela vendia só armarinhos e miudezas né. Com meu pai, eles iniciaram a loja Esquina das Sedas²⁸, loja de tecidos, inicialmente tecidos nacionais, que ficavam onde é hoje o Edifício Esquina das Sedas, em frente à antiga Lobrás, Lojas Brasileiras. O papai chegou jovem, e começou logo a trabalhar no Acre, em Rio Branco. Muito trabalhador, ficou 60 anos no comércio de tecidos aqui na cidade, e só deixou de trabalhar quando ele adoeceu e veio a falecer. Aí a minha mãe tomou a frente da loja e ficou mais cinco anos no comércio de tecidos. Aí a loja já era um a importadora, importava tecido na Europa, e também vendia tecido nacionais, leques importados da Espanha...

Vale ressaltar que na época em que os primeiro sírio-libaneses chegaram, a cidade de Manaus era conhecida como a *Paris dos trópicos*, pois com o *boom* da borracha, a cidade precisou se modernizar bastante, a fim de atender a elite que se estabelecera, sendo necessária a implantação de alguns serviços que na época eram sinônimo de esplendor, como no caso das “redes de esgoto, iluminação elétrica, pavimentação das ruas, circulação de bondes e o sistema de telégrafo subfluvial, que garantia a comunicação da capital com os principais centros mundiais de negociação da borracha” (DAOU, 2000, p.33). Nesse contexto também se encontra a construção do Teatro Amazonas, que mais do que um ambiente de propagação da cultura, à época era um espaço onde a sociabilidade da elite ganhava mais destaque, ou seja, muitos frequentavam o teatro para serem vistos.

Entretanto, com o declínio da borracha, começou no Amazonas a busca por outra atividade econômica que pudesse suprir economicamente a região, até que chegaram ao plantio da juta²⁹. Inicialmente o manuseio da juta cabia aos imigrantes japoneses, mas de

²⁸ A loja Esquina das Sedas funcionou até o ano 2005, na Av. 7 de Setembro, hoje o prédio em que o estabelecimento funcionava recebe o nome de Edifício Esquina das Sedas, e abriga uma drogaria.

²⁹ “A juta (*Corchorus capsularis*) é uma fibra vegetal, bastante usada na indústria têxtil na fabricação de sacarias, tecidos, cordas e uma série de outras utilidades. É um vegetal originário da Índia, que foi aclimatado ao solo e

acordo com Franco dos Santos (2020), devido ao exponencial crescimento do mercado de juta, amazonenses e outros imigrantes, incluindo os sírio-libaneses, empreenderam nesta atividade.

As derrocadas econômicas do Amazonas abrem caminhos para a promulgação da Zona Franca de Manaus³⁰ (1957), incrementando o consumo e a importação produtos de todos os lugares do mundo. Foi nesse cenário que a *Esquina das Sedas* se desenvolveu comercialmente, tornando-se por muito tempo referência para a compra de tecidos finos nacionais e importados.

Outra família que se empenhou na venda de tecidos foram os Haddad. Inicialmente Jorge Haddad abriu a Perfumaria Moderna³¹, a qual se dedicou por muitos anos, até que sua esposa faleceu, e por incentivo de seu padrinho, vendeu tudo e foi para o Rio de Janeiro levando seus filhos. Anos mais tarde, voltou para o Amazonas e inaugurou a Jorge Haddad Tecidos, na Avenida Sete de Setembro.

A história que Jorge Abboud compartilhou sobre o trabalho que o pai desenvolveu, abrange não só o comércio, mas também os seringais.

No Acre ele comprou três seringais... não sei o nome desses seringais. E lá, além dos seringais, ele montou um armazém, que ele pagava os seringueiros dele com arroz, farinha, feijão etc. Ele tinha mais de cem seringueiros! Muito mais, e lá ele fez fortuna. Foi muito rico, tinha um navio, Júpiter, então... Não era só dele, era ele e parceria dele, mas ele cultivava a borracha lá né. Fazia as bolas e vinha aqui para Manaus. Sabe onde ficava a borracha dele, quando ele chegava? Na Rua Marcílio Dias, toda no chão. Naquele tempo não passava carro, não passava nada. Ficava na loja do Oscar Parente e dos Tadros.

Assim como observamos anteriormente, no Quadrilátero comercial sírio-libanês no centro de Manaus (figura 4), os locais em que os imigrantes abriram seus comércios, são bem próximos ao Porto de Manaus, e podemos atribuir essa localização também ao histórico desse povo, sempre voltado para as águas.

Com a crise do ciclo da borracha, os imigrantes que estavam empenhados nos seringais se viram obrigados a buscar novas empreitadas, e acabaram se voltando para outras atividades, como nos descreve Jorge Abboud:

clima amazônico por colonos japoneses na localidade de Vila Amazônia, entre os anos de 1930 a 1934” (SANTOS, 2020, p. 16)

³⁰ A Zona Franca de Manaus foi criada no ano de 1957, através da Lei nº3.173 e tem o objetivo de fornecer incentivos fiscais para indústrias instaladas no Amazonas. Inicialmente os incentivos seriam fornecidos por um período de 30 anos, porém, este prazo foi prorrogado por meio da Emenda Constitucional 83/2014 por mais 50 anos, ou seja, até 2073 (SUFRAMA).

³¹ A Perfumaria Moderna ficava localizada entre a Av. Joaquim Nabuco e a Rua José Paranaguá, e depois mudou-se para a Av. Sete de Setembro. A loja vendia perfumes importados da Europa.

Quando houve a crise da borracha, o papai vendeu tudo que ele tinha no Acre, tudo. Tinha armazém, padaria, tinha um comércio grande né. Ele vendeu tudo e veio para Manaus. Ele só não vendeu os seringais, porque não tinha quem comprasse. Os seringais até hoje estão lá, são nossos ainda, mas não vale nada eu acho. E ficou vivendo em Manaus, emprestando dinheiro a juros. Naquele tempo tinha muito agiota né, então ele ficou emprestando dinheiro a juros, e morreu com esse tipo de negócio, dinheiro a juros.

Abboud ainda conta que foi graças à rede social que os árabes formaram aqui, que ele iniciou sua carreira como comerciante:

com 17 anos, o meu pai me levou lá com o teu avô Robert, me lembro como se fosse hoje, até me emocionei agora, ele disse "Robert, esse aqui é meu filho mais novo que não quer estudar, é um malandro, queria que tu arrumasses um lugar pra ele", o seu Robert disse "tá, seja bem-vindo, vívido". Sr. Robert falou vívido! "Onde é que tu queres trabalhar aqui?" Eu olhei para o balcão e disse "eu quero trabalhar no balcão", e fui trabalhar no balcão, vendendo aro de bicicleta, pneu de bicicleta...

Anos mais tarde, Jorge Abboud abriu a própria loja, e gosta de salientar “sempre fui um comerciante nato, nato, nato. Eu adoro um balcão, adoro atender um cliente”, que um de seus filhos herdou isso dele.

Desta forma, observamos que empresas familiares não são os únicos frutos dessa imigração. Os filhos dos primeiros imigrantes se arriscaram a empreender de forma independente de seus pais. Além do comércio, os descendentes dos sírio-libaneses assumiram outras profissões e ajudaram em outras vertentes para o crescimento socioeconômico do estado. Apostando no ramo do turismo, a família Bulbol, conta Roberto, inaugurou o Líder Hotel, no ano de 1963, no antigo Edifício Bulbol, localizado na Avenida 7 de Setembro, e se mantém no ramo hoteleiro até os dias de hoje, sob comando do próprio Roberto.

No que tange às comunicações, Robert Daou (1926 – 2007) foi um dos pioneiros ao trazer equipamentos mais modernos para a cidade, como conta seu filho, Jorge:

Meu pai viveu muito antes do tempo dele. O primeiro computador de Manaus é aquele ali [figura 7], chegou em 1970. Sistema de microfilmagem, só a Philippe Daou S.A. que tinha em Manaus, tinha que pedir autorização do Ministério da Justiça para a microfilmagem. O problema é que havia um conflito entre o Ministério da Justiça e a Receita Federal, que não aceitava que os documentos fossem destruídos, e isso empacou o sistema de microfilmagem no Brasil todo. Então você microfilmava os documentos contábeis, mas tinha que manter os documentos em papel. Mas ainda assim, é claro que facilitava muito a pesquisa.

O acervo familiar iniciado por Robert, e mantido até hoje por seus filhos, guarda uma infinidade de memórias das empresas da família, que contam também a história do desenvolvimento do Amazonas.

Figura 7: Primeiro computador de Manaus, pertencente à família Daou, composto por, da esquerda para a direita: digitadora, perfuradora de cartões, leitora de cartões e classificadora



Fonte: Acervo pessoal da autora

Além de possuir esses equipamentos em suas empresas, Robert, juntamente com seu primo Phelippe (1928 – 2016), e outros sócios, fundaram a Rede Amazônica³², em 1972, uma das maiores redes de televisão da Região Norte, cobrindo os estados do Acre, Rondônia, Roraima e Amapá. Jorge Daou explica que em 1972 foi inaugurada a Rodovia Transamazônica³³, assim, levar a notícia a todos os lugares tornou-se uma necessidade emergente no Amazonas, uma forma de integrar o estado às demais regiões do país. Na época, o Brasil vivia a ditadura militar e o governador do estado era João Walter de Andrade. Nesse período, os meios de comunicação foram duramente censurados no que tange à programação e ao tipo de conteúdo exibido, então o credenciamento de novos meios era também um ato de coragem.

Paulo e Mário Haddad, apesar de terem assumido a loja de tecidos do pai após sua morte, iniciaram a própria jornada nos negócios. Sálvia Haddad conta que o pai

começou a trabalhar com medicamento, perfumaria, e aí se formou em Direito, e abriu drogaria. Ele e meu tio Paulo Haddad. O meu tio Paulo Haddad, ele foi dono daquelas Drogarias Povão, eles começaram juntos, mas depois de um tempo eles acabaram dividindo, mas assim não teve briga nem nada, mas acabou dividindo. E o

³² A Rede Amazônica é afiliada da Rede Globo desde 1982, porém, iniciou como afiliada da REI (1972 – 1975) e depois Rede Bandeirantes (1975 – 1986). Seus sócios fundadores são: Robert Philippe Daou, Phelippe Arce Daou, Milton Magalhães Cordeiro e Joaquim Margarido.

³³ A Rodovia Transamazônica, ou BR-230 foi projetada para ligar Norte do Brasil ao restante do país, proporcionando maior comunicação e progresso dentro da região amazônica. A primeira parte da rodovia foi inaugurada em 1972, e fazia a conexão entre o Norte com o restante do país, mas ainda havia muitos trechos inacabados, que nunca chegaram a ser concluídos. Hoje em dia a rodovia é praticamente intrafegável no período de chuva (OLIVEIRA NETO, 2013).

meu pai foi dono daquelas Drogaria São Paulo³⁴ também, que chegou a ter 10 drogarias ou mais aqui em Manaus naquela época.

Mas não foi só na continuidade do comércio ou nas empreitadas visionárias que os descendentes sírio-libaneses se concentraram, na política eles também se destacaram, o próprio Mario Haddad, nas palavras de sua filha, Sálvia,

chegou a ser Vereador [1968], Deputado Estadual [1970], Deputado Federal [1978], ele foi Secretário de Estado de Justiça, do governador Lindoso. Meu pai chegou até a concorrer a Vice-governador com o Josué Filho, em 1982, contra o Gilberto Mestrinho na época. E aí depois desse pleito para governador, ele se desiluiu muito com a política. Imagina, na época o voto era manual, enfim. E aí ele se desiluiu muito e decidiu largar a política e permaneceu só com as drogarias.

Também não foram só os homens que se projetaram, mas as mulheres também buscaram ocupar espaços na vida pública, como é o caso de Elizabeth Azize. Ela foi a primeira juíza do Amazonas e a primeira mulher Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas (ALEAM). Além disso, foi vereadora de Manaus (1975 – 1978), deputada estadual (1979 – 1986) e deputada federal (1987 – 1995). E conta, com muito orgulho alguns de seus feitos:

Como presidente da Assembleia, eu fui a primeira governadora de estado do Brasil. Fui parlamentar constituinte. Particpei com grande tenacidade para fazer a Constituição. Éramos 24 parlamentares, e eu posso dizer, sem nenhum medo de errar, que eu era uma das líderes desse grupo. Em questões não só nacionais, como regionais, na Amazônia, o capítulo do Meio Ambiente, que fala inclusive sobre a preservação das florestas, escrevi com a minha mão, e com outros parlamentares.

Enquanto deputada federal, morou em Brasília, e com o fim do segundo mandato, optou por não concorrer mais a cargos políticos, uma vez que, de acordo como a própria nos contou, “a política brasileira, começava ali um processo político viciado, um processo político de mercenário, os valores das pessoas que se elegiam eram muito baixos. Aí eu decidi a não me candidatar mais, e comecei a escrever”. Hoje, Elizabeth se identifica como escritora, e possui mais de duas mil crônicas escritas, a serem compiladas e lançadas em 2021. Além dela, outros descendentes optaram pelo caminho das palavras, como Milton Hatoum, arquiteto que escolheu se tornar escritor é um dos mais conhecidos autores amazonenses, e Pedro Lucas Lindoso, advogado e cronista, sobre os quais falaremos com mais detalhes em breve.

³⁴ Os irmãos formaram um conglomerado, nos anos 1980/1990, com mais de 20 unidades das drogarias, todas localizadas em Manaus (ARCE, 2018).

2.3. Educação: a polidez também no agir

De acordo com Felipe Haddock Lobo Goulart (2017), foi a partir da presença da França na Síria e no Líbano que a educação nessas regiões foi alavancada, o que levou essas sociedades a terem excelentes índices de escolaridade, se comparados a outros países em desenvolvimento. O autor chega a citar que o Líbano se sobressai como o mais instruído do mundo árabe em todas as etapas da educação, desde o ensino infantil até o superior. Nesse contexto, Albert Hourani (1991, p.294), explica que “em 1875, os jesuítas fundaram sua Université St. Joseph em Beirute, e a Faculdade de Medicina Francesa foi acrescentada a ela em 1883”, isso porque a formação superior era voltada para que médicos, engenheiros e administradores fossem graduados, a fim de contribuir com o desenvolvimento do mundo árabe.

Coincidência ou não, os participantes desta pesquisa ressaltaram diversas vezes o incentivo ao conhecimento que receberam de seus pais e avós. Pedro Lucas Lindoso nos conta sobre seu bisavô Bento Fadoul:

Eu acho que ele era um cara que se preocupava com a educação dos filhos. A minha avó Brígida e a minha tia Helmosa, elas foram pra Belém estudar. Elas foram internas em Belém. Eu acho que meu bisavô tinha dinheiro e achava importante a educação das filhas e dos filhos, porque olha que coisa incrível essa tia Helmosa foi a primeira mulher a estudar, imagina, na década de 1920, ela estudou química numa universidade do Pará. Nesse colégio que elas fizeram o ensino médio, a professora de francês era uma francesa, a professora de inglês era uma preceptora inglesa, imagina, devia ser um colégio top. Meu bisavô achava isso [a educação] importante, e aí o único filho dele, que era o tio Bianor, se interessou por estudar aviação, e ele foi para Paris estudar aviação.

Nas narrativas de Goulart e Lindoso, podemos depreender que a preocupação em oferecer uma boa educação aos filhos estava impregnada como um ciclo normal da vida, não como uma forma de ascensão social no futuro. No Amazonas, Belém foi destino educacional de muitos filhos e filhas desses imigrantes, sendo substituído pelo Rio de Janeiro por volta dos anos 1960/1970. Nesse sentido, Jorge Daou expõe o seguinte:

Meu pai sempre foi obcecado por educação. Tanto que ele mandou as minhas irmãs foram estudar no Rio de Janeiro, num ótimo colégio por isso. Ele não estava satisfeito com a educação, com a formação que elas estavam recebendo em Manaus. E eu só não fui estudar no Rio, ou fora de Manaus, por circunstâncias. Eu já estava muito envolvido no trabalho com ele e para mim seria muito complicado estudar fora.

Ana Maria Daou, uma das irmãs de Jorge, acredita que o avô, Philippe “tinha uma coisa de uma educação mais refinada, porque ele fez questão do meu pai vir estudar no Rio, quer dizer, não foi uma questão, mas ele escolheu esse colégio muito bom”.

Elizabeth Azize diz que o cuidado com sua educação, por parte dos pais, desde quando estes ainda não estavam tão bem estabelecidos financeiramente, foi sempre motivo de atenção: “eram muito ansiosos, para que tivéssemos bons estudos. Nós estudamos nos melhores colégios do Rio e São Paulo, porque aí eles já tinham condição”. Observamos que a atenção e cuidado com a educação dos filhos, para os sírio-libaneses, não fazia distinção de gênero, tanto os meninos como as meninas tinham direitos iguais à uma educação de qualidade.

Por outro lado, Jorge Abboud, cuja família se estabeleceu inicialmente no Acre, explica que o pai era muito bem educado, e que quando suas irmãs completavam 15 anos, o pai as matriculava como internas, no Colégio Auxiliadora, em Manaus, e voltavam para o Acre apenas nas férias. Assim, notamos que a busca por melhores opções de ensino, independente da localidade, era perseguida por aqueles que tinham condições de fazer esse investimento.

As atividades extraclasse também eram muito incentivadas pela comunidade árabe. Marly Hatoum conta que estudou a vida inteira no Colégio Santa Dorotéia e que além das aulas na escola, ela “tinha professores particulares, a professora Francisca, de língua portuguesa, excelente professora. Estudei piano com a professora Ivete Freire Ibiapina³⁵, e fui uma das primeiras nove alunas da escola de música dela”. Marly complementa que o irmão, Milton Hatoum, estudou no Colégio Estadual Barão do Rio Branco e que depois ele foi para o Colégio de Aplicação da UnB, em Brasília.

Na mesma esteira, Sálvia Haddad conta que enquanto as tias foram internas no Colégio Auxiliadora, o pai e o tio eram internos no Colégio Dom Bosco, e supõe que

Era uma realidade difícil porque o meu pai contava que só via o meu avô domingo, e a minha tia também conta isso. A programação do domingo do meu avô era assim, ele ia para a missa, aí ele saía da missa, ele comprava umas coisas, e ele ia visitar os filhos. Era o dia de visita, ele ia visitar as meninas, e depois ia visitar os meninos. Todos eles fizeram faculdade depois.

Além do incentivo para a conclusão do que hoje chamamos de ensino médio, esses imigrantes estimularam também o ensino superior. Sálvia aponta que na sua família, seu pai e

³⁵ “Ivete Ibiapina foi professora normalista graduada em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Mestre do teclado, é considerada uma das figuras mais importantes da cultura musical amazonense” (MANAUS DE ANTIGAMENTE).

seu tio foram os únicos que fizeram faculdade de direito, “porque em Manaus a UA³⁶ tinha direito, administração e economia, o papai contava essa história também, que só tinha esses três cursos e que o vovô tinha dito que eles iam fazer direito”, e as mulheres casaram-se logo após terminarem o magistério. Em outras famílias, os filhos e filhas dos imigrantes passaram por processo semelhante, mas aos netos coube a obrigatoriedade de finalizar o ensino superior, sempre em busca das melhores escolas e faculdades disponíveis para seus herdeiros.

Quando o assunto é o idioma árabe, percebemos que este foi negligenciado pelos imigrantes, que não se empenharam a passá-lo para os filhos. Em todos os entrevistados, notamos que nenhum deles fala a língua árabe e as narrativas são muito semelhantes ao que Sálvia Haddad nos contou: “meu avô apesar de falar ele não obrigou os filhos a estudar árabe. Mas, ao longo da vida, o meu pai e os meus tios sabiam uma palavra ou outra, uma frase um contexto, um ditado...”. Jorge Daou justifica que “Na casa do meu pai, o meu avô não tinha com quem falar árabe”, e assim, o idioma foi se perdendo nas gerações seguintes.

Ademais, a educação provida pelos imigrantes e seus descendentes vai além do ensino, está também na etiqueta, na forma de agir e de se relacionar com os outros. Ana Maria Daou entende que seu pai tinha um lado refinado, “de uma educação na mesa que era mais formal, era mais *burguesa*, mas não era como a maioria dos meus amigos”. Pedro Lucas Lindoso também falou sobre esse refinamento, que acredita ser uma característica forte dos libaneses

E é assim, sempre esse incentivo a você ser uma pessoa culta. Outra coisa que eu acho que é do libanês, até mais do que o árabe, a pessoa tem que ser educada. O meu lado paterno não era assim, mas a minha mãe gostava da vida boa, tio Robert e o meu avô também, e eu me lembro muito de você se sentar à mesa, comer direito, usar o garfo direito, usar a colher direito, ter modos, ser uma pessoa educada na mesa. Eu acho que isso é uma herança que eu tenho ao meu lado. Também de você não ser barraqueiro, talvez brigão, mas barraqueiro nunca, sem gritar sabe. Ou seja, a ideia que eu tenho pelo meu avô e também do teu avô, o meu tio Robert, e também da minha mãe, é que a gente tem que ser uma pessoa educada, que eu acho que isso é uma herança bem positiva, e bem libanesa. Os outros libaneses que eu conheci, e que ficaram ricos com o comércio, sempre foram pessoas muito educadas, boas pessoas, que se vestem sem ser de forma escandalosa.

Percebemos então que interligado ao modo de agir e à instrução escolar, está também o estímulo a elementos culturais variados. Música, dança, artes plásticas e literatura estão presentes na criação sírio-libanesa, tanto que a expressão literária dos descendentes é notável.

³⁶ A Universidade do Amazonas (UA) foi criada em 1962, e em 2002 teve o nome alterado para Universidade Federal do Amazonas (UFAM), por meio da Lei Federal 10.468. (UFAM).

2.4. A memória árabe dos escritores amazonenses

O incentivo e o investimento na educação formal de seus sucessores foi uma importante característica dos imigrantes sírio-libaneses, destacada por seus filhos e netos participantes desta pesquisa. A partir desse estímulo, alguns escolheram se tornar escritores.

Para Benjamin (1987, p.198), “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores”, e através da leitura das obras dos autores a seguir, filhos e netos de sírio-libaneses, identificamos que existe forte conexão entre suas memórias e os escritos que disponibilizam ao público. Constatamos que a ascendência sírio-libanesa moldou a redação de muitos deles, como é o caso de Milton Hatoum, Elizabeth Azize, Pedro Lucas Lindoso e Sálvia Haddad, que imprimem suas memórias em seus livros, romances e crônicas.

2.4.1. Milton Hatoum e a memória nas narrativas

Não é preciso muito para identificar a influência árabe nos romances de Milton Hatoum. A partir da entrevista fornecida pela irmã, Marly, percebemos nitidamente que cada personagem e localidade presentes nos escritos de Hatoum são parte da sua vivência. O autor nasceu em Manaus e com 15 anos, em prol de aprimorar seus estudos, se mudou para Brasília, depois para São Paulo, e retornou para a capital do Amazonas 1984, alçando novos voos em 1999.

De acordo com seu site oficial³⁷, o primeiro romance de Milton, *Relato de um certo Oriente*, foi publicado em 1989 e no mesmo ano recebeu o Prêmio Jabuti de melhor romance do ano. Onze anos depois, em 2000, lançou *Dois irmãos*, obra também vencedora do Prêmio Jabuti, que já foi traduzida para doze idiomas, além de ter sido adaptada para televisão, teatro e quadrinhos. Em 2005, Milton recebeu mais um Prêmio Jabuti, dessa vez pelo romance *Cinzas do Norte*, que também foi condecorado com os prêmios Bravo, APCA (Associação Paulista dos Críticos de Arte) e Portugal Telecom. No ano seguinte, o autor reuniu alguns contos e os publicou no livro *A cidade ilhada*. Em 2008, a novela *Órfãos do Eldorado* é lançada, obra que alguns anos depois chegaria aos cinemas. Em *Um solitário à espreita*, Hatoum reuniu suas crônicas, e publicou-as em 2013. Em 2017 o autor nos apresentou *A noite da espreita*, o primeiro volume de uma trilogia *O lugar mais sombrio*, e em 2019, o segundo volume, *Pontos de fuga*. Nessa trilogia, o autor se desprende do pano de fundo sírio-libanês, e

³⁷ Disponível em: <<http://www.miltonhatoum.com.br/>>. Acesso em 09 de fev. de 2021.

utiliza a perspectiva dos anos da ditadura militar, principalmente no Sudeste. Além das publicações acima, Milton é colunista dos jornais O Estado de São Paulo e O Globo.

Com base na entrevista realizada com a irmã de Milton, Marly Hatoum, observamos que em *Relatos de um certo oriente*, os nomes dos personagens são inspirados na família de sua avó materna, além disso, a loja, e todos os arredores são os mesmos em que a família viveu. Os dramas familiares que traz em suas narrativas são inspirados nas histórias que ouvia de parentes e conhecidos, membros da rede migratória que citamos acima. Em entrevista fornecida a Jefferson Barreto e Jefferson Agostini Melo (2003, p. 61), Milton diz

Muita coisa do que escrevi vem do cruzamento ou do encontro do passado com o presente. É alguém que evoca no tempo presente uma experiência do passado. Quer dizer, traz os dramas de longe para o momento da narração, que não é o dia de hoje, mas um momento passado mais ou menos recente. Acho que esse distanciamento é fundamental.

Em outro momento da entrevista dada a Barreto e Melo (2003, p. 61), Hatoum explica que “duas religiões, duas línguas, e todo aquele ambiente da província, festivo e autofágico ao mesmo tempo, tudo isso se refletiu na ficção, nos conflitos entre personagens ou como motivos romanescos” (2003, p. 66), e realmente todo esse cenário é observado em suas obras. Tanto em *Dois irmãos*, quanto em *Relato de um certo Oriente*, existe a dinâmica de um casal com a esposa católica e o marido muçulmano, à semelhança de Naha e Hassan, pais de Milton.

O autor considera que “a memória é o único desafio ao passado, de prestar contas com ele, seja através de uma imagem, de uma história oral ou escrita” (2003, p. 62), por isso a maioria dos livros que publicou são ambientados em Manaus. A descrição dos detalhes da cidade está sempre presente, reflexos das suas lembranças.

2.4.2. Elizabeth Azize e o romance histórico

Ao aposentar-se da vida política, Elizabeth se dedicou a escrever suas memórias; produziu mais de 2.500 crônicas, que serão editadas e lançadas em 2021, que de acordo com a autora, “são muito interessantes porque elas falam de coisas dos anos 1970 e dos anos 1980, que a nova geração não conhece”. Ela é uma fiel defensora da cultura árabe, e por várias vezes durante nossa conversa, fez questão de salientar a coragem e determinação desse povo, que se espalhou por todo o globo terrestre.

E aonde eles chegaram, eles fizeram muito bonito. Eles ajudaram muito no desenvolvimento desse país. É uma civilização que, mesmo tendo que sair das suas origens, merecia ser muito mais bem tratada. É uma civilização que deveria ser muito melhor tratada, pelos governantes, e pela sociedade, que foi muito beneficiada pelo trabalho deles.

O viés do reconhecimento citado por Azize traz uma reflexão bastante pertinente: o espaço de enunciação da migração sírio-libanesa como parte da história do Amazonas, uma vez que os livros didáticos não contemplam essa dimensão, e desta forma, as contribuições desse povo ficam no limbo da invisibilidade, reforçado pela ausência de pesquisas e títulos que abordem a temática. Outra reflexão que esse depoimento comporta é o reconhecimento dos descendentes como tal, ou seja, à medida que não se fala é como se não existisse, então, as futuras gerações sírio-libanesas no Amazonas, provavelmente não se identificarão mais com as raízes de seus antepassados. Esta é uma lacuna que esta pesquisa poderá preencher e contribuir.

Foi também nessa perspectiva de documentar a história desses imigrantes que Elizabeth Azize escreveu *E Deus chorou sobre o rio*, que já está em sua terceira edição. Ela ressaltou durante a entrevista: “tenho muita coisa para deixar a cultura árabe preservada, e que ela seja julgada com decência, e não com discriminação”.

2.4.3. Pedro Lucas Lindoso e as crônicas regionais

É a partir das crônicas que Pedro Lucas Lindoso compartilha suas impressões da atualidade e suas memórias de infância. Cronista do Jornal do Comércio, tem seus escritos propagados também em dois blogs: Palavra do Fingidor e Francisco Gomes da Silva. Além do livro de crônicas, intitulado *Uma amazonense em Copacabana*, o autor trafega por diferentes estilos literários. No romance, publicou em 2012 o título *Oremos pela guerra - Manaus de Chopin e Mussolini*. No ramo acadêmico, lançou *O Princípio da informação ambiental e a segurança da informação empresarial*, em 2020. Na literatura infantil, onde possui mais obras publicadas, lançou *O boto cor-de-rosa e o jacaré de rabo cotó* (2010), *A visita dos botos vermelhos às Anavilhanas* (2016), e o mais recente, *Acontece em Cucuí, o valor da amizade* (2020).

Pedro também é membro de diversas instituições, como a Academia de Ciências e Letras Jurídicas do Amazonas (ACLJA), ocupando a cadeira nº 34, que fora de seu pai, o

governador José Lindoso; o Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas (IGHA); e a Academia de Letras e Artes do Amazonas (ALCEAR);

A paixão pela literatura surgiu ainda em sua infância, tanto que além de ser bacharel em Direito, é licenciado em Língua e Literatura Inglesa. Ele explica que:

eu fui professor no início da minha vida, professor de inglês. É que sempre gostei muito de literatura e línguas, mas a minha vida profissional acabou mais direcionada para o direito porque infelizmente, nesse país, professor de literatura não é tão remunerado. Acabou que os meus melhores empregadores foram na área de direito.

Ainda que o trabalho como advogado tenha sido sua principal fonte de renda, Pedro Lucas almeja ansiosamente por sua aposentadoria, para, segundo ele mesmo, se dedicar a uma coisa que gosta muito: a literatura. É interessante também que apesar de ter alguns livros publicados, o autor não se reconhece como romancista, e sim como cronista, “Eu sou cronista, eu gosto de crônica, porque a crônica ela normalmente não é muito comprida. A crônica é curta e aí você tem mais leitores porque somos um país de poucos leitores”.

Nas crônicas de Pedro Lucas Lindoso encontramos relatos de sua infância em Manaus e em Brasília; memórias da família e de amigos; reflexões sobre política e o tema mais abordado nos últimos tempos, a vida diante de uma pandemia. Em uma das crônicas ele conta a história de seu tio avô, Salim Daou, cronista e poeta do jornal gaúcho Correio do Povo, que atendia sob o pseudônimo de S.D. de Ramayana, e exalta o intelecto do tio, coisa que também aconteceu durante a entrevista. Já no romance “Oremos pela guerra - Manaus de Chopin e Mussolini”, ele retrata uma Manaus nos anos 1930 e 1940, e mesmo não sendo o foco tratar dos sírio-libaneses, é atribuído ao personagem principal o nome de Nagib Aeyouth, que possui as mesmas características do estereótipo do imigrante sírio-libanês. Assim, percebemos que a cultura na qual foi criado – um lar híbrido, parte árabe, parte brasileiro, parte amazônico, parte brasiliense – faz parte da escrita que desenvolve em suas obras, e sempre revisita seu passado.

2.4.4. Sálvia Haddad e as memórias autobiográficas

Assim como os outros autores que vimos acima, Sálvia Haddad diz que sua escolha como carreira foi no direito, mas a literatura que a escolheu:

o meu início com a literatura, ele foi muito visceral, alguma coisa me incomodava e eu ficava angustiada com aquilo, e aí sabe quando tu não digeres alguma coisa? E aí eu peguei, fui no computador e escrevi sobre aquilo. Assim que eu escrevia sobre aquilo, eu me sentia melhor. Era como se fosse uma catarse, parece assim que eu conseguia elaborar.

Diferente dos autores vistos anteriormente, Sálvia Haddad escreve a própria história a partir dos seus sentimentos. Foi assim com *Mel e Fel – Retalhos de Vida*, seu primeiro livro, publicado em 2013, com *Teus olhos de Capitu – outros retalhos e alguns poemas*, lançado em 2015, e será também em seu próximo livro, que será lançado em breve.

Neta de sírio, ela não considera que sua escrita tenha sofrido muita inferência das origens sírio-libanesas, uma vez que seu desenvolvimento como escritora veio a partir das circunstâncias nas quais que ela mesma viveu, mas reconhece que de certa forma o pai teve uma parcela de influência sobre ela literariamente, uma vez que ele lia muito, e ainda ressalta: “eu não me lembro de ter passado pela cabeceira do meu pai e não ter um livro. Mas isso não quer dizer que ele passou isso para todo mundo, a minha irmã mais nova detesta ler, mas eu sempre gostei de ler”. Ela ainda acrescenta que o pai, Mário Haddad (1939 – 2019), além de político e empresário, se aventurou também nas palavras.

eu perdi um irmão também, quando eu tinha 14 anos, ele morreu de acidente de carro, ele tinha 16 anos. Meu pai passou anos escrevendo cartas e cartas para o meu irmão. Uma mais linda que a outra, eu tenho até hoje, e ele publicava no jornal. Uma vez por ano, quando fazia ano que o meu irmão tinha falecido, ele publicava. E as cartas dele tem um quê de poético, não é só uma carta do tipo "eu estou com saudade do meu filho", ele faz analogias, ele fala do sentimento dele.

Sálvia ressalta que apesar de o estilo do pai lembrar muito a forma como ela escreve, ele não foi uma inspiração para que ela escrevesse, uma vez que quando iniciou, ela não lembrava da existência dessas cartas.

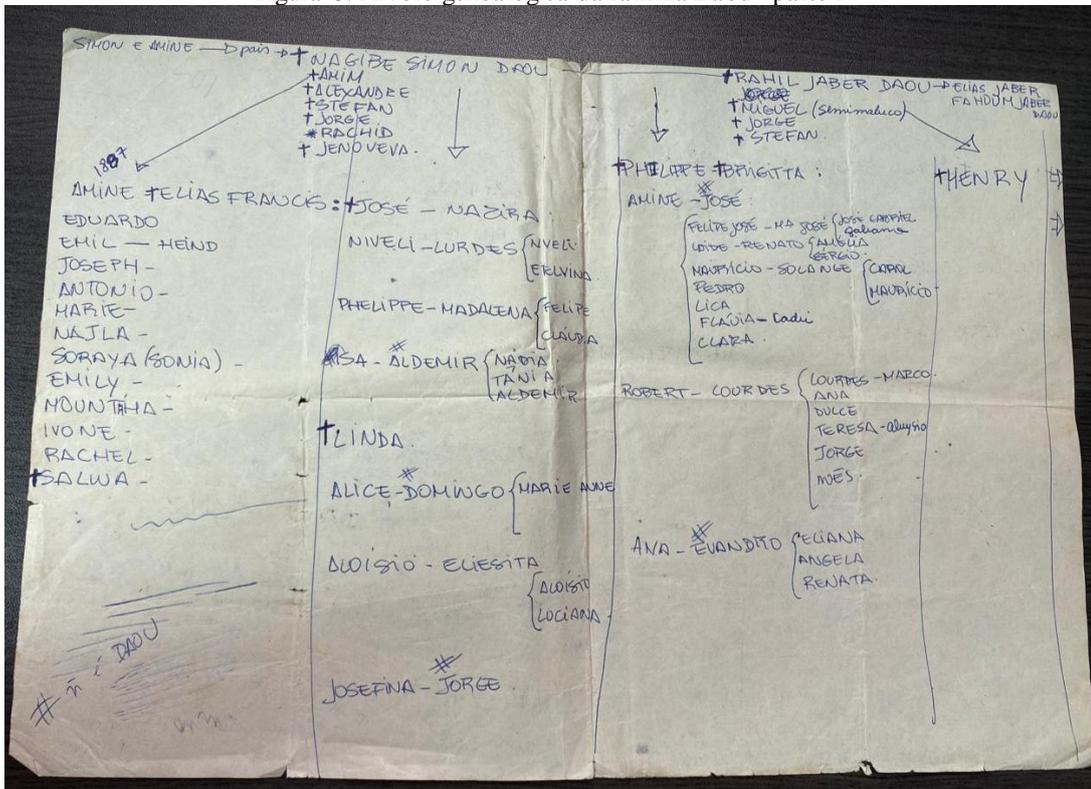
Percebemos que para Sálvia, a relação com escrita é uma extensão da sua existência. A viuvez precoce e o processo de luto foram amenizados pelos desabafos que registrava no papel, e pouco depois do falecimento de seu marido, o primeiro livro estava pronto.

Ainda que ela não retrate suas memórias de infância enquanto neta de sírios, não sendo possível utilizá-los como registro dessa imigração, como fizemos com as obras de outros autores, Sálvia traz nas crônicas muitas lembranças de seus familiares e reflexões sobre a própria vida, que revelam as nuances de estar vivo.

2.5. A força dos nomes: encontro e fuga

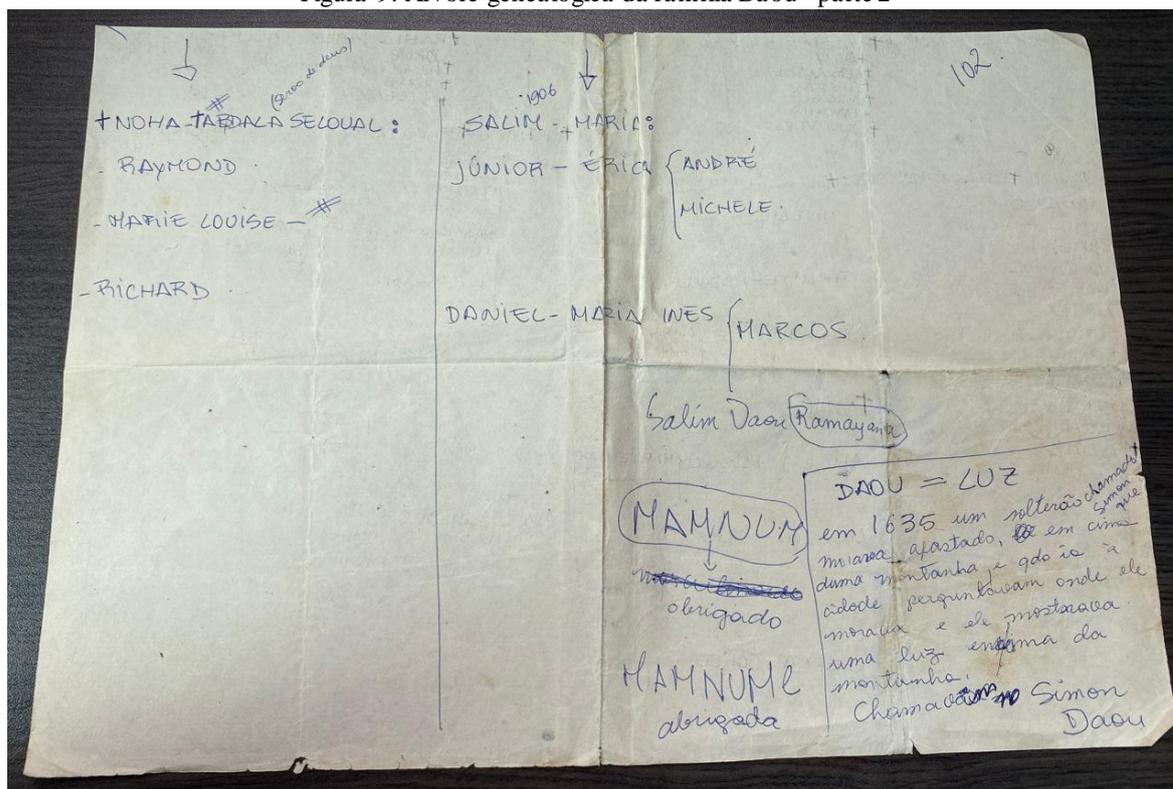
Observando o esboço da árvore genealógica fornecido pela família Daou (figuras 9 e 10), notamos que a rede migratória que se formou entre os sírio-libaneses também proporcionou um outro aspecto a ser discutido: o da escolha dos nomes dos filhos desses imigrantes. Para os Daou, a nomenclatura dos filhos seriam um tributo a outros membros da família, ou pessoas importantes para eles.

Figura 8: Árvore genealógica da família Daou - parte 1



Fonte: Acervo da família Daou, elaborado por Inês Daou e Salim Daou

Figura 9: Árvore genealógica da família Daou - parte 2



Fonte: Acervo da família Daou, elaborado por Inês Daou e Salim Daou

Os registros acima foram redescobertos recentemente pela família, estavam guardadas com uma tia, Inês, que não participou da pesquisa, mas que gentilmente cedeu os originais, uma vez que a existência dos documentos era conhecida apenas por fotos. A árvore genealógica em questão foi construída em ano incerto, na ocasião da visita de Inês ao tio, Salim, irmão de seu avô Philippe, e traz informações muito relevantes, a começar pela origem do sobrenome Daou, que seria a partir de uma lenda, e pode ser vista na figura 10. Ao final da lenda, está destacado o nome Simon Daou, que teria sido o primeiro com este sobrenome. Anos mais tarde, nascia outro Simon Daou, que é o tronco da árvore dos Daou que vieram para o Amazonas.

Nota-se também que o primogênito de Simon e Amine recebeu o nome de Nagibe Simon Daou, o que de acordo com Pedro Lucas Lindoso, é uma tradição árabe, de colocar o nome do pai como segundo nome do primeiro filho homem. O segundo filho do casal citado, Amim, pode ser considerado uma homenagem à mãe, Amine, que também foi homenageada pelo filho Nagibe, cuja filha mais velha se chamava Amine, e em conseqüente, o neto da primeira Amine, Philippe, nomeou sua primogênita de Amine também, constando tributo em três gerações seguidas.

Embora tenham escritas diferentes, Philippe foi homenageado pelo irmão José, que batizou seu filho de Phelippe. O próprio Salim, que estruturou a árvore genealógica da família junto com a sobrinha-neta, Inês, denominou o próprio filho de Salim Junior.

Destacamos também, já do outro lado da árvore, o nome do terceiro filho de Elias e Fahdum, este foi o pioneiro da família a chegar na região amazônica, o George Velho, ou Tio George, foi homenageado por seu sobrinho-neto, Robert, que nomeou seu único filho homem de Jorge.

Outro elemento riquíssimo presente nesta árvore genealógica são os signos utilizados para destacar acontecimentos importantes para esta família na época em que foi desenhada. O sinal +, indica que a pessoa já faleceu, o – assinala os casamentos, o { aponta os filhos do casal, e o # representa os homens não Daou que conseqüentemente não poderão passar a o sobrenome da família adiante.

Durante as entrevistas surgiu outra questão, que envolve a família de Jorge Abboud Daou, cujo Daou vem de outra raiz genealógica. Abboud diz que foi seu pai, Adib, quem incorporou o Daou nos filhos, e explica: “o meu avô, largou a minha avó, Manie Daou Abboud, e meu pai, o mais novo dos filhos não aceitou a separação. Aí, em vingança disso, ele botou Daou em todo mundo, para homenagear minha avó”. Adib casou-se com a acreana Lilia, e nomeou os sete filhos também em tributo a membros da família e amigos: Manie, Alexandre, Mary, Adma, Georgette, José e Jorge. Jorge Abboud teve dois filhos homens, aos quais nomeou de Adib Alexandre, em homenagem ao pai de Jorge, e Francisco José, em homenagem a irmão, todos mantendo o sobrenome Abboud Daou.

Se para alguns homenagear familiares ou pessoas que lhes ajudaram na migração era importante, para outros, o nome dos filhos teria uma função de livrá-los do peso de ser imigrante, como nos explicou Elizabeth Azize:

A minha mãe, para evitar a discriminação que ela sofreu, e as irmãs, e os irmãos, ela pôs o nosso nome, das 5 mulheres e dos homens, tudo brasileiro. O nome da gente era tudo de artista, o meu é de rainha, a minha irmã é Claudete, em homenagem à Claudete Flaubert, da França. A outra era Georgette, com G, que é um nome árabe. Meu irmão é Jorge, por aí vai...

Assim, entendemos que a experiência de vida de cada migrante foi essencial para a formação da identidade dos descendentes, e talvez por esse motivo as memórias que foram compartilhadas conosco tragam tantas nuances diferentes.

2.6. Cismas para todos os lados

Como dito anteriormente, os imigrantes sírio-libaneses receberam a denominação de turcos devido ao longo período de dominação do Império Otomano na região da Arábia e que esse termo poderia ser pejorativo para alguns. Quando abordamos sobre a existência de algum preconceito, parte dos participantes desta pesquisa negaram terem sido vítimas de racismo, e outra parcela afirmou veementemente que não só os pais ou avós, mas eles também sofreram discriminação.

Para Marly Hatoum, cuja família iniciou a vida brasileira no Acre, não havia nenhum tipo de distinção feita pelos moradores locais, e tanto seu pai quanto seus avós só compartilharam boas lembranças do tempo em que chegaram, e ressaltavam que eram chamados de turcos “por falta de conhecimento, não como xingando. É que não sabiam a diferença da Turquia, para o Líbano, para Beirute...”, e dessa forma, a família cresceu e alcançou o sucesso em harmonia com acreanos e amazonenses.

Nesta esteira, Lourdes Daou acredita que “não tenha sido preconceito, mas tenha sido uma espécie de gueto. Eu nunca ouvi falar de preconceito. Preconceito por serem libaneses, eu nunca ouvi falar, não sei se teve”, e seus irmãos Ana Maria e Jorge reafirmam que na família não se falava de discriminação por serem árabes.

Em contrapartida, Elizabeth Azize considera um crime contra o povo árabe ser chamado de turco, uma vez que “Esse Império Otomano viveu, cresceu, às expensas das riquezas do mundo árabe, eles dominavam as cidades, os núcleos urbanos, eles torturavam as pessoas, e as subjugavam. As pessoas eram escravas do Império Otomano, ou seja, dos turcos”, e fala que enquanto estava na escola, principalmente na escola particular, sofreu muito com a discriminação por ser árabe, e que até hoje a chamam de turquinha. Dessa forma, percebemos que ainda que houvesse acolhimento por parte da população local, e nomenclatura *turco* não apareceu nas narrativas coletadas como tendo um sentido pejorativo, o fato de utilizarem essa denominação causou desconforto para alguns.

Por uma outra vertente, a própria comunidade sírio-libanesa era dotada de cismas com aqueles que não tinham a mesma origem. Jorge Abboud explica que existia certa rejeição da comunidade árabe com os casamentos interraciais, e afirma:

nunca me dei bem, elas não tratavam a minha mãe bem, porque ela não era árabe. Esse preconceito existia com a mulher do Philippe, com a tua avó, Dona Lourdes... A Nagibe discriminava muito a minha mãe, por não ser árabe, por ser morena, da minha cor.

Esse fato também pode ser visto no livro de Elizabeth Azize (2019), que apesar de ser uma ficção, se baseia nos acontecimentos históricos que a autora vivenciou.

O bairro todo sabia da paixão de Felipe e Mara. A família do rapaz fez tudo pra convencer seu Mamed, mas não teve jeito. O “turco” espumava de raiva só de pensar em ver a filha casada com quem não fosse da raça. Sua filha Mara era do sobrinho Hassan (AZIZE, 2019, p. 56).

Assim, notamos que ainda que os casamentos entre os próprios membros da comunidade árabe fossem comuns e considerados como adequados, alguns imigrantes escolhiam pessoas de outras nacionalidades para casar-se, o que escandalizava a sociedade sírio-libanesa, recaindo implicância sobre aquele que não pertencia ao grupo.

Embora este não seja o objeto desta pesquisa, outro tipo de preconceito foi identificado no decorrer das entrevistas, e por fazer parte das memórias relatadas pelos descendentes, julgamos necessário registrá-lo também. O machismo, ainda que compreensível quando remontamos o início do século XX, se fez presente em vários discursos como um fator de destaque.

Roberto Bulbol conta que a mãe foi hostilizada, principalmente porque precisou ajudar seu pai, avô de Roberto, na loja que a família possuía na época; “minha mãe foi a primeira mulher a trabalhar no comércio. Meu avô ia para a loja e em determinado momento precisava se ausentar, então minha mãe o substituí. Ela ficou com mágoas da discriminação que sofria”.

A inserção da mulher no negócio da família era um tabu que os sírio-libaneses não se importavam em quebrar, pois estavam muito conectados com o trabalho que desempenhavam e em construir o próprio patrimônio, mas quando o assunto era a maneira “correta” de se portar, as mulheres deveriam seguir a etiqueta que os maridos e pais as empunham. Sobre isso, Pedro Lucas Lindoso expõe que

a tia Lurdinha e a minha mãe, eu nunca vi elas usando calça. A minha mãe nunca usou, e aí ela, acho que ela se acostumou. Uma vez colocaram uma calça comprida nela, ela já era uma senhorinha, e ela não gostou. Menina tinha que usar vestido, Deus o livre! Eles eram muito machistas.

Considerando que a mãe e a tia mencionadas por Pedro nasceram nos anos 1920, ponderamos que essa era a moda da época, e que talvez não tenha sido esse o motivo de terem se habituado a usarem vestidos e saias no dia a dia, sem sentirem a necessidade de

modernizarem os trajes, mas ele também expôs que o uso de acessórios e maquiagens era controlado, resguardado para ocasiões especiais.

Sálvia Haddad explica que o pai era também muito machista, e que “isso é uma característica da época, mas é uma característica muito árabe”. Ela cita que a mãe não podia ir ao médico sozinha, o pai sempre a acompanhava e relembra de uma frase que ele sempre dizia:

Eu sou a cabeça da cobra, vocês são o rabo”, a minha mãe era o pescoço, hoje dizem que é o pescoço, porque a cabeça só vai para onde o pescoço vai, mas naquela época não era esse sentido, era o seguinte, era ele que decidia as coisas, então ele era aquela formação familiar patriarcal. Ele tinha a última palavra. Não era ela que mandava, era ele. As filhas só podiam namorar com 15 anos, a gente também não podia usar roupa curta, nem muito colada, e todas as meninas tinham que casar virgem. Isso daí sempre foi dito muito abertamente.

Lourdes Daou aponta que há alguns anos, no casamento de um familiar, a noiva havia pagado os custos de maquiagem e penteado para as madrinhas e tias, e a única pessoa que não utilizou os serviços foi a esposa de um primo seu, que justificou a atitude dizendo que o marido não gostava que ela utilizasse tais cosméticos. Lourdes também conta uma outra história, fora do seu eixo familiar, que ilustra o poder que alguns homens árabes exercem sobre suas companheiras:

Eu me lembro que uma vez eu tive uma chefe lá no Ministério de Minas e Energia e ela era de família italiana, ela se separou e resolveu namorar um árabe, que era o árabe mais rico de Brasília. O padrão dele era ir ver corrida de Fórmula 1 em São Paulo, e aí dela de dizer que não podia, aí dela se esquecer e sair sem perfume, aí dela de andar sem batom.

Esse machismo era tão enraizado que até mesmo as mulheres repetiam os discursos dos maridos. Jorge Daou lembra que uma amiga da família, filha de sírio-libaneses, ao saber do nascimento da segunda filha dele, isso já nos anos 1990, lhe disse que ele e a esposa deveriam continuar tentando, que em algum momento o filho homem viria.

Alguns conceitos estão tão enraizados em determinadas culturas, que os discursos se prolongam gerações após gerações, deparando-se com uma linha tênue separando conceito de preconceito. Essa linha costura muitos elementos na comunidade sírio-libanesa, emendando machismo, religião, origens etc., que ora coloca opressores como oprimidos e vice-versa, formando uma colcha que cobre a educação doméstica enraizada nas ditas tradições culturais.

Vive-se um momento no Líbano em que 98% dos refugiados do país são da Síria (ACNUR, 2020), o que acabou gerando uma crise interna, levando a população a atribuir o

declínio libanês aos imigrantes, que se sujeitam ao racismo, à discriminação e as vezes à intolerância. No Brasil, no recorte em que se propõe nosso estudo, podemos dizer que situação similar de racismo, ocorreu com relação aos sírio-libaneses serem chamados de “turcos” não só no sentido de serem provenientes da região, mas também como sinônimo de pessoas extremamente sovina, o que não é verdade, porque eles adoram negociar.

Minha mãe recorda que na infância, no interior de São Paulo, ouvia muitas estórias dos sírio-libaneses: “a vizinha deixou a criança com o casal turco para levar o maiorzinho no médico e quando voltou o casal tinha assado a criança no forno”. Esse tipo de “causo” alimentou o racismo e a intolerância contra os “brimos” por muito tempo no Brasil.

Com relação ao gênero, nota-se um preconceito velado: é preciso que se tenha um filho homem para dar continuidade ao nome, mas esta não é uma exclusividade da cultura sírio-libanesa, é uma cultura europeia replicada em várias nações, e os sírio-libaneses como herdeiros de um império erguido pelas guerras, sabiam da necessidade de homens para enfrentarem os inimigos, enquanto mulheres ficavam à sombra como sexo frágil. Assim, não é de se estranhar que ainda hoje esse (pré)conceito resista como verdade absoluta, ao mesmo tempo em que sofre com o peso de ser uma mulher com ascendência sírio-libanesa, transfere igual carga para outra mulher, que possui origens diferentes, e tenta se inserir na comunidade da primeira.

2.7. Culinária: tradição unânime

A culinária apareceu por diversas vezes em todas as narrativas dos *brimos* como uma das tradições mais relevantes para esses descendentes; para alguns, esta foi a única que perdurou. Coube principalmente às mulheres o papel de introduzir as receitas árabes ao paladar brasileiro, já que elas preparavam para os filhos e maridos “um alimento versátil, cujo transporte se adaptasse facilmente aos bolsos de suas vestimentas ou que pudesse ser acondicionado junto à mala de mercadorias que carregavam” (FRANCISCO, 2017, p. 167), e assim, quem estava por perto cobiçava as iguarias.

A gastronomia de um povo tem o poder de aproximar culturas diferentes e ao mesmo tempo, de ativar as memórias de quem já as conhece. Poucos são aqueles que não consideram a comida feita pela avó ou pela mãe como a melhor do mundo. É que “a memória gustativa em particular é um sentimento saudosista de tudo que nos traz boas lembranças e provocam a consciência de um sabor que remete ao passado” (LINDOSO, 2019, p. B3); dessa forma,

manter a tradição da culinária árabe remete à infância e aproxima daqueles que possuem as mesmas origens.

Também exemplo de como a culinária era o elo com o oriente, é o que Sálvia Haddad nos diz:

Eu considero que nós crescemos num ambiente em que a gente sabia a nossa origem, e a nossa origem aparecia concretamente na minha casa muito mais pela culinária. O meu pai sempre gostou muito de tudo, então tinha quiabo, pepino, tabule, *shishbarak*³⁸, *kibe*, esfiha, folha, couve, os temperos que o meu pai gostava, eram muito temperos e tinham uma farofinha que é meio amarronzada, que ele comia com tudo.

Sálvia ainda conta que a mãe, sem descendência sírio-libanesa alguma, precisou fazer um curso de culinária árabe para poder se casar com o pai, Mário Haddad. O mesmo aconteceu na família de Jorge Abboud, cuja mãe aprendeu a cozinhar com o pai dele e com mulheres sírio-libanesas que já estavam na região. Com carinho, Jorge Abboud lembra de uma delas, “a D. Habuba, fazia o melhor quibe do hemisfério norte, e mamãe aprendeu a fazer com ela, mas nunca fez tão bem quanto a Habuba. Agora, o tabule que a minha mãe fazia, eu nunca vi na vida, era a coisa mais maravilhosa do mundo”. Ele também lembra que muitos alimentos vinham direto do Líbano, como *halewa*³⁹, *belewa*⁴⁰, azeitona, e tâmaras do Líbano.

Muito discrepante das refeições brasileiras, Jorge Abboud descreveu como era o café da manhã de seu pai, seguindo os costumes alimentícios árabes:

isso é importante, o café do meu pai era cebola, tomate, pepino, azeite e azeitona preta, que vinha do Líbano. Aquela azeitona deliciosa. Isso era o café do meu pai. Eu era o mais novo e tomava com ele. Tomava não, eu ficava lá olhando. Ele mordida cebola pura, chega saia fumaça. A nossa comida toda era árabe. Claro que tinha um peixe, um feijão, tinha um baião de dois, mas a base era árabe. Coalhada, na minha casa não faltava.

A mescla de pratos amazônicos e árabes era presente também em outras casas. Marly Hatoum relata que apesar da mãe adorar cozinhar peixe e comidas típicas do Amazonas, a família se alimentava muito de comidas árabes também

kibe, *esfiha*, tabule, berinjela recheada, charutinho... Ai que gostoso, deixa eu ver... Eu gosto demais de grão de bico, aquele homus com gergelim, gosto de berinjela recheada com carne moída, quibe de forno, arroz com lentilha, que nós vamos fazer

³⁸ *Shishbarak* é uma sopa de iogurte fresco, servida com bolinhos de massa recheada com carne.

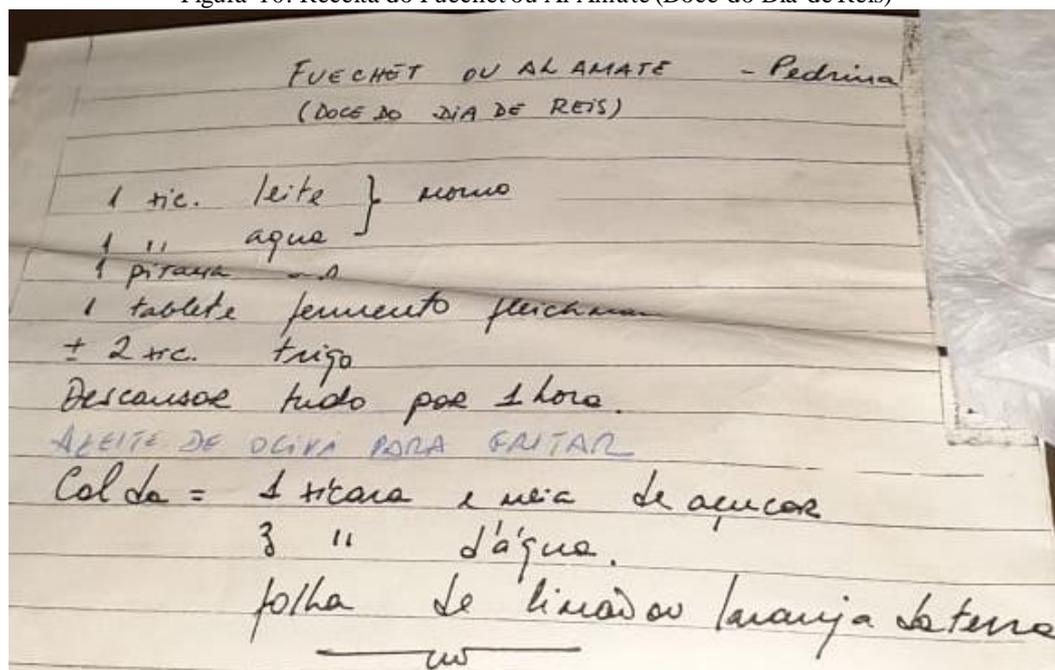
³⁹ *Halewa* é um doce feito com pasta de gergelim, pode ser apresentado também com pistache ou chocolate.

⁴⁰ *Belewa* é um “folhado de massa philo com recheio de nozes, amêndoas ou pistaches (...) compostos por 12 folhas e molhados com calda. Podem variar no formato quadrado, triangular, flor, entre outros.” (SANTOS, 2013, p.105)

para o Natal, para dar sorte. E a minha avó fazia muito, a mamãe também, o grão de bico tipo feijão, com carne de músculo sabe, faz igualzinho o feijão, tempera como feijão, e põe osso buco, ou músculo mesmo, fica uma delícia!

É um engano pensar que essas delícias só eram oferecidas em datas especiais, Jorge Daou explica que comiam sempre, principalmente *kibe*, charuto e tabule, “e todo mundo sempre gostou dos doces, mas a minha mãe não fazia, quem fazia era a Dona Jamel Fadoul”. Sua irmã, Ana Maria Daou cita que a lentilha também era uma das comidas árabes muito consumidas na casa deles quando crianças, e se lembra que a mãe, sem descendência sírio-libanesa fazia exclusivamente nos festejos de Natal, um doce específico, cujo nome não recorda, “um doce que era uma delícia. Parece que é um doce muito popular no Líbano. Isso minha mãe fazia”. Esse doce, de acordo com Lourdes Daou, a mais velha do clã, se chama “*Fuechet* ou *Al Amate*” e mais conhecido na família como doce do Dia de Reis.

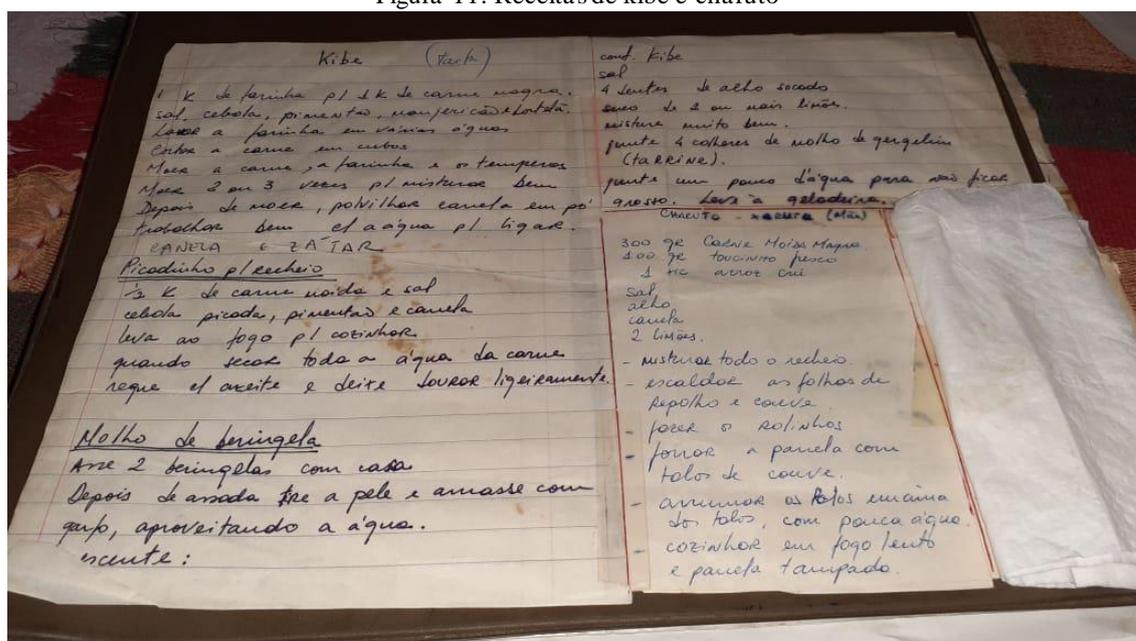
Figura 10: Receita do Fuechet ou Al Amate (Doce do Dia de Reis)



Fonte: Livro de Receitas da Sra. Lourdes Daou

Além da receita do saudoso doce, Lourdes compartilhou conosco outras duas receitas, de kibe e de charuto, que eram muito comuns na sua casa quando ela era criança, e que ela reproduz hoje em dia para as filhas.

Figura 11: Receitas de kibe e charuto



Fonte: Livro de Receitas da Sra. Lourdes Daou

Se algumas famílias se utilizavam de receitas que foram passadas de geração em geração, outras mantiveram a forma de fazer na memória. Quando perguntamos de Marly Hatoum se poderia compartilhar alguma das receitas de D. Naha, sua mãe, obtivemos a seguinte resposta “da mamãe, mas eu não tenho, porque elas faziam no olho, eu a observava fazer o *kibe* de forno, o grão de bico com carne de músculo. A vovó Emilie também não cozinhava por receita não, era tudo mais assim, na experiência”, e logo em seguida, ela divide conosco alguns ingredientes da *esfiha* que sua avó fazia: “o que eu achava interessante na *esfiha* da minha avó, é que não tinha fermento nem ovo. Era trigo, água e sal”, e segundo Marly, a massa era deliciosa. Ela ainda complementa que a avó

fazia *belewa*, esticava numa mesa de madeira, que ela tinha lá na casa dela, na Floriano Peixoto, assim do tamanho dessa mesa [e aponta para sua comprida mesa de jantar], mas de madeira. Ela esticava que ficava igual um papel vegetal a massa da *belewa*. A vovó fazia cada doce árabe difícil, meu Deus, que dom! E a Nohad herdou esse dom dos doces, a minha tia. Ela sabe fazer doce muito bem.

Assim, percebemos que o principal elemento da culinária árabe não são os ingredientes, mas o afeto e a memória que essas receitas trazem para os membros dessa comunidade, que sempre reforçam o princípio da comensalidade, o de comer junto.

2.8. Religião não se discute

A proximidade da Igreja dos Remédios tanto em moradia quanto em comércio, trouxe à tona outro fator: a religião. De acordo com Hajjar (1985, p.77), os imigrantes árabes que chegaram até 1940 eram em sua maioria cristãos:

as representações mais fortes são a ortodoxa, a católica romana e a igreja maronita, existindo ainda grupos menores, como melquitas, sírios ortodoxos, presbiterianos, caldeus, siríacos, muçulmanos e druzos (...) muitos deles fizeram-se católicos, pois não havia outro culto na coletividade.

Ainda que alguns dos descendentes entrevistados não tenham esse lado espiritual aflorado, reconhecem a existência de um elo forte de seus antepassados com a religião.

Jorge Daou explica que a maioria dos imigrantes sírio-libaneses que vieram para o Amazonas eram cristãos maronitas, e que “os poucos muçulmanos que vieram, se converteram ao cristianismo”. Nesse sentido, Elizabeth Azize diz que em sua casa, a maioria da família era cristã ortodoxa, mas que por opção, ela virou muçulmana.

Lourdes Daou nos explica que muitos imigrantes “continuaram sendo maronitas, muitos se casaram pelo rito maronita, e eles adotaram a religião mais próxima, que era a católica romana”, o que vai ao encontro do depoimento de Jorge Abboud, que conta que o pai era maronita, e que educou os filhos como católicos: “a Igreja dos Remédios era o nosso palco. Eu fui crismado e batizado na Igreja dos Remédios, e minhas irmãs todas também... Nossa Senhora do Monte Líbano, tem lá um altar dela”. Sobre o altar dedicado à Nossa Senhora do Líbano, Roberto Bulbol diz “foi meu avô que doou a imagem para a igreja, há mais de 90 anos. E eles faziam uma novena em árabe todas as terças-feiras lá na igreja”. A padroeira dos libaneses é celebrada a cada primeiro domingo de maio e na Igreja dos Remédios existe uma missa especial em homenagem à santa.

Por muitos anos, logo após essa missa, parte da comunidade sírio-libanesa se reunia na casa de uma *brima*, para festejar a patrona. Lourdes Daou conta que

a melhor lembrança que eu tenho da minha infância, de festa, era tal da festa de Nossa Senhora do Líbano. Nossa, mas era um festão, um festação, parecia ser festa de São João. Imperdível! A festa na realidade era o seguinte tinha missa, com padre maronita, com aquele chapéu assim quadrado, aquele negócio. Todo mundo ia para a missa. A igreja ficava lotada de libaneses, mas ou social era o pós-missa. Naquele pós-missa, embora nunca tenha sido verbalizado para a gente, ia o povo que não era maronita, ia o povo que no fundo, no fundo era até muçulmano. Ai tinha o comes e bebes, ali atrás da Igreja, naquele lugar da Igreja, mas todo mundo se abraçava, beijava, se falava, e tinha o almoço, que eu acredito que nem todo mundo ia, mas a gente ia, porque a gente era parente, mas também nunca foi dito que a gente era

parente. Eu só fui entender depois, sei lá por que não era dito, o famoso almoço na casa de Dona Jamel. Naquele pós missa [de Nossa Senhora do Líbano], embora nunca tenha sido verbalizados pra gente, ia o povo que não era maronita, ia o povo que no fundo, no fundo era até muçulmano. A gente não tinha a menor ideia do que era ser muçulmano. A única ideia que a gente tinha, é que meu pai dizia assim: mas fulano é *muça*, eu lá sabia o que era *muça*...

Sua irmã, Ana Maria Daou, reitera que ia todos os anos com os pais e irmãos, mas que depois de ter saído de Manaus, nunca mais viu algo do tipo, até porque não manteve o catolicismo como religião. Ela explica que a maior parte dos seus amigos era católico, mas que o pai, Robert, era muito distante da igreja, pois “tinha brigado com o padre. De qualquer maneira mesmo que ele dissesse católico, não tinha nada a ver com a história da família da minha mãe, que era super religiosa”.

Ainda no catolicismo, Roberto Bulbol conta que sua mãe era muito devota de São Charbel⁴¹, desde antes de ele ser canonizado, por causa da proximidade com a origem do santo, que nasceu no Líbano e escolheu seguir a vocação monástica na Igreja Maronita. De acordo com Roberto, a mãe prestava homenagens ao santo e frequentemente acendia velas pedindo a intercessão dele.

Por outro lado, Marly Hatoum conta que a experiência religiosa na sua família era diferente, pois a mãe e a avó eram católicas, mas o pai e o avô eram muçulmanos

A minha avó era muito católica, cantava em árabe na Igreja dos Remédios. E meu avô Mammed era muçulmano. O papai, ele era muçulmano, mas levava a minha mãe na missa e ficava esperando por ela na porta da igreja Nossa Senhora de Nazaré. O meu avô, que era um muçulmano mais de raiz, ele jamais impediu minha avó e os filhos de serem católicos. A mamãe, todos sabem, era muito católica, a Nohad muito devota à Nossa Senhora. E o vovô ficava na dele, o papai também na dele, porque o papai dizia "filha, tudo é Deus". O que mais eu admirei na minha juventude é que a gente recebia todas as amigas lá na casa da Getúlio Vargas, sem distinção, de raça, de cor, de religião e de status social. Pode por isso! A mamãe recebia todos, fazia os pasteizinhos, até hoje as minhas amigas falam "que sauda dos pasteizinhos da D. Naha". E eu não sei o que é discórdia sobre religião. Falo isso do fundo do meu coração, eu não sei o que é isso. Até porque, cada um seguia né... Olha tu podes colocar Georgia, que na nossa família, não se dividia Deus. Nem na família do Vovô Mammed, nem na família do papai. Meus tios respeitavam, são cinco irmãos da minha mãe, que só foram duas mulheres e cinco homens, todos respeitavam.

Percebemos então que na casa dos Hatoum a presença de duas diferentes religiões não foi motivo de desavenças, mas agregava cultura e sabedoria a todos os que frequentavam a residência.

⁴¹ “São Charbel Makhoul, símbolo de união entre Oriente e Ocidente, beatificado no dia 5 de dezembro de 1965 e canonizado no dia 9 de outubro de 1977, foi o primeiro confessor do Oriente venerado de acordo com o procedimento da Igreja Católica Apostólica Romana”. (Igreja Maronita do Brasil)

Depreendemos, conforme os relatos dos entrevistados, que a religião não se caracterizou como motivo de segregação ou discórdia, o que é muito comum no Líbano e Síria, vale ressaltar que aqui, os sírio-libaneses encontraram religiões tão diversas das conhecidas por eles, convivendo harmonicamente, que adotaram a tolerância e o respeito pelas religiões e se concentraram em organizarem suas vidas seguindo as regras sociais locais.

3. ÁLBUNS DE FAMÍLIA

Este capítulo traz-me à memória a música *In My Life*⁴², dos Beatles, que fala sobre as memórias que construímos ao longo da vida e como estas são importantes para a nossa própria história. Ao ter acesso aos álbuns de família dos participantes da pesquisa, e à medida que me mostravam as fotos, fui rememorando as histórias que ouvia em minha própria família, como uma viagem oral e visual que permeia o cotidiano dos entrevistados e meu também.

Desde o advento da fotografia, em meados dos anos 1800 (SONTAG, 2004), as fotos são utilizadas como instrumentos de revisitação do passado, seja por meio de um quadro, um porta-retrato, um álbum, uma caixa com fotos deixada no fundo de um armário, ou ainda, as inúmeras imagens arquivadas em nossos celulares. Todas, sem exceção, compõem um relicário, em que lugares, sentimentos, imagens e pessoas ficam registrados, como se o tempo pudesse ser congelado.

As fotos remetem-nos a esses lugares, pessoas e sentimentos que são ativados em momentos importantes para a história familiar. São espaços de memória que frequentemente as pessoas revisitam, ora por saudosismos, ora para acessar a memória que se escapa, ora para reviver os melhores momentos do passado. Algumas famílias têm vários álbuns desses, cheios de lembranças e histórias que poderiam até render livros. Outras organizam paredes cheias de porta retratos, de cada membro da linhagem e há lares que preferem resguardar suas memórias. Nesse mesmo sentido, Pierre Bourdieu defende que

O álbum de família exprime a verdade da recordação social. Nada se parece menos com a busca artística do tempo perdido do que estas apresentações comentadas das fotografias de família, ritos de integração a que a família sujeita os seus novos membros. As imagens do passado dispostas em ordem cronológica, “ordem das estações” da memória social, evocam e transmitem a recordação dos acontecimentos que merecem ser conservados porque o grupo vê um fator de unificação nos monumentos da sua unidade passada ou, o que é equivalente, porque retém do seu passado as confirmações da sua unidade presente. É por isso que não há nada que seja mais decente, que estabeleça mais uma confiança e seja mais edificante do que um álbum de família: todas as aventuras singulares que a recordação individual encerra na particularidade de um segredo são banidas e o passado comum ou, se se quiser, o mais pequeno denominador comum do passado tem o brilho quase presunçoso de monumento funerário frequentado assiduamente. (1965, p.53-54)

⁴² “There are places I'll remember/ All my life, though some have changed/ Some forever, not for better/ Some have gone, and some remain/ All these places had their moments/ With lovers and friends, I still can recall/ Some are dead, and some are living/ In my life, I've loved them all/ But of all these friends and lovers/ There is no one compares with you/ And these memories lose their meaning/ When I think of love as something new/ Though I know I'll never lose affection/ For people and things that went before/ I know I'll often stop and think about them/ In my life, I'll love you more/ Though I know I'll never lose affection/ For people and things that went before/ I know I'll often stop and think about them/ In my life I'll love you more”

Entendemos que para Bourdieu, as fotografias compreendem uma recordação social que edifica a unificação dos grupos, cujas aventuras deixam de ser segredos. Na mesma corrente, Márcia Elisa Lopes Silveira Rendeiro (2010, p.3), também concebe a fotografia como:

Segredos a espera de uma investigação memorialista. Nesse processo revelador surgem as clássicas fotos de casamento, nascimento, batizado e formatura. Essas imagens fotográficas são quase sempre apresentadas em séries, vinculadas desse modo ao elemento narrativo, o que por sua vez possibilita a construção de memórias individuais e coletivas, projetando os caminhos e as aspirações da família. O conjunto dessas fotografias configura uma espécie de texto imagético a suscitar leitura e entendimento, um discurso visual que traz à tona a representação e a identidade da família no espaço social.

A fotografia se apresenta, assim, como fonte documental sensível capaz de revelar questões humanas, políticas e culturais das sociedades, que não podem ficar à deriva nas fontes de estudos. Tão importantes quanto os registros fotográficos, há também as cartas e os objetos, que fazem parte dos arquivos pessoais. Ana Maria de Almeida Camargo pontua que “só se costuma atribuir valor permanente aos arquivos de pessoas que alcançaram alguma expressão ou proeminência no mundo da política, da ciência, das artes, do direito, da filosofia ou da literatura” (2009, p.29). Porém, para nós, a importância do material compartilhado por nossos entrevistados é muito grande, visto que estes reconstróem o passado dessas famílias.

Esta dissertação se interessa pelos acervos familiares de seus entrevistados, na perspectiva de um patrimônio simbólico que revela pertencimento, identidade e referência para os descendentes sírio-libaneses no Amazonas.

3.1. Fotografias

De acordo com Susan Sontag (2004), as fotografias constroem para cada família uma crônica visual de si mesma, e revê-las é uma forma de legitimar o pertencimento e a identidade familiar, servindo também de referência para a experimentação dos valores familiares frente às transformações radicais que os tempos imprimem às relações em família.

Vivemos agora em um tempo em que o compartilhamento da vida através das redes sociais ficou mais importante do que viver. Em nossos celulares temos milhares de imagens e vídeos que, talvez, nada dirão sobre nossas memórias quando os revisitarmos no futuro.

Temos fotografias de cartazes engraçados, de uma paisagem que visitamos, um raro clique com a família e amigos, centenas de selfies, vídeos de animais fazendo truques e uma superficialidade que pode até ser considerada um dos luxos do século XXI. Adair Felizardo e Etienne Samain (2007, p.207 – 208) trazem uma reflexão sobre as memórias descartáveis construídas em tempos de fotografia digital.

Na era do “Ctrl-Alt-Del”, da memória “RAM”, a própria memória humana, atrelada às facilidades e às ambiguidades gramaticais dessas tecnologias, pode se perder, pois é fácil olhar para o display, pressionar alguns botões e eliminar, para sempre, aquela imagem que por algum motivo perdeu o interesse, o encanto, a magia e, com ela, a memória que guardava

Observamos que a fotografia armazenada digitalmente ainda não encontrou formas de acesso que configurem um álbum de família como um bem que passará às gerações futuras, a facilidade de captura e exclusão caracteriza a foto digital como uma memória individual descartável, e que poderá em breve perder seu caráter de transferência de saber, de memória, de identidade e pertencimento familiar que lhes são confiados.

Assim, para esse estudo, as imagens que os entrevistados oferecem são relevantes, porque possibilitam a leitura das relações sociais e articulam as memórias individuais no contexto coletivo da imigração e do estabelecimento dos descendentes sírio-libaneses no Amazonas.

Segundo, Silveira Rendeiro (2010, p.8),

Quando folheamos as páginas de um álbum descobrimos que há certamente uma lógica que preside a formação e a organização das coleções fotográficas e ainda que não se fotografe a vida toda de uma pessoa ou de uma família, o registro fotográfico atesta o desejo de reconhecimento posterior (Schapochnik, 1998) e estabelece um sentido de projeção, mais que um “lugar de memória familiar”, os álbuns forjam um espelho social que reflete imagens de um passado construído com os olhos no presente.

Assim, ao folhearmos os álbuns de família de nossos entrevistados, estamos atentos aos desafios que o pesquisador precisa ultrapassar para capturar as memórias que essas fotografias oferecem, antes que a aceleração do tempo as transforme em objetos esquecidos no fundo dos armários.

3.1.1. Álbum dos Hatoum

Marly Hatoum, assim que nos encontramos para a entrevista, mostrou com muito prazer a foto dos pais, Naha e Hassan, ainda jovens. O casal se conheceu em Manaus, na casa do senhor Mamede, pai de Naha, no final dos anos 1940. Na ocasião, Hassan estava de passagem pela capital amazonense, mas morava em Rio Branco, no Acre, cidade em que se casaram.

Figura 12: Naha e Hassan Hatoum



Fonte: Álbum da família Hatoum

Poucos anos depois, já com a primogênita Marly nos braços, Naha e Hassan Hatoum se mudaram para Manaus, e assumiram o comando da loja Esquina das Sedas, que foi a principal fonte de renda da família por muitos anos. Na figura abaixo, podemos identificar o senhor Hassan sentado na loja, cercado dos tecidos que oferecia aos clientes do já conhecido estabelecimento.

Figura 13: Hassan Hatoum na loja Esquina das Sedas



Fonte: Álbum da família Hatoum

Anos mais tarde, após a morte do senhor Hassan, a administração da loja coube à D. Naha, mas os filhos sempre que viajavam para Manaus também visitavam o estabelecimento. Como podemos observar abaixo, Marly e Milton ladeiam a mãe, e ao fundo, há uma enorme variedade de tecidos. Diferente da fotografia anterior, nessa podemos identificar as cores com mais nitidez, e é possível até ver uma das sobreposições de pano e renda, que eram sugeridas para os clientes.

Figura 14: Naha e os filhos Marly e Milton Hatoum na loja Esquina das Sedas

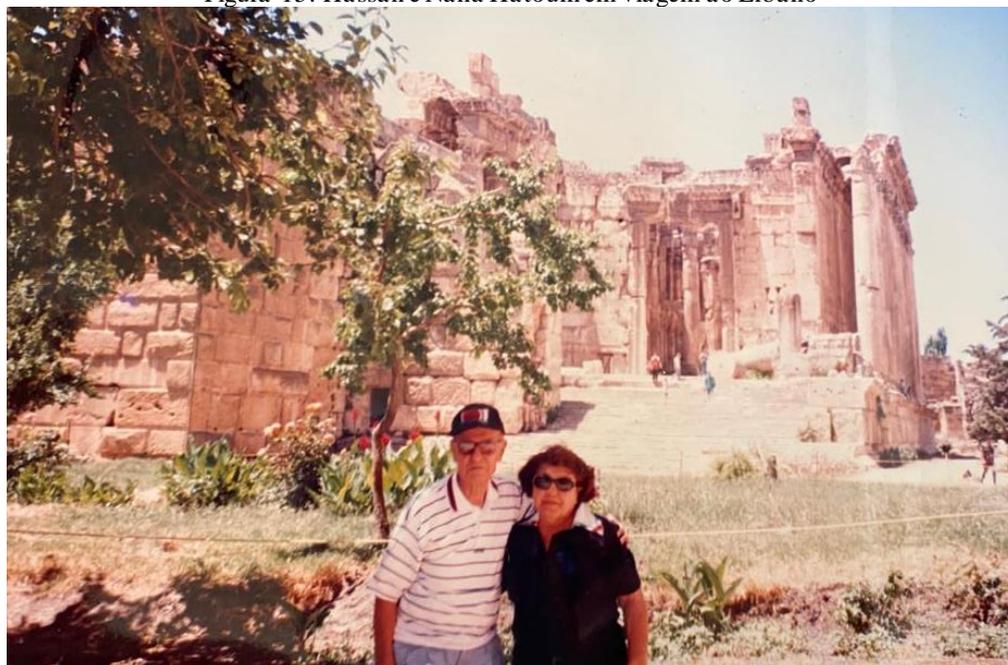


Fonte: Álbum da família Hatoum

O senhor Hassan era um comerciante nato: ao apresentar um tecido, parecia ele mesmo tê-lo fiado. A Esquina das Sedas foi, em minha infância, uma loja de amigos, onde se ia também para conversar. Faz parte das minhas memórias ir à Esquina das Sedas com minha mãe e irmã, em busca das fazendas que serviriam de matéria prima para nossos vestidos de festa, e dona Naha, sempre muito solícita, mostrava as melhores peças disponíveis, enfatizando a maciez, caimento e durabilidade do tecido ofertado. Ambos, Naha e Hassan, contribuíram para que eu entendesse a importância de se ter prazer pelo que se faz.

Outra imagem da família Hatoum compartilhada conosco foi de uma visita dos pais de Marly ao Líbano:

Figura 15: Hassan e Naha Hatoum em viagem ao Líbano



Fonte: Álbum da família Hatoum

Sobre esta viagem, Marly conta:

A mamãe só foi uma vez com papai, agora no final da vida do papai. Ela não conhecia algumas pessoas da família dele, chegou muito feliz, elogiando muito "a família do teu pai é maravilhosa, Marly", ela falava pra gente. O papai foi mais umas duas vezes, o Milton foi com ele, a mamãe não pode ir, ela ficava no comércio, cuidando da gente, da casa. Papai ia pouco ao Líbano, mas foi.

O relato apresentado por Marly sobre as poucas idas do pai ao país de origem traz algumas reflexões. A primeira delas é que podemos notar a importância que Naha e Hassan davam à família, ponto que já foi abordado no capítulo anterior e que ganha força quando a

participante expõe a felicidade da mãe de ter conhecido a família do marido. A segunda diz respeito à relação que o pai desenvolve com o filho homem, de mostrar as origens e incentivar que os laços com o Líbano permaneçam a partir dele.

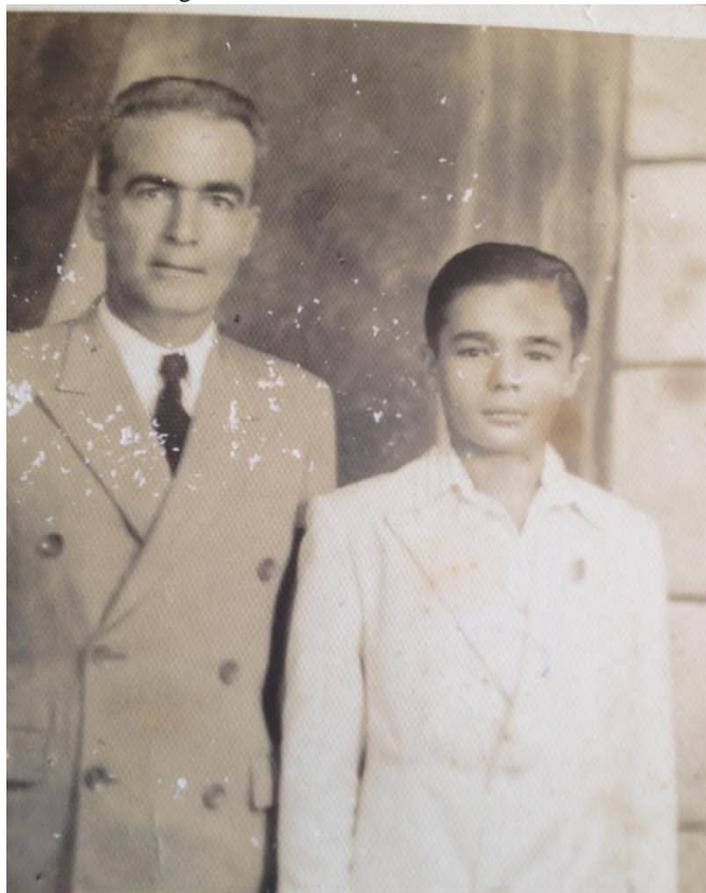
De acordo com Samira Adel Osman (2006, p.11), “a questão do retorno ao país de origem, tanto na primeira quanto na segunda geração, parece ser o elo mais contundente no diálogo entre essas gerações e as expectativas criadas para as gerações futuras”, ou seja, não existe uma quebra de laços entre os filhos de imigrantes e o país de onde seus pais saíram, ainda que a nova pátria seja agora entendida como a nação a qual pertencem, fica também uma ligação com a pátria árabe.

3.1.2. Álbum dos Abboud

Enquanto conversávamos, Jorge Abboud se sentiu a vontade para compartilhar dois registros fotográficos de sua família. O interessante é que apesar de termos realizado esta entrevista presencialmente, as fotografias foram enviadas via WhatsApp, como “foto da foto”, ou seja, o participante carrega consigo esses registros, talvez como forma de se manter próximo dos familiares, ou se recordar os momentos marcantes.

Na primeira imagem, vemos Adib Alexandre Abboud e Alexandre Abboud Daou, respectivamente pai e irmão de Jorge, ambos já falecidos. Alexandre era o segundo filho de Adib e Lilian, e morreu muito jovem; inclusive, Jorge salienta que ele foi o único dos sete irmãos que já se foi. Talvez por causa do vazio que deixou na vida dos irmãos, ele seja o único que teve sua foto compartilhada conosco.

Figura 16: Adib e Alexandre Abboud



Fonte: Álbum da família Abboud

A fotografia abaixo é de um porta-retratos da casa de Jorge Abboud, e mostra seu avô paterno. É curiosa a existência do quadro com a foto do avô, uma vez que os laços com ele eram um pouco abalados, devido ao fato de ele ter se separado da esposa. A partir da imagem, me dei conta de que em momento algum da entrevista o nome do avô de Jorge Abboud não foi mencionado.

Figura 17: Avô de Jorge Abboud



Fonte: Álbum da família Abboud

Ao mesmo tempo que existe essa indiferença, o fato de o quadro estar presente na parede da casa de Jorge Abboud indica que por maior que fosse o rancor que Adib guardava do pai, ainda existia respeito pela figura paterna que ele representava, tanto que a imagem foi passada de pai para filho.

Outro fato curioso sobre a família Abboud é que a vinda de Adib para o Brasil foi estimulada pela briga que teve com o pai, e mesmo muitos anos mais tarde, ele se recusava a voltar para o Líbano, ainda que, em visita à mãe e aos irmãos. Jorge Abboud conta que o pai, “depois de uns 15 anos no Brasil, o irmão dele, tio Nagib, veio aqui para levá-lo, ‘Adib vamos embora daqui que a mamãe está morrendo por causa de ti. Tu és o mais novo’, mas ele não foi...”. Apesar da recusa de Adib em retornar, o vínculo com o país de origem foi passado para seus filhos, como pudemos ver nos trechos da entrevista realizada com Jorge, que por diversas vezes cita o amor pelo Líbano, e mantém no celular uma foto da bandeira do país.

3.1.3. Álbum dos Daou

A família Daou compartilhou também algumas fotos dos seus antepassados, como a tradicional fotografia do casal que acabara de iniciar uma nova família (figura X). Philippe Daou e Brigita Fadoul, casaram-se em Manaus e tiveram três filhos: Amine, Robert e Ana Maria.

Figura 18: Philippe e Brigita Daou



Fonte: Álbum da família Daou

Philippe tinha cinco irmãos, e sempre incentivou que os filhos mantivessem contato entre eles, o que foi repassado para seus netos também. Em especial, a comunicação com Amine Daou Francis, a irmã mais velha de Philippe, que foi morar na Nova Zelândia no mesmo período que os irmãos vieram para o Brasil. Jorge Daou explica que a razão da tia-avó ter ido para outro país se deu pelo fato de ela já ser casada, então “o marido dela era advogado e ele escolheu a Nova Zelândia porque, segundo ele, o país era uma colônia britânica e deveria ter um bom sistema judiciário”.

Os laços com a família da Nova Zelândia foram cultivados, e a troca de cartas, as quais não tivemos acesso, e fotografias para “apresentar” os membros do clã eram muito comuns. Na figura 20, vemos três dos doze filhos de Amine (irmã mais velha de Philippe) e

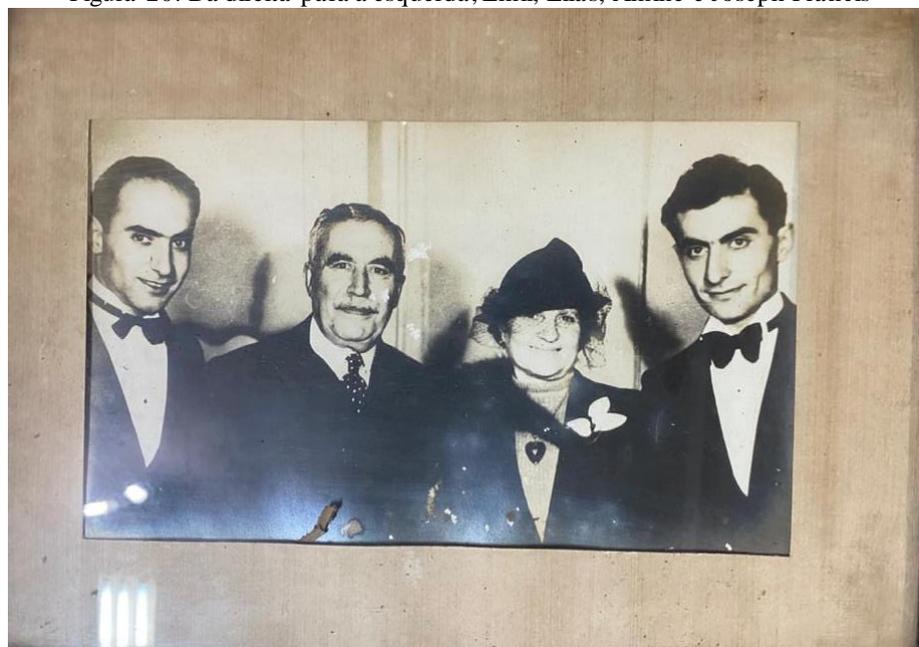
Elias Francis, já na figura 21, temos Amine, Elias e os filhos Emil e Joseph, fotografia que foi emoldurada e hoje se encontra nas paredes do espaço que a família chama de Arquivo.

Figura 19: Marie, Joseph e Saloua Francis



Fonte: Álbum da família Daou

Figura 20: Da direita para a esquerda, Emil, Elias, Amine e Joseph Francis



Fonte: Álbum da família Daou

Durante muito tempo a troca de cartas com os neozelandeses foi importante para que as famílias mantivessem contato. Pedro Lucas Lindoso conta que foi por causa dessa troca

constante, que parte da família estrangeira veio prestigiar a posse de seu pai, José Lindoso, como governador.

Quando meu pai foi governador do Amazonas eles vieram, veio a Sonia, veio um outro irmão deles, chamado Joseph, e parece que um outro. Eu só me lembro mais da Sonia, e agora da filha dela, Nadya, que também já veio aqui. Então a Nadya é da minha geração, ela tem mais ou menos a minha idade, ela é neta da Tia Amine. E o mais incrível, é que há 80 anos atrás, eles levavam um ano para se comunicar, e agora em segundos eu mando um e-mail para Nádía, e ela recebe esse e-mail, e a gente se fala.

Apesar de não terem o mesmo sobrenome, a “prima Nadya⁴³” é famosa na família Daou por sua história de superação, que chegou ao conhecimento dos primos em 2010, quando ela passou alguns dias em Manaus, São Paulo e Rio de Janeiro, para conhecer a família.

Em 1961, Robert Daou e a esposa, Maria de Lourdes foram a Batroun, no Líbano, cidade natal do pai de Robert, Philippe, para conhecer o país e encontrar algum parente que ainda vivia por lá.

Figura 21: Robert e sua esposa em Batroun, acompanhados de dois parentes libaneses



Fonte: Álbum da família Daou

⁴³ Nadya Vessey é uma triatleta neozelandesa e foi a primeira mulher a ganhar caudas de sereia no mundo. Ela teve as duas pernas amputadas quando era criança. Um dia, quando estava na praia, foi questionada por uma criança sobre o motivo não ter ambas as pernas, e respondeu que era uma sereia de verdade. Então entrou em contato com uma empresa de efeitos especiais e encomendou sua cauda, que ficou pronta dois anos depois, construída com Neoprene e lycra (PEARSON, 2011).

Sobre a viagem dos pais para o Líbano, Jorge Lima Daou conta algumas impressões que o pai, Robert, compartilhou com ele:

Meu pai voltou muito impressionado, disse que ele tinha um primo distante lá, que o levou para conhecer as pessoas e apresentava dizendo “esse é o fulano maronita, esse aqui é o sicrano sunita⁴⁴, esse aqui é o beltrano xiita⁴⁵”. Então, a discriminação racial era um negócio brutal e normal. E a outra coisa que ele já voltou de lá sabendo e dizendo para a gente é que os muçulmanos sempre foram maioria no Líbano, mas a elite era de cristãos maronitas, por isso que os maronitas controlavam a política, o Governo do Líbano. E quando os muçulmanos descobriram que eram maioria é que começou a ter essa divisão, que hoje faz com que o presidente seja cristão e o primeiro-ministro seja muçulmano, ou vice-versa. Daí em diante nunca mais eles se entenderam e o Líbano virou a loucura que é até hoje.

A representação fotográfica dos familiares também está presente no escritório comercial da família Daou, onde consta o retrato de Philippe Daou e Bento Fadoul, também imigrante sírio-libanês, que se casou com Isabel, uma amazonense de Borba, com quem teve três filhos, dentre eles, Brigita, a esposa de Philippe Daou.

Figura 22: Retratos de Bento Fadoul e Philippe Daou



Fonte: Álbum da família Daou

Outra figura importante para a família, que é constantemente lembrado pelos sobrinhos-netos, é George Daou, o libanês responsável por trazer tantos outros imigrantes para o Amazonas, e é uma referência familiar muito forte para os Daou.

⁴⁴ O sunismo é constituído a partir da ortodoxia islâmica. Eles não acreditam na ideia de um filho de Deus, logo, Deus não se encarna, e acreditam na sucessão democrática ou de consenso (HAJJAR, 1985).

⁴⁵ No xiismo, acredita-se na sucessão a partir da descendência do profeta Ali, genro de Maomé, sendo ele a autoridade e santidade maior (HAJJAR, 1985).

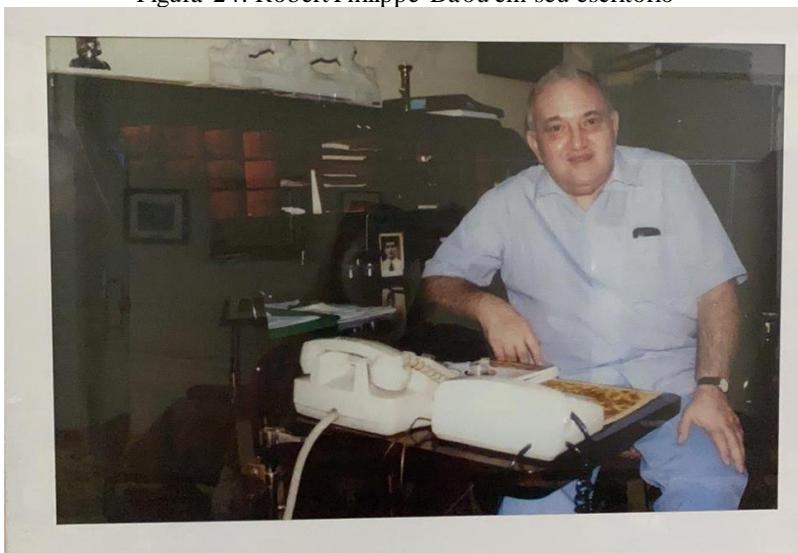
Figura 23: Retrato de George Daou



Fonte: Álbum da família Daou

Por último, e com maior destaque, está a fotografia de Robert Daou, o único filho homem de Philippe, que foi o responsável por iniciar a organização do acervo da família. Na imagem, notamos que Robert mantinha uma fotografia do pai ao seu lado, na mesa de trabalho, talvez uma forma de lembrar sempre dos exemplos que o pai lhe deixara.

Figura 24: Robert Philippe Daou em seu escritório



Fonte: Álbum da família Daou

Jorge Lima Daou ainda destaca que o pai, Robert, era muito bem relacionado com toda a comunidade árabe e recebeu convite para ser representante oficial do Líbano em Manaus, porém,

Ele nunca quis ter um cargo formal de cônsul, mas toda vez por exemplo que vinha um embaixador do Líbano para Manaus, recorriam a ele para organizar o programa aqui, para fazer visitas etc. E mesmo depois da chegada da segunda leva de imigrantes libaneses e palestinos, com a Zona Franca de Manaus, ele mantinha contato com uma comunidade palestina, mesmo com os muçulmanos, e se relacionava com eles.

Assim, percebemos que as redes migratórias que foram formadas desde o início da imigração dos sírio-libaneses para o Amazonas se mantiveram constantemente abrindo espaço para os novos imigrantes, independente do país árabe que vinham ou da religião que professavam, sendo importante a figura de uma pessoa que os recebesse e estivesse disposta a auxiliá-los não somente nas relações sociais, mas também nas relações de trabalho.

3.2. Outros arquivos

Além das fotografias, existem outros tipos de arquivos familiares que foram compartilhados conosco. São objetos, quadros, cartas e documentos que proporcionam um outro olhar sobre a imigração sírio-libanesa e as memórias deixadas aos descendentes.

De acordo com Derrida (2001, p.12), o vocábulo arquivo é originário da palavra grega *arkheîon*, que eram “inicialmente uma casa, um domicílio, um endereço, a residência dos magistrados superiores, os arcontes, aqueles que comandavam”, os arcontes seriam os responsáveis por armazenarem os documentos oficiais, manterem a segurança física e interpretarem a documentação. Com o passar do tempo, os arquivos que antes se concentravam nas mãos daqueles com poder aquisitivo e intelectual, migraram para a tutela da esfera pública, através de processos de doação ou venda. Assim, nasceram os museus e centros de conhecimento, contendo traços de civilizações antigas, documentos historiográficos de grandes pensadores, quadros de pintores famosos, artefatos arqueológicos, entre outros artigos.

Em 8 de Janeiro de 1991, foi sancionada a lei nº 8.159, que diz respeito aos arquivos públicos e privados, que os define como:

conjuntos de documentos produzidos e recebidos por órgãos públicos, instituições de caráter público e entidades privadas, em decorrência do exercício de atividades específicas, bem como por pessoa física, qualquer que seja o suporte da informação ou a natureza dos documentos.

Corroborando para o conceito exposto por Derrida e pela legislação brasileira, Tenório Luna (2012, p. 6), afirma que arquivo “é um lugar ao mesmo tempo físico, político e social, local de cultura e construção, de presente, futuro e passado”, contudo, esses espaços não seriam somente os museus, mas também casas ou escritórios, que até hoje abrigam arquivos privados, guardados e confiados àqueles que valorizam as memórias que o envolvem, e com acesso restrito a amigos e familiares, que preferem manter o caráter próprio de suas coleções.

Mas arquivo não é somente um espaço, ele é formado também por todos os objetos armazenados nele. Assim, trataremos como arquivo todos os itens que os participantes desta pesquisa compartilharam conosco e que acreditam contar a história de suas famílias.

3.2.1. Arquivo Hatoum

É na sala da casa que um dia fora de Naha e Hassan Hatoum, e onde hoje habita Marly e a filha mais velha, Luciana, que os objetos ficam expostos. Quando perguntei sobre qual objeto fazia com que ela lembrasse de suas origens, a participante prontamente apontou para o Narguilé.

Marly explica que a peça da figura 26 foi herdada de seus pais, mas que relaciona o objeto principalmente aos avós:

Quem todo final de tarde usava o Narguilé era o meu avô e a minha avó, lá na casa que eles moravam na rua Floriano Peixoto. Até hoje eu tenho essa imagem na minha mente, só que era outra peça, era uma peça original árabe, essa eu já não sei a origem. Era um Narguilé muito bonito e grande que eles tinham. Era um tipo de fumo árabe, e os dois, no final de tarde faziam esse, tipo um ritual sabe.

O Narguilé, ou arguile, é um dispositivo muito utilizado para o fumo de ópio, ervas, tabaco e outras essências. Sua prática originalmente era árabe, mas hoje em dia é comum vermos jovens fazendo uso dele, por ser considerado menos prejudicial aos pulmões do que o cigarro tradicional (ATTY, 2019). Como pontuado por Marly, a utilização do narguilé se dá em conjunto, e realmente faz parte de um ritual, de uma socialização entre as pessoas do grupo. De acordo com Adel e Hadi Bakkour, em contribuição com o site Abraço Cultural:

“em reuniões sociais, o arguile é colocado no centro do grupo, e a mangueira é passada adiante enquanto trocam-se palavras, e compartilham-se ideias, de um modo solto e descontraído”, assim, o ato de fumar narguilé em conjunto, ainda hoje, é um dos passatempos favoritos dos árabes, estando associado ao relaxamento e descanso, sendo também um sinal de hospitalidade o oferecer às visitas.

Figura 25: Narguilé de Marly Hatoum



Fonte: Acervo da família Hatoum

Existe também algumas práticas tradicionais para utilização do narguilé, como descreve Caio Chagas (2015):

- O narguile deve estar sempre no chão ou em nível inferior do que os fumantes e o rosh⁴⁶ dever ser menor que a cabeça dos mesmos. Isso mostra que o narguile é nosso servo e não ao contrário.
- Segure a mangueira com a mão direita quando estiver fumando. No Oriente Médio a mão esquerda é considerada impura.
- Não passe a mangueira apontando ela para outra pessoa e muito menos encarando. Isso é visto como agressividade e insistência.

⁴⁶ “O forninho, cabeça ou rosh, é uma peça de cerâmica ou barro, onde é colocado o tabaco e o carvão em bra sa por cima” (CHAGAS, 2015)

– Se você e todos as pessoas que estão participando da sessão já estão satisfeitos, enrole a mangueira no corpo⁴⁷ do narguilé.

Outro destaque dado à participante sobre objetos que remontam suas origens é o Alcorão, que pertencia ao seu pai e fica posicionado bem ao lado do Narguilé. Marly orgulhosamente pegou o livro e o reposicionou para que as fotos a seguir fossem capturadas e mostrassem as diversas facetas do livro (figuras 27), possibilitando que enxergássemos cada detalhe, como o dourado já desgastado, as cores vivas e as inscrições em árabe.

Figura 26: Alcorão que pertencia a Hassan Hatoum



Fonte: Acervo da família Hatoum

O livro sagrado do Islã é para Marly um objeto de decoração que evoca não somente a religião de seu pai, mas a harmonia religiosa que a família manteve durante tantos anos. Marly é católica e sempre salienta que o respeito às diferentes etnias e religiões na casa em que cresceu foi primordial para sua formação. Ela ressalta que mesmo o pai sendo muçulmano, constantemente frequentou as atividades do colégio católico em que ela estudou, inclusive, seu casamento, no Colégio Santa Dorotéia, “foi o primeiro casamento do colégio. Nos casamos lá e o papai entrou comigo na Igreja. E então não havia discórdia quanto à religião nos nossos lares nem no lar da minha avó, nem no meu lar”.

⁴⁷ “corpo ou como alguns dizem, stem, que é a peça que sustenta o forninho e conecta -se ao vaso, projetando um tubo para dentro da água que conduz a fumaça” (CHAGAS, 2015)

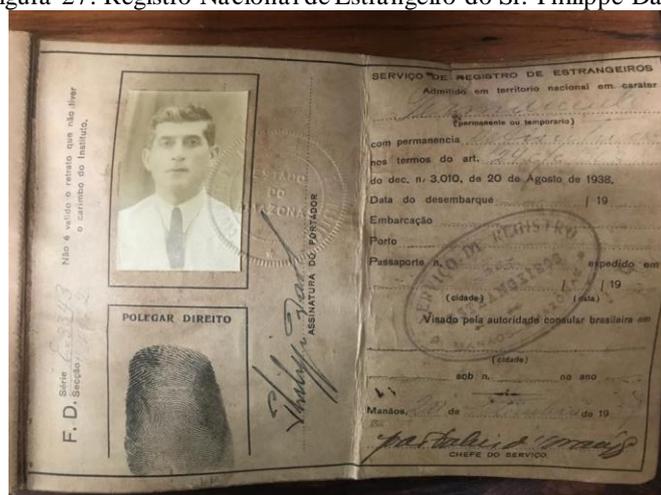
Ao mesmo tempo em que as tradições católicas eram exercidas em sua casa, também os costumes religiosos muçulmanos eram realizados pelo pai e avô materno, porém, ela não nos detalhou tais hábitos, pois não participava, apenas observava de longe.

3.2.2. Arquivo Daou

A família Daou possui um espaço reservado, localizado no atual escritório da Philippe Daou S.A., que armazena todo o material considerado importante. São documentos, cartas, objetos históricos e recortes de jornal que remontam a trajetória da família na cidade de Manaus. O Arquivo da Fundação Philippe Daou, iniciado em 1998 pelo sr. Robert Philippe Daou, a partir do encerramento das atividades de uma de uma das empresas da família, a Fábrica Nacional de Relés Ltda, e com o tempo outros itens foram adicionados. A classificação desses itens é estabelecida de acordo com a sua procedência, sendo: Documentos empresariais, subdivididos em cada uma das empresas que fizeram parte da família; Cia. Brasileira de Plantações – fotografias, registro de ações, livro de visitas, contratos e certidões; Fábrica nacional de Relés – desenhos originais, estudos de aplicação, permissão para importação de material radioativo; Acervo de Robert Philippe Daou; e Acervo de Philippe Daou. De todos os itens presentes no Arquivo, alguns foram selecionados para integrarem esta pesquisa.

Na época do Estado Novo, foi instituído o decreto 3.010, de 20 de agosto de 1938, que versa sobre a entrada de estrangeiros no território nacional (BRASIL, 1938), e a partir dele, a criação do Registro Nacional de Estrangeiro (RNE), sendo obrigatório à época que todo estrangeiro residente no Brasil, sem nacionalidade brasileira, emitisse o documento. O RNE do senhor Philippe Daou (figura 28) foi o primeiro documento selecionado para constar nesta dissertação, e apesar de muitas informações não estarem mais legíveis, é possível identificarmos o caráter permanente e definitivo de sua migração, sob os termos do artigo 24, que diz: “consideram-se permanentes os que tencionam fixar-se no território nacional, ou seja, nele permanecer por mais de seis (6) meses”.

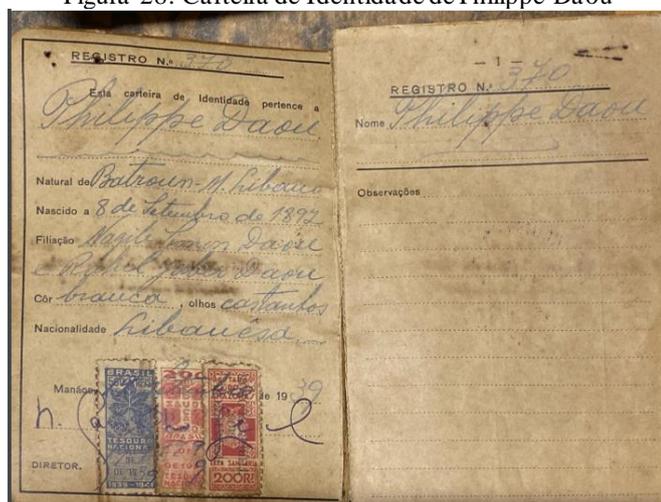
Figura 27: Registro Nacional de Estrangeiro do Sr. Philippe Daou



Fonte: Acervo da família Daou

Quando emitiu o documento, em 20 de setembro de 1939, Philippe Daou já morava no Amazonas há mais de vinte anos da época do decreto, porém, apesar de ser casado com uma brasileira e de seus três filhos já serem nascidos, não possuía a nacionalidade brasileira, sendo necessário que ele emitisse o documento requerido pela União, para posteriormente emitir a carteira de identidade nacional, disposta abaixo:

Figura 28: Carteira de Identidade de Philippe Daou



Fonte: Acervo da família Daou

Outro documento que consideramos relevante constar aqui é a comenda recebida em 1908 pelo pioneiro da família a chegar no Amazonas, George Daou, tio de Philippe. O título concedido pelo Vaticano foi emoldurado e fica em uma das paredes da sala que abriga o Arquivo. Como proprietário do distintivo, o Tio Jorge ficou conhecido como Comendador

entre os mais velhos, mas as gerações seguintes não utilizavam a ordem para se referirem a ele.

Figura 29: Comenda Ordo Romanus Princeps de Jorge Daou



Fonte: Acervo da família Daou

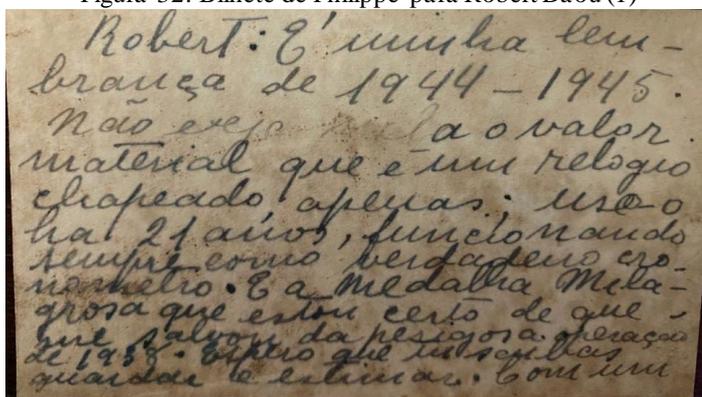
Além dos itens já apresentados, selecionamos também uma carta, escrita por Robert Daou, filho de Philippe, para um *brimo* libanês, chamado Georges Daou em 1994, em que faz uma breve apresentação da família, em resposta a uma correspondência enviada anteriormente pelo parente, que buscava informações sobre a família Daou no Brasil.

Através desta carta, algumas incertezas presentes nas narrativas dos participantes foram desveladas, como por exemplo, o ano da chegada de Philippe Daou no Amazonas, que seus netos acreditavam ser em meados da década de 1910, mas que de acordo com a carta foi em dezembro de 1906. Informação também importante é que Robert cita que no ano em que enviou a carta, já existiam cerca de 60 a 70 Daou no Brasil.

Na carta, cuja tradução pode ser verificada no anexo I, fica explícita a importância que os libaneses dão à família, já que Robert se diz emocionado de receber a carta com fotos da família de Georges, explica que irá enviar uma cópia para seus primos e outros membros da família, e finaliza enviando saudações para toda a família no Líbano.

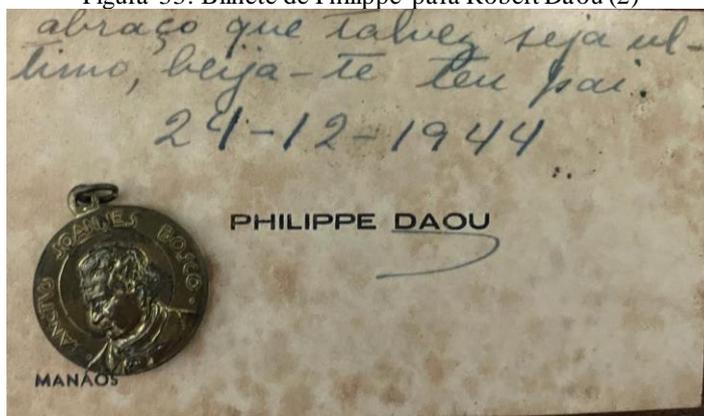
Também é interessante o bilhete (transcrição no anexo II) que Philippe enviou para Robert junto com o presente de Natal de 1944, acompanhado de uma medalha milagrosa de Dom Bosco, que teria o salvado de uma cirurgia complicada feita em 1938.

Figura 32: Bilhete de Philippe para Robert Daou (1)



Fonte: Acervo da família Daou

Figura 33: Bilhete de Philippe para Robert Daou (2)



Fonte: Acervo da família Daou

Alguns fatores nos chamam atenção neste bilhete, a primeira delas é a forte ligação com um santo de devoção, e o desejo de que o filho mantivesse esse vínculo com o santo, para protegê-lo das adversidades que a vida pudesse trazer. Outra curiosidade é a frase “com um abraço que talvez seja o último, beija-te teu pai”, porque este realmente foi um dos últimos, uma vez que Philippe Daou faleceu em 31 de dezembro de 1944.

O bom relacionamento de Robert com toda a comunidade árabe era notado também no Líbano, tanto que após sua morte, em abril 2007, o jornal An-Nahar publicou uma reportagem

sobre a vida dele no Amazonas (figura 36 - tradução completa no anexo III). Jack Menassa, amigo e autor da reportagem, traz brevemente o histórico da empreitada comercial de Robert com o Grupo Daou, mas o principal são as memórias que o autor construiu com o finado Robert. Das muitas lembranças, ele compartilha sobre o ótimo senso de humor que o amigo tinha, e o orgulho de ser filho de libanês.

Figura 34: Reportagem no jornal libanês AN-NAHAR sobre Robert Philippe Daou



Fonte: Acervo da família Daou

A pequena amostra de itens pertencentes ao Arquivo Daou traz então uma importante contribuição para a reconstituição das memórias coletivas dos membros da família, que a cada visita redescobrem fatos sobre sua origem.

3.2.3. Arquivo Azize

A casa de Elizabeth Azize é cheia de referências a suas origens árabes e amazônicas, mas diferente dos arquivos apresentados anteriormente, os itens que Elizabeth compartilhou conosco fazem parte de um acervo que ela mesma construiu, a partir de viagens que fez à Síria, Líbano, Marrocos e Egito.

Quando perguntamos sobre os objetos que ela guarda com carinho e remetem a seus ancestrais, ela logo aponta para a caixa de madrepérola que fica em cima da mesa, adquirida por ela mesma em uma viagem a Damasco, capital da Síria, e complementa dizendo que “a Síria é muito mais tradicional, tem um arabismo muito mais acentuado do que o Líbano”.

Figura 35: Caixa de madrepérola de Elizabeth Azize (1)



Fonte: Acervo da família Azize

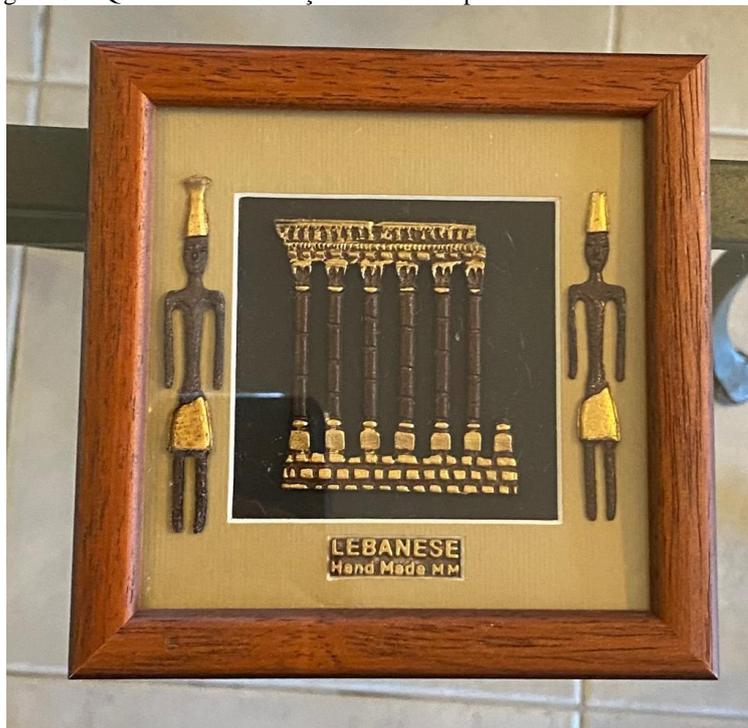
Figura 36: Caixa de madrepérola de Elizabeth Azize (2)



Fonte: Acervo da família Azize

De uma das idas ao Líbano, Elizabeth trouxe um pequeno quadro (figura 39), que traz dois dos ícones libaneses, as ruínas de Baalbeck, ladeada por duas estátuas que representam os fenícios, civilização que deu origem ao povo libanês, e que simboliza a proteção da vida. Esses ícones foram revestidos em bronze e cobertos com uma fina camada de ouro em pontos específicos, o que também representa a riqueza das civilizações antigas.

Figura 37: Quadro de recordação do Líbano pertencente a Elizabeth Azize



Fonte: Acervo da família Azize

Sobre a ida à Síria e ao Líbano, Elizabeth conta:

Fui para o Líbano duas vezes, e pra Síria eu só pude ir uma vez, porque depois estourou a guerra. Quando eu estive no Líbano, eu fiz tudo para ver se eu atravessava a fronteira da Síria, e eu infelizmente não pude chegar lá. Eu fiquei chorando horas e horas, na casa de pessoas amigas né, que é uma libanesa que morava na fronteira. Foi uma coisa que me marcou muito. Não só os meus sentimentos genéticos, como o desejo. A sorte é que eu estive na Síria antes da guerra. Fiquei muitos dias lá. Mas agora que eu estive tão próximo de lá, que eu queria rever a Síria.

No trecho acima, podemos perceber que a visita aos países que deram origem à sua família foi essencial na vida de Elizabeth Azize para que o sentimento de pertença e o vínculo com o passado pudesse ser mais enraizado, e posteriormente compartilhado com seus familiares e amigos.

3.3. Desejos para as próximas gerações

Assim como as memórias evocam nosso passado, nossos desejos nos projetam ao futuro. Ao entrevistarmos as pessoas participantes desse estudo, nos deparamos com muitas

memórias que compunham suas vidas cotidianas, outras partem do saudosismo que acompanha o ser humano em sua jornada, e outras que os aproximaram de antepassados já partidos. Assim, ao revirmos o baú de memória de cada um surge um novo questionamento: o que as famílias esperam ou desejam de seus sucessores com relação às suas origens sírio-libanesas?

A culinária é um dos principais elementos de conexão com as raízes árabes elencadas pelos participantes da pesquisa, por ser, nas palavras de Ana Maria Daou, “mais portátil”. Ana Maria acredita que os paladares árabes foram importantes legados que seus filhos herdaram. Neste mesmo sentido, Lourdes Daou Vidal conta que as tradições culinárias e a variedade dos pratos tradicionais são elementos que constituem a identidade sírio-libanesa, sendo heranças primordiais para as suas filhas, e que ela acredita que serão repassadas para os eventuais netos.

A educação foi outra das heranças mais citadas dentre os entrevistados ao responderem à pergunta inicial. Identificamos que ela está mais ligada à cortesia e à amabilidade do que ao ensino escolar e superior, uma vez que para Lourdes Daou Vidal, os hábitos à mesa e a educação foram essenciais na sua formação pessoal e fez questão de passar isso para as filhas, ela diz:

As meninas sempre reclamaram porque eu exigia que elas comessem na mesa sem televisão, todo mundo recolhido em volta da mesa, a ponto de quando a Luísa começou a comer fora de casa, ela dizia para mim, mãe na casa de fulana é que nem aqui em casa, todo mundo tem que comer na mesa.

Já Marly Hatoum, fez um retrospecto da herança que recebeu dos pais para formular o que espera de seus filhos

Olha a herança para mim, foi a educação que eu tive, com muito carinho, muito amor dos meus pais e dos meus avós. Muita compreensão. Nunca vi meu pai brigando dentro de casa, nem por religião, nem por nada. O papai era um homem da paz. E o vovô, apesar da família enorme dele, com mais problemas, também era muito carinhoso, era só alegria, os meus tios e todos. Então essa foi a maior herança, muito carinho. Porque assim que eu pude criar meus filhos, estou fazendo com meu netinho João hoje, e é um exemplo, eles educaram pelo exemplo. E o Luís Felipe, como meu filho homem, ele não sabe o que é agredir ninguém. Ele é um rapaz da paz, enquanto muitos colegas aqui brigavam, na infância, ele ia para apaziguar. Isso é uma responsabilidade com a vida.

Essas maneiras de se portar são pequenas lições, ensinadas pelos pais e avós, e que foram naturalizadas pelos indivíduos, a ponto de ensinarem também para seus filhos e netos.

Bergson acredita numa conexão entre a memória e o corpo humano, e a cada vez que se aprende determinada lição o copo passa a apresentá-la de forma natural.

E, de fato, a lição, uma vez aprendida, não contém nenhuma marca que revele suas origens e a classifique no passado; ela faz parte de meu presente da mesma forma que meu hábito de caminhar ou de escrever; ela é vivida, ela é "agida", mais que representada (1999, p.87-88).

Dessa forma, pode-se dizer que o gestual e a maneira de agir que os descendentes de sírio-libaneses carregam consigo e expressaram nas entrevistas são representações memoriais.

Enquanto Marly Hatoum cita a “responsabilidade com a vida”, para Lourdes Daou Vidal, o comprometimento principal, que gostaria que as herdeiras carregassem para sempre é o vínculo com a família, e complementa que “quando elas perderam o pai, eu repeti que nem mantra, seja amiga dos seus primos, porque vocês não têm irmãos e vocês perderam o pai. Isso daí eu fiz questão de passar”.

Com essa mesma linha de pensamento do apego familiar, Pedro Lucas Lindoso descreve uma característica que ele já identifica no filho mais novo, a disponibilidade para ajudar familiares, que ele acredita estar no “DNA” sírio-libanês:

Eu acho que isso também passou, essa coisa de se preocupar. Fernando tem uma característica muito do tio Robert, da coisa de querer ajudar. Se ele pode ajudar o primo, ele ajuda. Por exemplo, se ele souber que o amigo dele está precisando de uma pessoa para função X, ele logo pensa num parente que ele pode ajudar. Essas coisas são muito de libanês, querer ajudar. E ele fica feliz se ele ajudou esse parente.

Marly Hatoum também elencou que o vínculo familiar é o motor das principais lembranças dela e dos filhos para manter os laços com suas origens, ela diz que considera muito importante tanto a cultura quanto o trabalho, e completa: “eu converso muito com eles sobre a cultura, sobre a origem, sobre o trabalho... nós estamos sempre falando e a memória do Vovô Hassan aqui é diária, e da vovó Naha. Meu Deus, como eles falam!”, demonstrando uma forte vontade de que todas essas histórias sejam passadas adiante.

Elizabeth Azize não pensou duas vezes ao responder o que espera de seus descendentes e foi direto ao ponto: deseja que sua filha repasse para as próximas gerações tudo o que ela mesma a passou. E justifica:

A civilização árabe foi tão sacrificada, que ela precisa ser mantida com muita proteína, com muita tenacidade, muita energia, porque ainda é uma civilização discriminada no mundo ocidental. Acontece que as gerações que vão se sucedendo não tem o cuidado para manter a cultura dos que estavam antes. Eu tiro pela nova

geração de descendentes que já nem querem saber de coisa nenhuma. É tudo americanizado.

Por outro lado, nem todos os entrevistados possuem o mesmo olhar de Elizabeth e Marly sobre manter os costumes e tradições árabes. Pedro Lucas Lindoso pondera que os pais “não têm o direito de impor essas coisas para os filhos, as pessoas são o que são”. Enquanto Sálvia Haddad faz um retrospecto de como as gerações foram diluindo as influências árabes nas vidas dos filhos, ela conta que os avós falavam árabe, mas que o pai e os tios não aprenderam a língua, conseqüentemente não ensinaram aos filhos e netos, e que apesar de ter crescido em um ambiente em que ela sabia de suas origens sírio-libanesas, era na culinária que essa herança se tornava mais aparente. Sálvia ainda expõe como trata o assunto com seus filhos:

Por exemplo, eu contei para meu filho mais velho a história do meu avô, mas para os meus dois mais novos eu não contei, porque aquilo ali vai ficando mais distante. Uma coisa é eu falar do meu avô, outra coisa é o meu filho falar do bisavô dele, então eu acho que, apesar de eu sentir dentro de mim essa herança sírio-libanesa - características físicas nos olhos e tal - e no meu gosto do meu paladar, e isso me mover, por exemplo de ir até lá como eu fiz ano retrasado, e disso estar muito presente na minha memória, eu não vivo isso, eu não passei isso para os meus filhos.

Observamos nesse depoimento da Sra. Sálvia, que existe uma desconfiança quanto ao interesse dos jovens pelos antepassados e sua história, e assim, nos questionamos se essa desconfiança faz com que as memórias se percam nas famílias, pois as imagens dos antepassados que vão sendo formadas no imaginário das gerações seguintes são cada vez mais longínquas, e carregam cada vez menos significados, tornando-se estereótipos de um mundo que não faz parte da atualidade. Sobre isso, Bosi (2003, p. 117) coloca que “essas imagens têm autoridade sobre nós: e para nos invadirem elas nos pedem apenas o trabalho de ficarmos acordados”. Assim, é preciso que fiquemos atentos às memórias que nos contam, mesmo que inicialmente não vejamos sentido em compartilhar a história de nossos antepassados com filhos e netos, os rastros do legado criado por eles são o fundamento da vida dos que virão. Falar sobre aqueles que vieram antes de nós deveria ser consequência de uma história de vida, uma forma de se reconhecer como origem importante na construção do Amazonas.

Ainda no sentido que tradições e heranças culturais se esvaem no decorrer do tempo, Jorge Lima Daou expôs o seguinte ponto de vista:

Olha eu acho que essas coisas vão se diluindo, inclusive porque meu pai conta que o meu avô dizia que o segredo da imigração, era que para ser um imigrante bem sucedido você tem que se adaptar à cultura local. Você não pode viver como um

forasteiro, ou como um refugiado, e eu realmente acredito nisso e acho que isso explica, em boa parte, os conflitos que hoje existem pelo mundo afora, que basicamente são decorrentes de imigrantes que querem impor a sua cultura aos países para onde eles migraram. Então, eu nesse ponto sou meio radical. Se você não quer abrir mão das suas origens e suas tradições, fique no seu lugar. Então a herança, na verdade é muito pouca.

As diferentes visões sobre o que as próximas gerações devem ou não reter em suas rotinas são também reflexo de como essas tradições foram tratadas dentro das famílias, que por vezes naturalizou as vivências sírio-libaneses a ponto de estas não serem valorizadas enquanto patrimônio, mas apenas sobrevividas. Sobrevividas porque as tradições ainda existem dentro dessas famílias, tornaram-se triviais no cotidiano, mas não são vividas intensamente, como provavelmente foram quando os imigrantes sírio-libaneses chegaram e formaram suas famílias.

Por outro lado, a partir do que foi compartilhado conosco, notamos que a maioria dos participantes se utiliza, sem perceber, da metamemória⁴⁸ para fortalecer os vínculos de pertencimento e identidade entre ascendentes e descendentes, dando oportunidade para que os sentimentos entre as gerações que não conviveram no mesmo espaço e tempo se alinhem, corroborando com as seguintes palavras de Candau (2009, p.54): “as reivindicações memoriais vêm alimentar as representações que um grupo de indivíduos faz de si mesmo”; dessa forma, entendemos que a cada memória que se compartilha, mais fortalecido se faz o apego cultural, trazendo novas interpretações sobre as próprias memórias dos participantes da pesquisa.

⁴⁸ “A metamemória é uma parte da representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, o conhecimento que ele tem e, de outra parte, o que ele diz. É uma memória reivindicada, ostensiva. Porque é uma memória reivindicada, a metamemória é uma dimensão essencial da construção da identidade individual ou coletiva. Em sua forma coletiva, é a reivindicação compartilhada de uma memória que se supõe ser compartilhada. Ela é, a esse nível, a substância mesma do discurso patrimonial que é, sempre, um discurso sobre a memória. Ora, essa metamemória tem, como toda linguagem, efeitos sociais poderosos. Ela alimenta os imaginários dos membros do grupo os ajudando a se pensar como uma comunidade e contribui para modelar um mundo onde o compartilhar patrimonial se ontologiza. Ela faz entrar nas memórias individuais a crença nas raízes e destinos comuns” (CANDAU, 2009, P.51).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em todo o processo da pesquisa, percebi que há uma voz muito potente oriunda dessa comunidade sírio-libanesa, que a priori me parecia sufocada, mas que na verdade, ecoa socialmente por todo o Amazonas. Escutar essas memórias, que foram compartilhadas comigo pelos descendentes foi um percurso prazeroso, em que pude me descobrir historiadora e me deleitar com a possibilidade de amplificar a voz que essa comunidade possui.

Ao iniciar os estudos para esta dissertação, o Arquivo de meu avô foi fundamental para compreender o valor das memórias e como elas são mais presentes na faixa etária de 60 e 70 anos, por isso a escolha do público-alvo da pesquisa, além da importância das memórias e da proximidade com minha família. Assim, entrevistar essas pessoas foi também uma forma de me aproximar de meu avô Robert, e de ouvir as histórias que ele não teve tempo de me contar e reafirmar a imagem que os outros têm dele: de um homem íntegro e prestativo.

Entendo que a história do Amazonas seria muito diferente se não contasse com o desbravamento e empreendedorismo dos sírio-libaneses: a instalação de seringais, a inserção de igarapés no mapa geográfico, decorrente das aventuras ao longo dos rios, a importação de bens de consumo de outros países, tudo isso reforça que empreender esse estudo é colaborar para uma história mais colorida da presença deles.

As considerações que teço se baseiam na interpretação que faço das pesquisas bibliográfica, dos relatos dos entrevistados e da minha percepção como cidadã amazonense. Desta forma, para alcançarmos os objetivos da dissertação, fizemos um levantamento bibliográfico acerca da imigração sírio-libanesa na região e tratamos sobre a importância das memórias para a construção da história de cada indivíduo, mas que também se vincula ao grupo de pessoas com quem o indivíduo se relaciona.

Retomando a epígrafe do primeiro capítulo, digo que “a vida começa verdadeiramente com a memória” (HATOUM, 1989, p.22), pois é partir do nosso nascimento que construímos nossas histórias individuais, dentro da vida de outras pessoas, e ainda que não saibamos como foram os nossos primeiros dias de vida, há aqueles que presenciaram esses momentos, e que saudosamente nos contam quais foram nossas primeiras visitas, o primeiro banho, as primeiras palavras, os primeiros passos. Meu pai usa muito a frase “desde que eu me entendo por gente” para situar algumas coisas que ele não sabe exatamente como surgiram. Essa mesma frase remete também à de Hatoum, somente quando nos entendemos como pessoas que fazem parte de uma sociedade é que começamos a criar nossas próprias memórias, e partir de então, contar nossa história para os outros.

Esse entendimento de que a memória é uma constante construção individual e coletiva só foi possível a partir das leituras de Halbwachs, Pollak, Candau e tantos outros que se fizeram presentes na pesquisa. Também com a contribuição de Bosi e Bobbio, compreendi que a memória dos idosos é um mundo a ser redescoberto por aqueles que reconhecem o privilégio de envelhecer lucidamente, e me fizeram valorizar ainda mais tudo o que foi compartilhado comigo durante as entrevistas. Ouvi histórias de família que me foram confiadas para esta pesquisa, escutei lembranças que nunca haviam sido ditas, e tantas outras memórias que fazem parte da vida das pessoas, que me levam a concordar com Bosi (1994): realmente, as memórias dos mais velhos são tesouros.

As entrevistas realizadas com dez participantes, descendentes de imigrantes sírio-libaneses vindos para o Amazonas entre o final do século XIX e início do século XX, foram, na verdade, conversas sem a rigidez científica, uma vez que o grupo de entrevistados faz parte do meu círculo social e muitas vezes foi difícil manter o distanciamento que a academia nos exige. Essas conversas possibilitaram algumas considerações, as quais compartilho a partir de agora.

Percebemos que inicialmente existia um sentimento de pertencimento nos filhos dos primeiros imigrantes sírio-libaneses, que foi cultivado através das relações que os pais migrantes criaram com a rede migratória que os recebeu no Amazonas. Os vínculos existentes entre essas pessoas foram essenciais para que a comunidade se fortalecesse e se sentisse segura para empreender e fincar raízes na região. Porém, conforme nasciam os netos e bisnetos, essas relações foram se diluindo, e conseqüentemente, o sentimento de pertença, a ligação a uma origem árabe, foi se esvaindo nas gerações. Percebi que na minha própria família, o interesse de meus primos e tias com relação às nossas origens foi crescendo conforme esta pesquisa era realizada e, lentamente, o quebra-cabeças dos Daou está sendo formado, ainda que sem muito apego às tradições.

Além dos itens culinários, que hoje podem ser apreciados nas mesas das famílias de qualquer origem, verificamos que o apego familiar dos descendentes sírio-libaneses é um dos fatores que permanece como herança de seus antepassados. Todos os entrevistados trouxeram em suas narrativas a forte ligação com os membros da família, e com o núcleo familiar expandido (primos de segundo e/ou terceiro grau), e ainda que não se reconheçam mais como árabes, visualizamos uma proximidade com os *brimos*, aquelas pessoas que não sabemos explicar o grau de parentesco ou de amizade, mas que fazem parte da história dessas pessoas, e se conectam, de alguma forma com os ramos genealógicos de cada descendente sírio-libanês

participante desta pesquisa: por exemplo, me surpreendeu que em algum momento da nossa conversa, Roberto Bulbol citou que temos um antepassado em comum.

Observamos também que a realização das entrevistas trouxe um novo folego à herança sírio-libanesa que os participantes da pesquisa carregam consigo. Como se as memórias relatadas precisassem ser compartilhadas para ganharem mais força, se tornarem mais vivas e serem enraizadas nas vidas dos descendentes. O compartilhamento dessas lembranças, através das narrativas, fotografias e objetos apresentados, possibilitou um novo olhar sobre as próprias histórias individuais e familiares, além de levantar novos debates entre os membros da família, reavivando as memórias que cada um tem em relação aos acontecimentos vividos por eles mesmos, seus pais e avós.

A referência linguística do árabe também foi perdida com o passar das gerações, como se o idioma fosse proibido ou não entendido como um bem cultural, enquanto alguns participantes ouviam os pais ou avós falarem árabe, a maioria não foi estimulada a aprender formalmente a língua, e somente algumas palavras foram aprendidas, a partir da convivência e da repetição com que o vocábulo era utilizado com o participante. Este seria um dos primeiros sinais de que para os imigrantes, foi preciso abdicar de alguns traços culturais para que pudessem se adaptar ao novo país, porém, hoje sabemos que não é necessário abandonar uma cultura para estar inserido em outra, é possível viver com elementos culturais diversos. Aqui, ressaltamos um trecho da fala de Jorge Lima Daou: “se você não quer abrir mão das suas origens e suas tradições, fique no seu lugar”, entendemos, pois, que não se trata de renunciar a uma cultura em favor de outra, mas de possibilitar a coabitação de ambas, como parte do mesmo sujeito. A redução simplista que o avô de Jorge repassou para seu filho, parece ter sido o pensamento da maior parte dos imigrantes que aqui se estabeleceram, pois em nenhuma residência o árabe foi a primeira ou a segunda língua falada pela família. Não há procura por aprender o árabe em Manaus, e conseqüentemente, não há quem a ensine. Também nos livros didáticos que contam a História do Amazonas, não há ênfase à contribuição dos sírio-libaneses no desenvolvimento econômico-social do estado. Por outro lado, penso que havia um complexo velado, em que os imigrantes assumiam mais a identidade francesa ou inglesa do primeiro mundo do que a sírio-libanesa, a exemplo dos modos mais burgueses apontados por Ana Maria Daou e outros entrevistados. Essa aproximação da burguesia europeia vai de encontro com o modo de vida adotado pelos barões da borracha, que viveram na *Belle Époque* amazonense e fizeram de Manaus a *Paris dos Trópicos*, sendo mais uma vez necessário que houvesse uma adaptação por parte dos imigrantes que buscavam se posicionar no cenário empresarial da região.

Ainda existem muitas nuances acerca da imigração sírio-libanesa no Amazonas e a forma como ela reverbera aos vários descendentes desse povo, que podem, a partir desta pesquisa, ser explorados por outros pesquisadores que se interessem pelo tema.

REFERÊNCIAS

Livros e Capítulos de Livro

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

ANTONACCIO, Gaitano Laertes Pereira. **A Colônia Árabe no Amazonas**. Manaus, 1996.

ARCE, Belisário. **Amazônia, contribuição das famílias imigrantes para a construção regional**. Manaus: Associação PanAmazônia, 2018

AZIZE, Elizabeth. **E Deus chorou sobre o rio**. Manaus: Valer, 2019.

BARTHES, Roland. **A aventura semiológica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia – Formação Social e Cultural**. 3ª ed. Manaus: Valer, 2009.

BENJAMIN, Walter. O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: Obras escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1987

BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BERGSON, Henri. **Memória e vida**. Textos escolhidos por Gilles Deleuze. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BOBBIO, Norberto. **O tempo da memória: de senectude e outros escritos autobiográficos**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1997.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças dos velhos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **Un Art moyen: essai sur les usages sociaux de la photographie**. Paris, Minuit, 1965.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2014.

CHINAZZO, Cosme Luiz; et al. **Instrumentalização científica**. Canoas: Editora ULBRA, 2008.

DAOU, Ana Maria. **A Belle Époque amazônica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

- DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- DIEGUES JUNIOR, Manuel. **Etnias e culturas no Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1980.
- DUARTE, Durango Martins. **Manaus entre o passado e o presente**. Manaus: Ed. Mídia Ponto Comm, 2009.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- GATTAZ, André. **Do Líbano ao Brasil: história oral de imigrantes**. Salvador: Editora Pontocom, 2012.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- GOULART, Felipe H. L. A economia libanesa e o potencial das parcerias comerciais e de investimento com o Brasil. *In*: Scherer, Lígia Maria; Goulart, Felipe H. L.; VELOSO, Pedro Augusto F. (orgs.). **Brasil - Líbano: Legado e Futuro**. Brasília: FUNAG, 2017.
- HAJJAR, Claude. **Imigração árabe no Brasil: cem anos de reflexão**. São Paulo: Ícone, 1985.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.
- HOURANI, Albert. **Uma história dos povos árabes**. São Paulo: Companhia de Bolso, 1991.
- HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- IBGE. **Brasil: 500 anos de povoamento**. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.
- JACOB, Arlindo Girard. **Fenícios, hoje libaneses**. Campinas: MFA Editor, 1998.
- JUNG, Carl Gustav. **Memórias, sonhos, reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- KNOWLTON, CLARK S. The Social and Spacial Mobility of the Syrian and Lebanese Community in São Paulo, Brasil. *In*: HOURANI, A. & SHEHADI, N. (ed.). **The Lebanese in the World: a Century of Emigration**. Londres, The Centre for Lebanese Studies / Tauris & Co, 1992, p. 285-311.
- LAPIDUS, Ira M. **A history of Islamic societies**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7ª ed. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 2013.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de história oral:** para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2019.

MEIHY, Murilo. **Os Libaneses.** São Paulo: Contexto, 2016.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In: LINS DE BARROS, Myriam Moraes (Org.). **Velhice ou terceira idade?** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 89 – 83.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). **Usos & abusos da história oral.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

SAFADY, Wadih. **Cenas e cenários da minha vida.** Belo Horizonte: Santa Maria, 1966.

SAID, Edward. **Orientalismo:** O Oriente como Invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SANTOS, Boaventura Sousa. **A Crítica da razão indolente:** contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2002.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia.** São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2004.

TODOROV, Tzvetan. **O homem desenraizado.** Rio de Janeiro: Record, 1999.

TRUZZI, Oswaldo. **Sírios e Libaneses:** Narrativas de história e cultura. São Paulo: Companhia editora nacional, 2005.

WALDINGER, Roger; ALDRICH, Howard; WARD, Robin. Opportunities, group characteristics and strategies. In: WALDINGER, R.; ALDRICH, H.; WARD, R. (Ed.). **Ethnic entrepreneurs:** immigrant business in industrial societies. London: Sage, 1990. P. 13-48.

Teses e Dissertações

ALMEIDA, Rita de Cassia de. **Memórias do Rio Monjolinho: um processo de urbanização e os impactos sobre os recursos hídricos.** 2001, 120 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2001.

ARAÚJO, Valmir Freitas de. **Memória da Imigração Síria e Libanesa nos Vales dos Rios Acre e Purus – 1900-1975.** 2015, 176 f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

CHAVES, Renato Novaes. **Representações Sociais e Memória de idosos longevos sobre o processo de envelhecimento e a dependência funcional**. 2017, 113 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2017.

COUTINHO, Priscilla. **Lavoura arcaica, um romance da diáspora libanesa no Brasil**. 2018, 250 f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

DORNELAS, Juliana Gomes. **Na América, a Esperança: Os Imigrantes Sírios e Libaneses e Seus Descendentes em Juiz De Fora, Minas Gerais (1890-1940)**. 2008, 166f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Juiz de Fora, 2008.

EL KHADIR, Marouane. **The Lebanese Brazilian entrepreneurs: entrepreneurship in building a elite**. 2016, 86 f. Dissertação (Mestrado) – Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2016.

EMMI, Marília Ferreira. **Raízes Italianas no Desenvolvimento da Amazônia 1870 – 1950: pioneirismo econômico e identidade**. 2007, 228 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.

FRANCISCO, JÚLIO CÉSAR BITTENCOURT. **Dos Cedros aos Pampas: imigração sírio-libanesa no Rio Grande do Sul, identidade e assimilação (1890 – 1949)**. 2017, 300 F. Tese (Doutorado) – PUCRS, Porto Alegre, 2017.

NOGUEIRA, Luciana Sarah Jacob. **Sucessão em Empresas Familiares: Um estudo multicaso no Amazonas**. 2011, 98 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

OSMAN, Samira Adel. **Entre o Líbano e o Brasil: Dinâmica migratória e a história oral de vida**. 2006, 288f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SALAZAR, Francês de Francis Silva. **Imigrar, trabalhar, lucrar: a trajetória sírio-libanesa em Codó/MA (1920-1960)**. 2018, 132 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018.

SANTOS, Clenise Maria Reis Capellani dos. **A Alimentação como Processo de Integração da Comunidade Árabe em Foz do Iguaçu**. 2013, 125 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Paraná, Foz do Iguaçu, 2013.

SANTOS, FRANCO Lindemberg Paiva dos. **Povo de fibra: mundos do trabalho no universo da juta (Baixo Amazonas: 1940...)**. 2020, 149 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Amazonas, 2020.

SOUZA, Roney Salina de. **Uma Vida Entre Dois Mundos: Imigrantes sírios e libaneses em Dourados (1910-1980)**. 2007, 207 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Grande Dourados, 2007.

Artigos em Periódicos

ANDRADE, Oswald de. Manifesto Antropófago – Edição crítica e comentada. **Revista Periferia**, v. 3, n.º 1, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/3407>. Acesso em 14 de jun. de 2020.

ATTY, Adriana Tavares de Moraes. Narguilé: o que sabemos? **Revista Brasileira de Cancerologia**, Rio de Janeiro: INCA, v. 65, n.4, 2019.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. Arquivos pessoais são arquivos. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, v. 45, n. 2, p. 26-39, jul./dez. 2009.

CANDAU, Joël. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade. **Revista Memória em Rede**. Pelotas, v. 1, n.1, dez 2009/mar 2010.

DELGADO, Lucília. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. In: **Revista História Oral**, n.º 6, p. 9 – 25, 2003.

ERRANTE, Antoinette. Mas afinal, a memória é de quem? Histórias orais e modos de lembrar e contar. **Revista História da Educação**, vol. 4, n.º8, p. 141 – 174, 2000.

FAWCETT, James T. (1989). Networks, Linkages, and Migration Systems. **International Migration Review**. v. 23, n. 3, 1989, p. 671-680.

FELIZARDO, Aldair; SAMAIN, Etienne. A fotografia como objeto e recurso de memória. **Discursos fotográficos**, Londrina, v.3, n.3, p.205-220, 2007.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. Políticas da memória e políticas do esquecimento. **Revista Aurora**, vol.10, p. 102 – 119, 2011.

GUARNER, Jeanette. Three Emerging Coronaviruses in Two Decades: The Story of SARS, MERS, and Now COVID-19. **American Journal of Clinical Pathology**, vol. 153, n.º 4, p. 420 – 421, 2020.

HATOUM, Milton. Treze Perguntas para Milton Hatoum [Entrevista cedida a]. BARRETO, R.; MELO, J. A. **Magma**, n.º 8, p. 55-72, 2003

LAVADO, Ana Felisbela. Etnografia da Memória – Do tempo da pressa à pressa do tempo. **Revista Arquivos da Memória**, n.º 1, p. 40 – 55, 2007.

MACDONALD, Leatrice; MACDONALD John S. Chain migration, ethnic Neighborhood formation and social networks. **The Milbank Memorial Fund Quarterly**, v. 42, n. 1, p. 82-96, 1964.

MELO DE SOUSA, Alexandre; SILVA, Airton de Mesquita. Léxico e cultura regional em Corações de Borracha. **Revista Porto das Letras**, Vol. 05, N.º 03. P. 68 – 87, 2019.

MOREIRA, Sueli Aparecida. Alimentação e comensalidade: aspectos históricos e antropológicos. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 62, n. 4, p. 23-26, 2010.

MUNIZ, Tiago Silva Alves. Os agentes do deus elástico no Baixo Amazonas: apontamentos sobre materialidade e patrimônio do período da borracha. **Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste**, vol. 6, nº11, p. 81 – 96, 2019.

OLIVEIRA, Michele Lima; CARREIRA, Shirley de Souza Gomes. Memória e ficção: a imigração libanesa revisitada. **Revista Uniabeu**, v.4, nº 7, 2011.

OLIVEIRA NETO, Thiago. Rodovia transamazônica: falência de um grande projeto geopolítico. **Revista GEONORTE**, Edição Especial 3, V.7, N. 1, p. 282 - 298, 2013.

PIÑEIRO, Emília da Silva; CALAZANS, Márcia Esteves. Estudos sobre fluxos migratórios e gênero nas publicações em periódicos de Qualis relevantes no Brasil. **Revista Colombiana de Sociologia**. Bogotá, vol. 43, nº 01, 2020, p. 171 – 190.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento e Silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, p. 3 – 15, 1989.

_____. Memória e Identidade Social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, p. 200 – 212, 1992.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Revista Projeto História**. São Paulo, vol. 14, fev. 1997.

RIOS, Fábio Daniel. Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo. **Revista Intratextos**, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 1, p. 1-22, 2013.

SANTOS, Boaventura Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v.63, p. 237 – 280, 2002.

SARTORI, Juliana. Memória de Idosos. **Revista Sem Aspas, Araraquara**, v. 2, n. 1, p. 95-107, 2013.

TRUZZI, Oswaldo. Libanais et Syriens au Brésil (1880-1950). **Revue européenne des migrations internationales**, vol. 18, nº1, 2002.

TRUZZI, Oswaldo. Presença árabe na América do Sul. **Revista História Unisinos**, vol. 11, nº3, 2007.

_____. Redes em processos migratórios. **Tempo Social**, São Paulo, v. 20, n. 1, p.199-218, 2008.

VILLAS-BOAS, Susana. A voz dos avós: migração, memória e patrimônio cultural. **Revista Portuguesa de Pedagogia**. Imprensa da Universidade de Coimbra, vol. 47, nº 2, 2013.

Eventos

FERSAN, Eliane. Les immigrés syro-libanais au Brésil de 1920 à 1926: Perception du corps consulaire français. **In: International Conference on Arab Immigration in the Americas.** Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Corumbá, 2005.

OLIVEIRA, Marinalva de Jesus Oliveira; DEMBA, Azinaide Preciosa Mendes Baldaia; EMMENDOERFER, Magnus Luiz; GODOI Christiane Kleinübing. História Oral e o Método Biográfico: Congruências, Diferenças e Potencialidades de Utilização no Campo da Administração. **In: IV Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade.** Brasília, 2013. Disponível em <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EnEPQ159.pdf> acesso em 21 de jul. 2020.

RENDEIRO, Márcia Elisa Lopes Silveira. ÁLBUNS DE FAMÍLIA – Fotografia e Memória; **Identidade e Representação XIV Encontro Regional ANPUH Rio - Memória e Patrimônio**, realizado na UNIRIO de 19 a 23 de jul. de 2010.

SIQUEIRA, Márcia Dalledone. Revivendo a colônia: o papel da mulher imigrante sírio-libanesa no Brasil. **In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 7.** 2006, Florianópolis. **Anais Eletrônicos do Fazendo Gênero 7: Gênero e Preconceito.** Florianópolis, 2006. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/M/Marcia_Siqueira_55.pdf. Acesso em 13 de jun. de 2019.

TENÓRIO LUNA, Sabrina. Subjetividade, arquivos familiares e *found footage* no documentário brasileiro contemporâneo. **In: Anais III Asaeca Córdoba**, 2012.

Documentos de Acesso Exclusivo por meio Eletrônico

ACNUR. Líbano: tragédia, crise e pandemia agravam necessidades da população local e refugiados. Disponível em <https://www.acnur.org/portugues/2020/08/07/libano-tragedia-crise-e-pandemia-agravam-necessidades-da-populacao-local-e-refugiados/>, acesso em 01 de mai. de 2021.

BAKKOUR, Adel e Hadi. Tudo sobre o Narguile. **Abraço Cultural.** Disponível em <https://www.abracocultural.com.br/narguile-arabe/>, acesso em 03 de jan. de 2021.

BLOG DO ROCHA. Samuel Benchimol. **Blog do Rocha**, 2008. Disponível em <http://jmartinsrocha.blogspot.com/2008/11/samuel-benchimol.html>, acesso em 08 de dez. de 2020.

CHAGAS, Caio. Dicas de etiqueta do Narguile. **Mundo do Narguile**, 2015. Disponível em <https://mundodonarguile.com/dicas-de-etiqueta-do-narguile/>, acesso em 03 de jan. de 2021.

CHAGAS, Caio. O que é Narguile. **Mundo do Narguile**, 2015. Disponível em <https://mundodonarguile.com/o-que-e-narguile/>, acesso em 03 de jan. de 2021.

FÍGOLI, Leonardo Hipólito G.; VILELA, Elaine Meire. **Migração internacional, multiculturalismo e identidade: sírios e libaneses em Minas Gerais.** 2004. Disponível em:

https://www.academia.edu/2652421/Migra%C3%A7%C3%A3o_Internacional_e_identidade_e_s%C3%Adrio-libaneses_em_Minas_Gerais_Brasil. Acesso em 15 de jun. de 2019.

IGREJA MARONITA DO BRASIL. São Charbel. **Igreja Maronita Do Brasil**. Disponível em <http://www.igrejamaronita.org.br/conteudos/?eFh4fDE0NA==>. Acesso em 14 de dez. de 2020.

JORNAL DO COMÉRCIO. O Clube Sírio-Líbano-Brasileiro, na Amazônia já está quase organizado. *In: Jornal do Comércio*, Manaus, p. 9, 14 de março de 1948. Disponível em http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=170054_01&pesq=clube+sirio+libanes&pasta=ano%201948\edicao%2014697&pagfis=151850. Acesso em 03 de ago. de 2020.

MANAUS DE ANTIGAMENTE. Artista Ivete Ibiapina - casa de música Ivete Ibiapina. **Manaus de antigamente**. Disponível em <https://manausdeantigamente.blogspot.com/2020/04/artista-ivete-ibiapina-casa-de-musica.html#:~:text=Ivete%20Ibiapina%20foi%20professora%20normalista,importantes%20da%20cultura%20musical%20amazonense>. Acesso em 9 de dez. de 2020.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Encontro SESC Memórias**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QvPyJ-OjsuM&t=55s>. Acesso em 18 de jun. de 2020.

MILTON HATOUM. Disponível em: <http://www.miltonhatoum.com.br/>. Acesso em 09 de fev. de 2021.

PEARSON, Stephanye. A life-long swimmer morphs into a mermaid. **OPRAH.COM**. 25/02/2011. Disponível em <http://www.oprah.com/spirit/amputee-nadya-vessey-gets-a-prosthetic-mermaid-tail> acesso em 02 de jan. de 2021.

SANTOS, Mauro Augusto dos; BARBIERI, Alisson Flávio; CARVALHO, José Alberto Magno de; MACHADO, Carla Jorge. Migração: uma revisão sobre algumas das principais teorias. **TEXTO PARA DISCUSSÃO**, n° 398, 2010. Disponível em <https://www.cedeplar.ufmg.br/publicacoes/textos-para-discussao/textos/2010/661-398-migracao-uma-revisao-sobre-algumas-das-principais-teorias>, acesso em 15 de jan. de 2021.

SASSINE, George-François. **Os três Cedros do Líbano**. 2014. Disponível em: <https://fratresinunum.com/2014/04/16/os-tres-cedros-do-libano/>. Acesso em 20 de jul. 2019.

SUFRAMA. **Modelo Zona Franca – História**. SUFRAMA. Disponível em http://www.suframa.gov.br/zfm_historia.cfm#:~:text=A%20Zona%20Franca%20de%20Manaus,de%201957%2C%20como%20Porto%20Livre. Acesso em 02 de dez. 2020.

UFAM. HISTÓRIA. **UFAM – Universidade Federal do Amazonas**. Disponível em <https://www.ufam.edu.br/historia.html>. Acesso em 12 de dez. de 2020.

Citação de Citação

TESKI, Marea; CLIMO, Jacob Climo. *The Labyrinth of Memory: Ethnographic Journeys*. Westport, CT: Bergin & Garvey. 1995. *apud* ERRANTE, Antoinette. Mas afinal, a memória é

de quem? Histórias orais e modos de lembrar e contar. **Revista História da Educação**, vol. 4, nº8, p. 141 – 174, 2000.

Órgãos Oficiais

AGÊNCIA SENADO. **Comunidade Libanesa no Brasil é maior que população do Líbano**. 2010. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2010/04/22/comunidade-libanesa-no-brasil-e-maior-que-populacao-do-libano>. Acesso em 09 de jun. 2020.

Catálogo de Teses e Dissertações. **CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior**. Disponível em: <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em 10 de jul. de 2020

SENADO FEDERAL. **José Lindoso**. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/senadores/senador/-/perfil/1890>. Acesso em 18 de jan. de 2021.

UNESCO. **Ouadi Qadisha (the Holy Valley) and the Forest of the Cedars of God (Horsh Arz el-Rab)**. Disponível em <https://whc.unesco.org/en/list/850>. Acesso em 14 de jun. de 2019.

Artigos de Jornal

LINDOSO, Pedro Lucas. Memória nem só olfativa e gustativa. **Jornal do Comércio**. Caderno B. Manaus, p.B3, 28 dez. 2019.

Legislação

BRASIL. LEI 8.159, de 8 de janeiro de 1991. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8159.htm, acesso em 17 de janeiro de 2020.

BRASIL. Decreto 3.010, de 20 de agosto de 1938. Disponível <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-3010-20-agosto-1938-348850-publicacaooriginal-1-pe.html>, acesso em 04 de janeiro de 2021.

ANEXOS

ANEXO I - TRADUÇÃO CARTA DE ROBERT DAOU PARA O PRIMO GEORGES

Caro senhor Georges,

Acabo de receber sua tão amável carta do dia 30 de junho.

Me chamo Robert Philippe, filho de Philippe e neto de Nagib Simon Daou, que chegaram em Manaus no dia 08/12/1906, onde seu tio e cunhado Georges já estava estabelecido.

A família no Brasil é numerosa e graças a Deus bem conhecida e estabelecida. Em Manaus também está meu primo Phelippe, filho do José. Em Porto Alegre temos um outro primo, Salim, filho do Salim. Evidentemente nós três temos irmãos, irmãs, filhos e netos. Já somos mais ou menos 60/70 Daou no Brasil, e muito bem relacionados com a família da Nova Zelândia (Amine, casada com Elias Francis).

Estou realmente emocionado de receber sua carta, juntamente com a sua foto, de sua bela esposa e seus filhos. Mesmo sem a carta eu já poderia os identificar como Daou!

Eu também espero poder encontrá-lo algum dia em Batroun, ou em Manaus, e lhe agradecer sinceramente por seu convite de passar uma temporada no Líbano.

Uma cópia desta carta será enviada a meus primos e outros membros da família.

Agradeço o contato e ,por favor, envie minhas saudações a todos os membros de sua família.

Robert Philippe Daou

Manaus, 7/8/1994

*Caixa postal 254
Manaus, AM, Brasil
69013-750*

*Telefone: 55.092.622-2155
Fax: 55.092.622-2582*

ANEXO II – TRANSCRIÇÃO DO BILHETE DE PHILIPPE DAOU PARA SEU FILHO
ROBERT.

Robert: É minha lembrança de 1944-1945. Não veja nela o valor material que é um relógio chapeado apenas. Uso-o há 21 anos, funcionando sempre como verdadeiro cronometro. E a medalha Milagrosa que estou certo de que me salvou da perigosa operação de 1938. Espero que tu saibas guardar e estimar. Com um abraço que talvez seja último, beija-te teu pai.

24-12-1944

Philippe Daou

ANEXO III – TRADUÇÃO DA REPORTAGEM PUBLICADA NO JORNAL AN-NAHAR,
EM JULHO DE 2007, SOBRE ROBERT DAOU

Domingo, 01 de julho de 2007

ROBERT DAOU PRESIDENTE DO GRUPO DAOU

Robert Daou foi presidente das empresas do Grupo Daou, faleceu, mas até no último momento de sua vida, sentiu no seu coração, a vontade de seus documentos libaneses.

A morte levou um dos melhores descendentes de libaneses na Amazônia (Robert Daou), filho do imigrante libanês, Philippe Daou, nascido em 1906 na cidade de Batroun – Líbano.

Robert Daou nasceu em 1926, na cidade de Manaus, sua mãe chamava-se Brigita Faoul, e suas irmãs chamam-se Ana Maria e Amine. Foi presidente do Grupo Philippe Daou S.A., fundado no início do século passado, cujo fundador chamava-se George Daou, que depois transferiu para o senhor Philippe Daou, seu pai.

Foi uma das primeiras empresas cadastradas na Junta Comercial do Amazonas, o grupo Daou fazia projetos industriais e comerciais no Amazonas e outros estados do Brasil, junto com grandes empresas estrangeiras, por exemplo, a empresa Daou levou a telefonia para o interior do Amazonas (Itacoatiara, Manacapuru e outras). O grupo também atuou na área de transportes fluviais e construções.

Se eu falar tudo que representa o grupo Daou para o Amazonas, teria que usar páginas e mais páginas.

No início do ano 1990, Robert Daou fez um museu, no mesmo prédio onde funciona uma das fábricas do grupo Daou e escritórios. No museu encontra-se arquivos, telegramas e algumas máquinas antigas, que foram usadas no século passado, a primeira televisão que chegou no Amazonas e um dos primeiros computadores, além de telegramas dos governantes de algumas Repúblicas.

Robert Daou casou-se com Maria Lourdes Lima, ganhou dela seis filhos, eles são: Lourdes, Ana Maria, Dulce, Teresa, Jorge e Inês. A gente vai e ficam só as lembranças boas. Conheci o sr. Robert em 1984, na minha primeira visita ao Brasil. Ele me recebeu junto com meus parentes no aeroporto de Manaus. No jantar, eu não falava português, mas o senhor Robert falava francês, então nós pudemos conversar. Ele foi amigo do meu tio Ibrahim, e a amizade não acabou depois do falecimento do meu tio, ele fez questão de continuar a amizade com a família completa.

Fiquei no Brasil um ano e visitava ele sempre, quando voltei ao Líbano, ele me pediu para que eu procurasse alguns documentos libaneses. Quando cheguei no Líbano, juntei alguns documentos, traduzi e enviei-os imediatamente.

Existe uma cópia de um telegrama do Presidente do Líbano, Sr. Bechara Alkhouri, em que ele agradece a colônia libanesa em Manaus pelo apoio à Independência do Líbano.

Quando viajei pela segunda vez para o Brasil, dei para ele um presente que ele gostava muito, um terço. Quando eu ia o visitar, não marcava hora, e a secretária me levava diretamente para o escritório dele, e ele me recebia com muitos abraços e me perguntava qual era a capital do Líbano, e eu o respondia: GHOUSTA, ele sorria e falava que a capital do Líbano é Batroun.

Ele é igual a qualquer libanês que gosta do Líbano, quando eu chegava para conversar ele me pedia logo para tocar uma pedra que ele trouxe da praia de Batroun em 1961, quando ele visitou a terra de origem. Aquela pedra e os terços sempre estavam em cima de sua mesa, nós tomávamos café juntos e

a conversa muito esticada sobre o Líbano e as coisas antigas do grupo Daou, que tinha mais de 100 anos, e ele me falava que aquela mesa era do seu pai, que ele trouxe dos Estados Unidos. Ele gostava de todas as coisas antigas, elas tinham valor, e ele mostrava uma mesa pequena, que tinha a imagem de São Charbel.

Ele tinha bastante orgulho de ser filho de libanês e dava bastante valor às coisas do Líbano, ele sempre estava atento às notícias do Líbano e sempre falava “o meu conselho pra você Jack, é para ficar no Líbano e não abandonar aquela terra boa, de vez em quando venha me visitar”.

O sr. Robert nunca faltou a festas e ou eventos da colônia libanesa e a presença dele chamava muita atenção. Ele foi muito querido entre a colônia libanesa, e o mais importante para ele era reunir a colônia independente de suas religiões ou partidos.

Quando estava preparando a visita do Bispo Joseph Mhfous no Amazonas, em 1992, visitei-o junto com o sr. Victor Seffair, mostrei a ele a lista de convidados e o programa, ele concordou e me disse “eu dou todo o meu apoio, se faltar alguma coisa, me comunique”. Liberou pra gente um carro com um motorista, pelo tempo que o bispo ficasse na cidade. Ele fez a mesma coisa quando chegou o ministro Fares Buez, quando o ministro retornou, ele deu um terço de presente.

Em 2004, o sr. Phelippe Daou visitou o Líbano levando as fotos do templo da família Daou que fica próximo da igreja Santo Estfan, em Batroun, no mesmo tempo que o sr. Phelippe viajou, Robert tinha pedido a ele para fazer a reforma do templo, mas quando fomos visitar, o templo foi encontrado em bom estado, não precisava de reformas e tiramos foto do templo. Uma vez o sr. Robert me contou uma história de quando foi para o Líbano, ele perguntou de uma senhora de idade avançada, “porque a imagem de São Elias está apontando para o mar?”, e ela respondeu estressada “O Santo Elias está apontando para aqueles filhos da família Daou, que foram para o Brasil e não voltaram mais”.

Contou para mim o sr. Phelippe, que uma vez o sr. Robert mandou algumas cartas para a embaixada e consulado de São Paulo e do Rio de Janeiro, reclamando que ele não estava conseguindo a naturalização libanesa. Que bom que os imigrantes que ficam preocupados em voltar para suas origens, mas lutam para conseguir os documentos libaneses.

Uma vez, junto com o sr. Robert, conversando sobre a visita do Papa João Paulo II para o Líbano, o sr. Robert me perguntou “quando o Papa foi lá, ele visitou Batroun?”, respondi, “claro que não”, e com aquele sorriso no rosto, ele me disse “então ele não visitou o Líbano”, e todos ficaram rindo de sua piada.